

MARCOS ROGÉRIO VIEIRA CARDOSO

**ETNOFARMACOLOGIA DE PLANTAS MEDICINAIS
NO ENTORNO DA SERRA DA CANASTRA**

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, para obtenção do título de *Doctor Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2013

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e Classificação da
Biblioteca Central da UFV**

T

C268e
2013 Cardoso, Marcos Rogério Vieira, 1974-
 Etnofarmacologia de plantas medicinais no entorno da Serra da
Canastra / Marcos Rogério Vieira Cardoso. - Viçosa, MG, 2013.
 xv, 134f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui apêndices.

Orientador: Vicente Wagner Dias Casali.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.102-119.

1. Plantas medicinais. 2. Etnofarmacologia. 3. Canastra, Serra da
(MG). I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Fitotecnia.
Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia. II. Título.

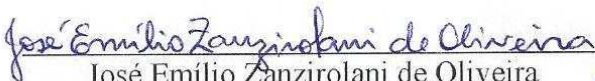
CDD 22 ed. 633.88

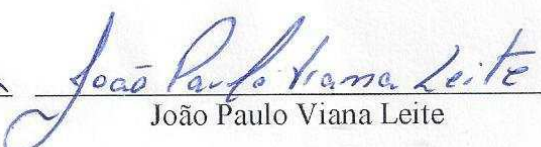
MARCOS ROGÉRIO VIEIRA CARDOSO

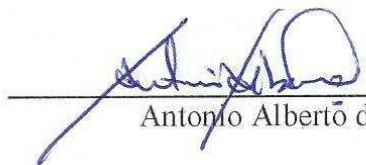
**ETNOFARMACOLOGIA DE PLANTAS MEDICINAIS
NO ENTORNO DA SERRA DA CANASTRA**

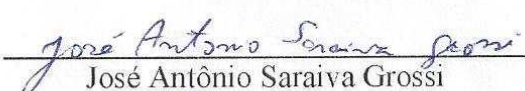
Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia, para obtenção do título de *Doctor Scientiae*.

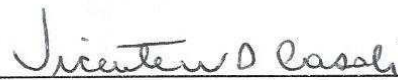
APROVADA: 10 de julho de 2013.


José Emílio Zanzirolani de Oliveira


João Paulo Viana Leite


Antônio Albertão da Silva


José Antônio Saraiva Grossi


Vicente Wagner Dias Casali
(Orientador)

A Deus, que nos fez perfeitos e não escolhe os capacitados, capacita os escolhidos.

À minha esposa Patrícia, pelo carinho, compreensão, estímulo, ajuda
e muito incentivo em todos os momentos deste trabalho.

Às minhas filhas Sofia e Alice, pelo amor incondicional.

Aos meus pais, por participarem comigo em mais uma etapa importante de minha vida.

À maior riqueza de um homem que é a família. Aquele que possui esta riqueza jamais
estará só, e nos momentos difíceis sempre encontrará apoio para continuar caminhando
e vencendo os obstáculos da vida.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Viçosa (UFV) e ao Departamento de Fitotecnia, pela oportunidade de realização do curso e pela contribuição para a minha formação acadêmica.

Ao professor Vicente Wagner Dias Casali, pela importante contribuição na realização do trabalho e pela valiosa contribuição em minha formação acadêmica.

Aos professores coorientadores Tocio Sedyama e Affonso Henrique Lima Zuin, pela ajuda e pelas valiosas contribuições ao enriquecimento desta pesquisa.

Aos municípios de Medeiros e Bambuí, MG, que tão gentilmente abriram as portas, permitindo a realização deste trabalho.

A Alberto Schwaiger Paciulli, profissional da EMATER, pelo apoio e auxílio na coleta dos dados em Medeiros, MG.

À professora Ana Cardoso C.F. Ferreira de Paula, pela valiosa ajuda na identificação botânica das plantas medicinais.

A todos os colaboradores envolvidos na pesquisa, pela atenção e pelas informações valiosas para este trabalho.

BIOGRAFIA

MARCOS ROGÉRIO VIEIRA CARDOSO, filho de Maria de Lourdes Vieira e Marcos Roberto, nasceu em Alfenas, MG, no ano de 1974.

Graduou-se em Nutrição na Universidade de Alfenas (UNIFENAS), em 6 de abril de 2001.

Trabalhou no Centro de Cardiologia do Oeste de Minas (Cardioeste), em Oliveira, MG, com Nutrição Clínica de junho de 2001 a julho de 2005.

No segundo semestre de 2002, ingressou no Programa de Pós-Graduação em Ciência dos Alimentos, na Universidade Federal de Lavras (UFLA), em nível de mestrado, concluindo o curso em 30 de agosto de 2004.

Trabalhou como professor no curso de Nutrição na Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC), Campus de Barbacena e Juiz de Fora, MG.

Atualmente é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – Campus Bambuí (IFMG-BI).

Ingressou, no ano de 2010, no Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia da Universidade Federal de Viçosa (UFV), em nível de doutorado, na linha de pesquisa “Plantas Medicinais, Aromáticas, Condimentares e Ornamentais”, concentrando seus estudos em “Etnobotânica”, com defesa da tese em 10 de julho de 2013.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	vii
LISTA DE QUADROS	viii
LISTA DE FIGURAS	ix
LISTA DE GRÁFICOS	xi
RESUMO	xii
ABSTRACT	xiv
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Objetivos	3
1.1.1. Objetivo geral	3
1.1.2. Objetivos específicos	3
2. REFERENCIAL TEÓRICO	4
2.1. Plantas medicinais: contexto histórico	4
2.2. Etnobiodiversidade	6
2.3. Caracterização do cerrado	7
2.4. Etnobotânica e etnofarmacologia	11
2.5. Políticas públicas de implantação da fitoterapia no SUS	13
3. MATERIAIS E MÉTODOS	16
3.1. Caracterização da área de estudo	16
3.2. Pesquisa	18
3.3. Identificação das espécies	19
3.4. Análise dos dados	23
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
4.1. Características da população estudada	24
4.2. Origem do conhecimento dos informantes	35
4.2.1. Transmissão do conhecimento tradicional sobre plantas medicinais	38
4.3. Características etnobotânicas e etnofarmacológicas das plantas medicinais em Medeiros e Bambuí, MG	41
4.3.1. Identificação das espécies botânicas	41
4.3.2. Ambiente de ocorrência das espécies	43
4.3.3. Coleta e armazenagem	44
4.3.4. Hábitos de crescimento das plantas medicinais	47
4.3.5. Partes vegetais utilizadas	48
4.3.6. Forma de preparo e modo de uso das plantas medicinais	49
4.3.7. Indicações terapêuticas citadas pelas comunidades	52

4.3.8. Plantas medicinais reconhecidas pelo SUS e utilizadas nas comunidades em estudo.....	56
4.3.9. Importância relativa das espécies medicinais.....	60
5. CONCLUSÕES	100
REFERÊNCIAS.....	102
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO UTILIZADO NAS ENTREVISTAS COM PESSOAS RESIDENTES NA REGIÃO DA SERRA DA CANASTRA	120
APÊNDICE B - COLETA DE DADOS MUNICÍPIO MEDEIROS, MG.....	123
APÊNDICE C - COLETA DE DADOS MUNICÍPIO BAMBUÍ, MG	129

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos entrevistados quanto ao sexo, média de idade em anos, média de idade, número e percentagem residentes na área rural e urbana nos municípios de Medeiros, MG e Bambuí, MG	24
Tabela 2 - Ocupação dos informantes em Medeiros, MG, e Bambuí, MG	29

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Características dos entrevistados nas áreas urbanas e rurais em Medeiros, MG, 2011-2012.....	33
Quadro 2 - Características dos entrevistados nas áreas urbanas e rurais em Bambuí, MG, 2011-2012	34
Quadro 3 - Descrição das principais formas de preparo citadas pelos informantes dos municípios de Medeiros e Bambuí, MG	50
Quadro 4 - Frequência das indicações terapêuticas citadas pelos informantes dos municípios de Medeiros e Bambuí, MG	53
Quadro 5 - Relação das plantas medicinais de interesse do SUS e plantas informadas pelos entrevistados em ambos os municípios estudados	57
Quadro 6 - Importância relativa das espécies encontradas em Medeiros e Bambuí, MG, agosto de 2011 a julho de 2012	61
Quadro 7 - Espécies de uso medicinal indicadas pelos informantes nos municípios de Bambuí (B) e Medeiros (M): nome popular, identificação botânica, indicações terapêuticas, partes usadas, forma de preparo, ocorrência, sistema de cultivo, hábito de crescimento e importância relativa (IR).....	64

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização da distribuição dos biomas no mapa brasileiro.....	7
Figura 2 - Área do cerrado dentro do território brasileiro e distribuição espacial das classes de uso da terra no bioma.	9
Figura 3 - Localização do Parque Nacional da Serra da Canastra no estado de Minas Gerais e mapa do parque indicando as principais serras e chapadões	11
Figura 4 - Localização geográfica dos municípios de Medeiros e Bambuí, MG, entorno da Serra da Canastra.	16
Figura 5 - Mapeamento das residências dos entrevistados do município de Medeiros, MG.	21
Figura 6 - Mapeamento das residências dos entrevistados do município de Bambuí, MG.	22
Figura 7 - Senhora CCM mostrando as plantas medicinais em seu quintal em área urbana (Bambuí, MG).	31
Figura 8 - Senhora RCF mostrando as plantas medicinais em seu quintal e jardim, região do Cervo (Medeiros, MG).	32
Figura 9 - Visita à família do Sr. JCB com a apresentação e identificação das plantas medicinais na comunidade rural, região Campo Alegre, Bambuí, MG.	40
Figura 10 - Visão geral do local de armazenagem na residência da Sra. VMLS, informante do município de Medeiros, MG.	46
Figura 11 - Detalhes dos frascos no local de armazenagem na residência da Sra VMLS, informante do município de Medeiros, MG.	46
Figura 1B - Marco de entrada da cidade de Medeiros, MG.	123
Figura 2B - Igreja Matriz de São José da cidade de Medeiros, MG.	124
Figura 3B - Praça central da cidade de Medeiros, MG.	124
Figura 4B - Casa de informante de Medeiros, MG, residente em área rural na região do Cervo.	125
Figura 5B - Casa de informante de Medeiros, MG, residente em área rural na região do Cervo.	125
Figura 6B - Casa do Sr. JL e Sra. EAS: quintal com plantas medicinais, área rural de Medeiros, MG.	126
Figura 7B - Visita ao campo de plantas medicinais com o Sr. JL, na área rural de Medeiros, MG.	126

Figura 8B - Casa do Sr. BJS, área rural de Medeiros, MG.....	127
Figura 9B - Casa do Sr. BJS - horta medicinal na área rural de Medeiros, MG: (a) cana-de-macaco e (b) pé de chuchu.....	127
Figura 10B - Casa do Sr. JAC: (a) vista frontal e (b) detalhe da horta medicinal.	128
Figura 11B - Quintal da casa da Sra. VMLS (informante e referência em plantas medicinais), na zona urbana de Medeiros, MG.	128
Figura 1C - Praça central da cidade de Bambuí, MG.	129
Figura 2C - Sr. JC, coletando dados no campo de cerrado, na área de Campo Alegre, Bambuí, MG.	130
Figura 3C - Casa da Sra. ELLM, área urbana, bairro Lava Pés, Bambuí, MG.	130
Figura 4C - Casa da Sra. EBS, área urbana, bairro Lava Pés, Bambuí, MG.....	131
Figura 5C - Casa do Sr. D, área rural, área Ponte Alta, Bambuí, MG.....	131
Figura 6C - Casa do Sr. JVG, área urbana, bairro Cerrado, Bambuí, MG.	132
Figura 7C - Campo de cerrado com Sr. JVG, Campos, Bambuí, MG.....	132
Figura 8C - Campo de cerrado com Sr. ASB, área rural, região de Pau Ferro, Bambuí, MG.	133
Figura 9C - Casa da Sra. MC (informante da pesquisa): quintal com plantas medicinais, área urbana, Bambuí, MG.....	133
Figura 10C - Casa do Sr. AFS (informante da pesquisa), quintal com plantas medicinais, área urbana, Bambuí, MG.....	134
Figura 11C - Quintal de plantas medicinais da Sra. ARED (informante), na zona rural, região de Araras, Bambuí, MG.....	134

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Nível de escolaridade dos informantes de Medeiros, MG.	26
Gráfico 2 - Nível de escolaridade dos informantes de Bambuí, MG.	26
Gráfico 3 - Renda familiar em salário mínimo (SM) dos entrevistados em Medeiros e Bambuí, MG.	30
Gráfico 4 - Principais famílias botânicas em número de espécies de uso medicinal citadas pelos informantes no município de Medeiros, MG.	42
Gráfico 5 - Principais famílias botânicas em número de espécies de uso medicinal citadas pelos informantes no município de Bambuí, MG.	43
Gráfico 6 - Percentual de plantas cultivadas e nativas utilizadas na fitoterapia em Medeiros e Bambuí, MG.	43
Gráfico 7 - Distribuição dos hábitos de crescimento das plantas de uso medicinal nos municípios de Medeiros e Bambuí, MG.	47
Gráfico 8 - Frequência das partes das plantas medicinais citadas em Medeiros, MG.	48
Gráfico 9 - Frequência das partes das plantas medicinais citadas em Bambuí, MG.	49
Gráfico 10 - Formas de preparo utilizadas em Medeiros, MG.	51
Gráfico 11 - Formas de preparo utilizadas em Bambuí, MG.	51
Gráfico 12 - Número de citações terapêuticas informadas em Medeiros, MG.	55
Gráfico 13 - Número de citações terapêuticas informadas em Bambuí, MG.	55
Gráfico 14 - Frequência de consumo de plantas medicinais citadas pelos informantes em Medeiros e Bambuí, MG.	60

RESUMO

CARDOSO, Marcos Rogério Vieira, D.Sc., Universidade Federal de Viçosa, julho de 2013. **Etnofarmacologia de plantas medicinais no entorno da Serra da Canastra.** Orientador: Vicente Wagner Dias Casali. Coorientadores: Tocio Sedyama e Affonso Henrique Lima Zuin.

Os conhecimentos tradicionais dos usos terapêuticos das plantas medicinais em determinada comunidade podem ser resgatados e utilizados na valorização, conservação da biodiversidade do Cerrado e na elaboração de programas de manejo. Neste sentido foi realizado o levantamento das plantas medicinais utilizadas nos municípios de Medeiros e Bambuí, Minas Gerais, do entorno da região da Serra da Canastra, visando resgatar os conhecimentos tradicionais sobre espécies medicinais e o uso terapêutico. No período de agosto de 2011 a julho de 2012 foram realizadas visitas às casas dos moradores de área rural e urbana com 100 informantes adultos de ambos os sexos, onde foram empregadas as metodologias de observação do participante e aplicado questionário semi-estruturado, com questões referentes aos entrevistados e às plantas citadas. Em ambos os municípios, houve a predominância de mulheres sendo Medeiros (70,0%) e Bambuí (55,0%). No município de Medeiros, a média de idade foi de 61,4 anos entre os homens e as mulheres 58,4 anos. Em Bambuí, a média de idade foi de 68,3 anos entre os homens e as mulheres 64,7 anos. A maioria dos entrevistados em ambos locais relatou ter aprendido no âmbito familiar. Foram catalogadas em Medeiros 272 espécies pertencentes a 91 famílias botânicas e em Bambuí 319 espécies pertencentes a 96 famílias botânicas. As famílias de maior número de espécies foram Asteraceae e Lamiaceae. Com relação ao ambiente de ocorrência, a maioria das plantas eram cultivadas em Medeiros (54,0%) das espécies e Bambuí (55,2%). Quanto ao hábito de crescimento, as plantas herbáceas foram as mais citadas em ambos locais, em Medeiros representaram 51,10% do total seguida, pelas arbóreas com 23,16%. Em Bambuí, as espécies herbáceas foram 46,39% e plantas arbóreas com 28,84%. A parte vegetal mais utilizada nas preparações dos chás foram as folhas (Medeiros com 62,2% e Bambuí com 61,2%) e a forma de preparo infusão é a mais empregada, seguida por decocção. Em ambos os municípios, as indicações terapêuticas com maior número de citações foram doenças do sistema respiratório, problemas renais e afecções gástricas, sendo que em Medeiros foram registradas 73 indicações terapêuticas e Bambuí 72

indicações. O Índice de Importância Relativa das Espécies (IR) do município de Medeiros, MG, foi calculado em relação a 272 espécies. Da mesma forma em Bambuí, MG, foi calculado em relação a 319 espécies. A maior parte das espécies de ambos municípios os valores do (IR) foram classificadas entre 0 a 24 como pouco utilizadas. As espécies com maior uso: erva-cidreira (*Cymbopogon citratus* (DC) Stapf.), arnica mineira (*Lychnophora pinaster* Mart.), mane turé/rubim (*Leonurus sibiricus* L.) e quebra-pedra-rasteira (*Euphorbia prostrata* Aiton).

ABSTRACT

CARDOSO, Marcos Rogério Vieira, D.Sc., Universidade Federal de Viçosa, July, 2013. **Ethnobotanic and ethnopharmacology of medicinal plants surrounding Serra da Canastra.** Adviser: Vicente Wagner Dias Casali. Co-advisers: Tocio Sedyama and Affonso Henrique Lima Zuin.

Traditional knowledge of the therapeutic uses of medicinal plants in a given community can be redeemed and used in the recovery and conservation of the biodiversity of the Cerrado and the development of management programs. In this sense a study of medicinal plants used in the municipalities of Medeiros and Bambuí, Minas Gerais, the region surrounding the Serra da Canastra, aiming to recover the traditional knowledge of medicinal plants in therapeutic use was performed. From August 2011 to July 2012 visits were made to the residents of rural and urban areas which consisted of 100 adults of both sexes, where applied participant observation methodologies were employed and semi-structured questionnaire with questions regarding the uses of plants. In both cities there was a predominance of women being 70.0% from Medeiros and 55.0% from Bambuí. In Medeiros, the mean age was 61.4 years among men and 58.4 years among women. In Bambuí, the mean age was 68.3 years among men, and 64.7 years for women. Most respondents in both locations reported to have learned the usage of plants from the family. In Medeiros 272 species belonging to 91 botanical families and in Bambuí 319 species belonging to 96 plant families were catalogued. The families of most species were Asteraceae and Lamiaceae. In respect of the plants occurrence most plants were cultivated in Medeiros (54,0%) and in Bambuí (55,2%). Regarding the habit of growth, herbaceous plants are the most recognized in both places, Medeiros accounted for 51,10% of the total, followed by 23,16% with trees. Bambuí herbaceous species were 46,39% and 28.84% with woody plants. The plant part used in most preparations of tea leaves were (Medeiros 62.2% and 61.2% in Bambuí) and infusion is the most used way to prepare, followed by decoction. In both municipalities indications with the highest number of citations were diseases of the respiratory system, kidney problems and stomach disorders, in Medeiros 73 therapeutic indications were recorded in and Bambuí 72 indications. The Index of Relative Importance of Species (IR) in the city of Medeiros, MG, was calculated for 272 species. Likewise in Bambuí, MG, was calculated for 319 species. Most species of both values (IR) were rated from 0 to 24 as

slightly used. The species with the highest use: lemon balm (*Cymbopogon citratus* (DC) Stapf.); arnica mining (*Lychnophora pinaster* Mart.); mane turé/rubim (*Leonurus sibiricus* L.); brain-stone undergrowth (*Euphorbia prostrata* Aiton).

1. INTRODUÇÃO

A utilização de plantas medicinais com fins terapêuticos é prática tão antiga quanto a humanidade. No decorrer da história os humanos sempre recorriam aos recursos da natureza, visando aprimorar a sua condição de vida e garantir a sua sobrevivência (LORENZI; MATOS, 2002).

Aos poucos as plantas foram sendo selecionadas e classificadas e surgiram as técnicas de cultivo. As plantas com valores terapêuticos eram usadas de forma empírica e tradicional e o conhecimento foi passado de geração a geração (JACOBY et al., 2002).

O emprego de plantas medicinais na manutenção e na recuperação da saúde tem ocorrido ao longo dos tempos nas formas mais simples de tratamento até a alta tecnologia na produção de medicamentos industriais. Porém há enormes diferenças entre as duas maneiras de uso. Em ambos os casos o ser humano realizou estudos e descobriu compostos bioativos que causam reações benéficas ao organismo (LORENZI; MATOS, 2008).

Sheldon et al. (1997) reconhecem que a medicina moderna está desenvolvida na maior parte do mundo, porém grande parte da população dos países em desenvolvimento depende da medicina tradicional. Na atenção primária, 80% desta população utilizam práticas tradicionais e fazem uso de plantas medicinais, incorporadas na medicina tradicional.

Atualmente há crescente interesse por produtos derivados das plantas medicinais e, nesse aspecto, o Brasil é privilegiado, sendo detentor de grande diversidade biológica. Estima-se que no país existam entre 10 a 20% do total de um milhão e meio de espécies já catalogadas na Terra. Das espécies de plantas registradas no Brasil, 55 mil espécies foram classificadas sendo inúmeras espécies com potencial medicinal, que é empregado, de forma direta no tratamento de doenças (BORSATO et al., 2009).

De acordo com Bragança e Bragança (1996), boa parte das plantas empregadas com fins medicinais pode ainda não estar registrada nos compêndios de terapêutica e farmacologia, mas estão vivas nas florestas, hortas, campos e jardins, conhecidas e experimentadas pela população. É sabido que a partir da interação homem-ambiente, surgiu o conhecimento popular que acompanha o ser humano desde os primórdios da civilização, compondo a medicina popular regional fundamentada no acúmulo de informações repassadas através de gerações (FRANCO; BARROS, 2006).

No Brasil, a utilização de plantas medicinais como alternativa terapêutica é resultante da forte influência cultural dos indígenas, das tradições africanas e da cultura européia (ALMEIDA, 2000).

Os conhecimentos tradicionais dos usos mais comuns de plantas medicinais podem ser resgatados. Estes estudos são denominados de etnobotânica são definidos como exploração científica interdisciplinar dos agentes biologicamente ativos, tradicionalmente empregados ou observados pelo homem (BRUHN; HOLMSTEDT, 1982).

Segundo Silva et al. (2010), na obtenção de princípios ativos de plantas, um dos principais aspectos a serem observados consiste nas informações da medicina popular, estudadas pela etnobotânica e etnofarmacologia. Portanto a probabilidade é maior de encontrar atividade biológica em plantas da medicina popular do que em plantas escolhidas ao acaso (YUNES, 2001).

Nesse contexto, pela grande biodiversidade, e de ocorrência pelo menos 600 espécies medicinais, os povos do Cerrado brasileiro, representam importante fonte de conhecimento popular (NETO; MORAIS, 2003). O cerrado ocupa área de aproximadamente 1,8 milhão de km² (cerca de 21% do território brasileiro) e corta diagonalmente o país no sentido nordeste-sudoeste. A maior parte do cerrado está em Minas Gerais. O Parque Nacional da Serra da Canastra está no cerrado e abriga a nascente do rio São Francisco (AGUIAR et al., 2004).

O cerrado é detentor de expressivo potencial de plantas com fins terapêuticos, porém requer especial atenção, novas pesquisas e incentivos objetivando o uso racional pela população (MYERS et al., 2000).

Está crescendo o interesse do povo e das instituições do ramo farmacêutico pelas plantas medicinais. A fitoterapia no Brasil é incentivada pelo Ministério da Saúde, devido à eficiência comprovada e baixo custo. O avanço e a Portaria do Ministério da Saúde de nº 971, de 03 de maio de 2006, que estabelece a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 2006a). Nas diretrizes da política consta a relação nacional de plantas medicinais e fitoterápicos. Em 2006, o Decreto Federal nº 5.813 de 22 de junho de 2006 instituiu a “Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos”, que incentiva as pesquisas e estabelece as diretrizes da implantação de serviços pelas Secretarias de Saúde dos Estados, Distrito Federal e dos Municípios (BRASIL, 2006b).

Novos avanços dependem de tecnologias apropriadas sobre o cultivo e manejo de melhoramento genético que possibilite o desenvolvimento de variedades mais produtivas e de conservação dos recursos naturais, evitando o extrativismo (RODRIGUES et al., 2002; MARTINS, 2005).

1.1. Objetivos

1.1.1. Objetivo geral

Realizar o levantamento Etnofarmacológicos das plantas medicinais nos municípios Medeiros e Bambuí em Minas Gerais, localizados no entorno da Serra da Canastra, visando resgatar os conhecimentos tradicionais.

1.1.2. Objetivos específicos

- Descrever as características etnofarmacológicas das plantas medicinais.
- Resgatar atributos sócio-culturais do conhecimento popular sobre as plantas medicinais na região.
- Verificar a forma de obtenção, de preparo, de administração e as principais indicações terapêuticas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Plantas medicinais: contexto histórico

"Planta medicinal é aquela que contém um ou mais princípio ativo que lhe confere atividade terapêutica". As plantas sintetizam, acumulam compostos químicos e substâncias ativas. Muitos desses compostos podem provocar reações nos organismos, e são denominados princípios ativos (ROCHA, 1998; AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA - ANVISA, 2000; MARTINS et al., 2003).

De acordo com Martins et al. (2003), as plantas medicinais atuam no combate de doenças, destroem ou inibem o desenvolvimento de agentes patogênicos, purificam o organismo estimulando ou normalizando o funcionamento dos órgãos, aliviam os sintomas locais e aumentam a resistência do organismo, estimulam as defesas naturais e suprem a falta de certos elementos nutritivos, além de promoverem a recuperação e a manutenção do organismo.

A utilização das plantas com fins medicinais é tão antiga quanto a própria humanidade. Os antigos sacerdotes egípcios, assírios e hebreus, assim como os gregos e romanos já empregavam as plantas medicinais como forma de tratamento. As culturas chinesa e indiana, desde a antiguidade, aproveitam os benefícios das plantas medicinais. Na Idade Média, os monges tinham o próprio jardim onde eram cultivadas essas plantas curativas, e até o século XVIII foi a forma mais utilizada em tratamentos médicos (DISTASI, 1995; MARTINS et al., 2003; ALMASSY JUNIOR et al., 2005).

A procura por fitoterápicos está crescendo nos últimos anos. O uso de plantas medicinais nos países em desenvolvimento, na grande maioria, é resultante da dificuldade de acesso aos medicamentos farmacológicos e do baixo efeito colateral (MATTOS et al., 2007).

Assim, as plantas medicinais, que, no passado, representavam o principal meio terapêutico conhecido, continuam sendo empregadas de forma direta no tratamento de doenças e como matéria-prima de medicamentos (BORSATO et al., 2009). É de tal importância na saúde que o uso e as pesquisas sobre as plantas medicinais, estão sendo incentivadas, desde 1977, pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (LOGUERCIO, 2005).

No Brasil a fitoterapia é incentivada pelo Ministério da Saúde (IBPM, 2006), devido à comprovada eficiência e baixo custo operacional. Em 1994 o mercado

movimentou US\$ 550 milhões. No período de novembro de 2003 a outubro de 2006, o mercado de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil faturou R\$ 1,8 bilhões. De acordo com Queiroz (2012), as estimativas é que os medicamentos fitoterápicos deverão movimentar US\$ 93,5 bilhões em 2015 no mundo. Apesar das estatísticas referentes a plantas medicinais serem pouco descritivas e imprecisas é possível notar a importância na economia do Brasil (NEVES, 2001; YAMAMOTO, 2006).

Originado do grego, fito, deriva de *phytos* e significa “plantas”, e terapia vêm de *therapeuein*, que quer dizer “cuidar, curar alguém”. Assim a fitoterapia é caracterizada pelo uso de plantas medicinais em suas diversas formas: plantas medicinais, drogas vegetais, e preparados delas obtidos, sem a utilização de substâncias ativas isoladas, ainda que de origem vegetal, com finalidade profilática, curativa ou com fins de diagnóstico, com benefício ao usuário (SARTI; CARVALHO, 2004).

O interesse de pesquisadores na área de plantas medicinais está aumentando com o objetivo de ampliar o conhecimento botânico ecológico, genético, medicinal, cosmético e industrial (ABADIE et al., 2005). De acordo com Mossi (2003), no Brasil a biodiversidade foi estimada em 50 mil espécies, porém apenas pequena parte das plantas nativas com potencial farmacológico foi devidamente estudada.

Embora a diversidade biológica represente enormes possibilidades científicas, econômicas e culturais, os avanços dependem da disponibilidade de tecnologias de cultivo, conhecimento de cada espécie, melhoramento genético e a conservação dos recursos naturais (RODRIGUES et al., 2002; MARTINS, 2005). No Brasil a exploração de recursos genéticos de plantas medicinais está relacionada, na sua grande parte, à coleta extensiva e extrativa (FRANCO; BARROS, 2006).

O consumo indiscriminado das plantas medicinais e a ação antrópica provocam devastação de ecossistemas, por isso no máximo 5% destas plantas serão pesquisadas antes de serem extintas (MOSSI, 2003).

Segundo Silva et al. (2010), a obtenção de substâncias ativas em plantas medicinais depende das informações da medicina popular. É mais fácil encontrar atividade biológica em plantas da medicina popular, do que em espécies casualizadas (YUNES, 2001).

Atualmente, estudos científicos visam validar as informações populares referentes ao uso de plantas medicinais, por meio do desenvolvimento de técnicas de identificação, isolamento, produção e cultivo de drogas (origem vegetal), biogênese de

princípios ativos e outros métodos que possibilitam o melhoramento dos produtos de origem vegetal (GURIB-FAKIM, 2006; FIRMO et al., 2011).

2.2. Etnobiodiversidade

De acordo com Sbazó (1997), “etnobiodiversidade” é a diversidade biológica influenciada pelas condições ecológicas, pelas tradições culturais e pelos conhecimentos acumulados em comunidades humanas.

A biodiversidade pertence tanto ao domínio do natural, mas é a cultura enquanto conhecimento que permite as populações tradicionais entendê-la, representá-la, manuseá-la, retirar espécies, colocar outras e frequentemente enriquecê-la (DIEGUES, 2000a)

Segundo Barbosa (2004), recursos naturais utilizados e conservados por comunidades tradicionais podem ser de vários tipos. Grupos humanos tradicionais podem ter relação mais forte com recursos animais (peixes, insetos, mamíferos, aves) e/ou vegetais (espécies medicinais, alimentícias, palmeiras para uso como fibra, corantes, venenos). Também são comuns recursos naturais de uso múltiplo.

Na Amazônia, índios e agricultores, ao longo da história, contribuem com o aumento da diversidade biológica com a domesticação e com o processo de conhecimento passado adiante (BALÉE, 1993).

Clement (1999) relata que o uso das plantas por comunidades humanas gera a co-evolução a partir da seleção de fenótipos. A domesticação das espécies tem como objetivo a seleção de genótipos cada vez mais úteis e melhor adaptados aos ambientes antrópicos.

O Brasil é considerado o país de maior diversidade do planeta o que o torna alvo de discussões sobre a forma de utilização econômica das plantas (KLINK; MACHADO, 2005). No Brasil estão 10% a 20% das espécies conhecidas na Terra, 170 a 210 mil espécies dos prováveis dois milhões de todo planeta (COSTA et al., 2002; OLIVEIRA, 2008).

A biodiversidade pode ser importante na consolidação do território e na formulação de estratégias de desenvolvimento articulando nova relação entre natureza e sociedade em contextos globais da ciência, da cultura e da economia (ALMEIDA, 2003).

Quanto à manutenção da biodiversidade há pontos importantes que devem ser abordados (SZABÓ, 1996, apud KFFURI, 2008):

- proteger a diversidade de plantas e a diversidade cultural preservada por grupos étnicos.
- proteger as culturas tradicionais que colaboram na conservação da diversidade biológica.

2.3. Caracterização do cerrado

O Brasil é o país com maior biodiversidade da Terra, e é dividido em sete grandes biomas totalizando 49 ecorregiões (WWF, 2000). As distribuições dos biomas brasileiros estão ilustradas na Figura 1.



Fonte: IBGE (2004).

Figura 1 - Localização da distribuição dos biomas no mapa brasileiro.

Cerrado é a denominação espanhola que significa fechado, termo que tenta caracterizar o aspecto geral da vegetação arbustivo - herbácea densa (ALMEIDA et al., 1998).

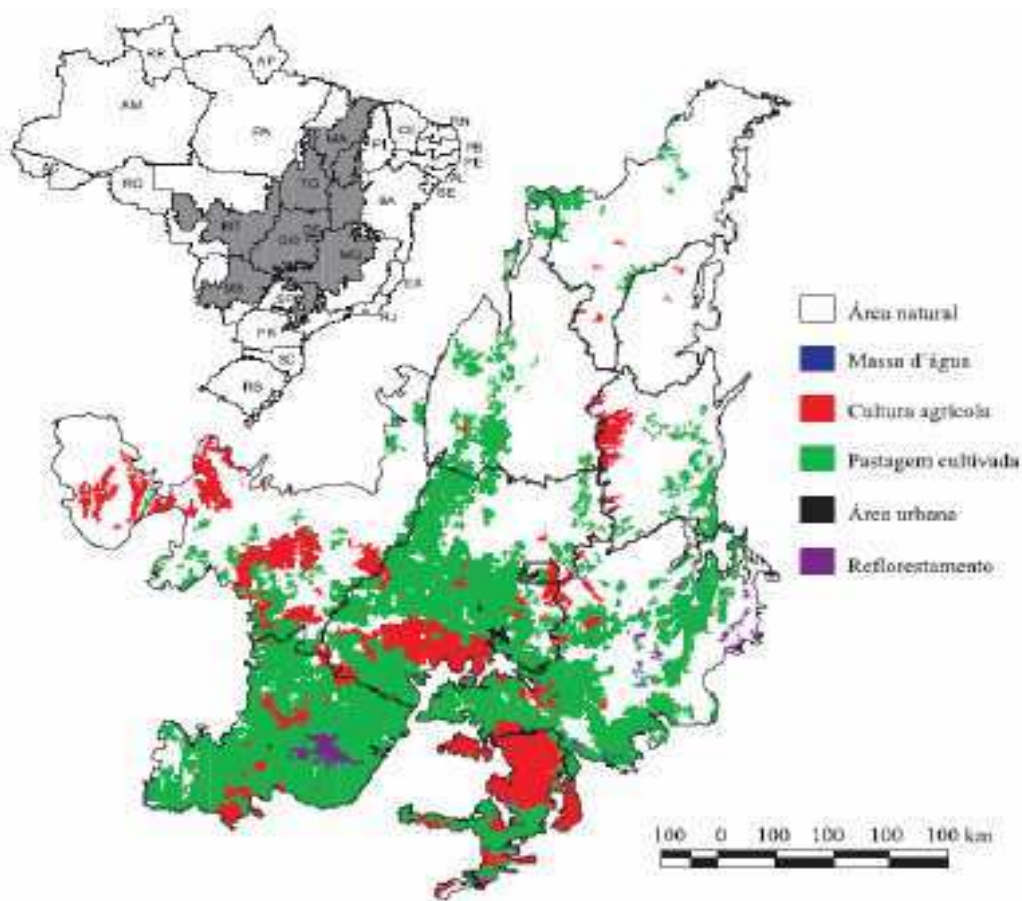
O bioma cerrado é o segundo maior bioma do Brasil em área, apenas superado pela floresta amazônica, possui cerca de 200 milhões de hectares (RIBEIRO; WALTER, 1998; IBGE, 2011). Está localizado predominantemente no Planalto Central do Brasil, abrangendo mais da metade dos estados de Goiás (97%), Maranhão (65%), Mato Grosso do Sul (61%), Minas Gerais (57%) e Tocantins (91%) (IBGE, 2004). Outras porções são encontradas em parte dos estados da Bahia, Ceará, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Piauí, Rondônia e São Paulo, caracterizando as áreas contínuas do bioma e ainda pequenas áreas, as quais representam áreas isoladas, indo do norte nos estados do Amapá, Amazonas, Pará, Roraima até ilhas no Paraná (IBGE, 1993).

Apenas 1,99% destas áreas são protegidas por parques e reservas federais, percentual muito abaixo quando comparado com a média geral de 6% (WWF, 2000). Dentre os biomas brasileiros, o Cerrado é responsável por 5% da biodiversidade. O cerrado é destacado pela flora, estimada em aproximadamente dez mil espécies (MENDONÇA et al., 1998; VILA VERDE et al., 2003).

O cerrado contém pelo menos 6.000 espécies de plantas, com valor alimentício e medicinal (BORGES; ALMEIDA, 2008). Esta diversidade destaca-se pela grande quantidade de espécies potencialmente econômicas que inclui as alimentícias, medicinais, ornamentais, forrageiras, apícolas, produtoras de madeira, cortiça, fibras, óleo, tanino, matéria prima de artesanato e outros bens, evidenciando a importância no desenvolvimento regional (FELFILI et al., 2004).

O cerrado é o segundo maior bioma brasileiro explorado e devastado e mais modificado pela ação antrópica. Está entre os mais ameaçados reservatórios de vida animal e vegetal no planeta (MITTERMEIER et al., 1998, SILVANO et al., 2003; KLINK; MACHADO, 2005; CONSERVATION INTERNATIONAL, 2010; MORAIS et al., 2012).

Da área do cerrado, 67% foram muito modificadas pela utilização antrópica, seja pela agricultura ou pecuária. Cerca de 20% é de vegetação original e 1% da área é de preservação. As áreas do cerrado brasileiro estão na Figura 2 (SANO et al., 1998).



Fonte: Sano et al. (1998).

Figura 2 - Área do cerrado dentro do território brasileiro e distribuição espacial das classes de uso da terra no bioma.

A criação de áreas de proteção é estratégica e garante a conservação de espécies da flora e da fauna. Além da conservação da mata original protege também os recursos hídricos e preserva ampla diversidade genética (GIACOMETTI; CORADIN, 1996).

O cerrado não é uniforme, pois tem inclusões de campo limpo de florestas perenifólias, subperenifólias e mesófilas em suas várias gradações de cerradão (floresta xeromorfa) e às vezes de campos rupestres (campos pedregosos de altitude) (FERREIRA, 1980). A região da Canastra se insere no bioma cerrado e está localizada no sudoeste do Estado de Minas Gerais. Ao norte limita com a região do Triângulo Mineiro, ao sul com a região do Lago de Furnas e a oeste com a região centro-oeste de Minas (Figura 3). Suas coordenadas são 47°30' de longitude Oeste, 45°30' de longitude Leste, 19°45' a 20°34' de latitude Sul. Está próxima a grandes centros consumidores.

Pela grande quantidade de água e pelo clima ameno, a região tem na agropecuária uma das principais fontes de riqueza (EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL DE MINAS GERAIS – EMATER-MG, 2004).

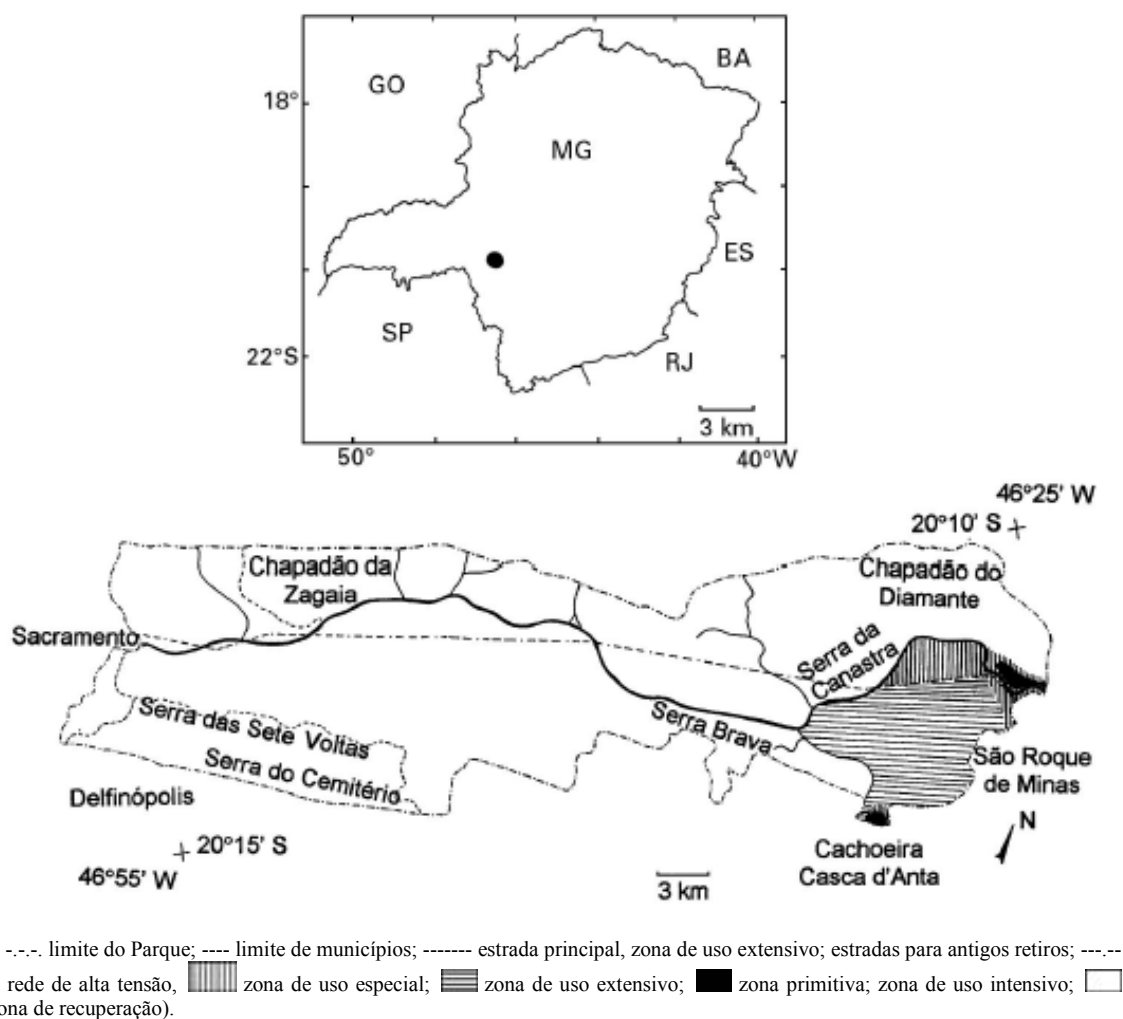
Serra da Canastra é a denominação que caracteriza a semelhança entre o imenso chapadão e o formato de grande baú, que os antigos chamavam canastra (EMATER-MG, 2004; FOLHA DA CANASTRA, 2013).

O clima da Serra da Canastra é classificado como tropical de altitude. A média varia de 17°C em julho a 23°C em janeiro, com máxima registrada de 38°C. As chuvas na região estão distribuídas entre os meses de outubro a março, com índice pluviométrico entre 1.300 mm a 1.700 mm, com a maior parte das chuvas concentrada no período de dezembro a fevereiro, inverno seco e verão úmido. O relevo, constituído de chapadões de altitude, permite inúmeras nascentes e cachoeiras. A altitude na região da Canastra varia de 900 a 1.496 metros (FOLHA DA CANASTRA, 2013).

No início, a colonização foi consequência da procura de minerais raros. Os primeiros habitantes descendem dos índios Caiapós e Cataguases, além dos quilombos que foram numerosos por toda a região. Famílias oriundas de São João Del Rei, Barbacena e do Sul de Minas vieram na busca de diamantes e outras pedras preciosas (EMATER-MG, 2004).

O Parque Nacional da Serra da Canastra, que abriga a nascente do rio São Francisco, foi criado pelo Decreto nº 70.355, em 1972 (BRASIL, 1972). O parque está localizado na região sudoeste do Estado de Minas Gerais, composta pelos municípios de São Roque de Minas, Sacramento e Delfinópolis, totalizando a superfície de 71.525 hectares é o divisor de águas entre as grandes bacias do rio Paraná e do rio São Francisco (BRASIL, 2005).

A Serra da Canastra dá nome ao Circuito Turístico que reúne 11 cidades que estão em torno da serra: Araxá, Bambuí, Campos Altos, Ibiá, Medeiros, Perdizes, Sacramento, São Roque de Minas, Tapira, Tapiraí e São João Batista do Glória (SOUZA; COSTA, 2006). Na Figura 3 está a Localização do Parque Nacional da Serra da Canastra, no Estado de Minas Gerais, e o mapa do Parque indicando as principais serras, chapadões e limites.



Fonte: Romero e Nakashima (2011).

Figura 3 - Localização do Parque Nacional da Serra da Canastra no estado de Minas Gerais e mapa do parque indicando as principais serras e chapadões

2.4. Etnobotânica e etnofarmacologia

De acordo com a história da humanidade, os homens sempre mantiveram relações com o ambiente onde viviam. A interação homem plantas é diversa (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002). Segundo Jorge e Moraes (2002), no decorrer da história, o ser humano acumulou informações sobre o ambiente e esse conhecimento foi originado da observação sistemática dos fenômenos e das características da natureza, da experimentação empírica desses recursos.

Segundo informações da Organização Mundial de Saúde (OMS), 60% da população mundial utilizam remédios tradicionais. Entre as práticas consideradas tradicionais é destaque o uso de produtos à base de plantas medicinais (OMS, 2002).

No Brasil, o uso de ervas no tratamento de doenças é registrado desde a época do descobrimento. Os colonizadores observavam e anotavam o uso frequente de ervas pelos índios (MARQUES, 1999). Com início da industrialização e urbanização do país, o conhecimento tradicional das plantas medicinais foi colocado em segundo plano (ARRUDA et al., 2010).

Na atualidade, o conhecimento e uso das plantas medicinais são importantes especialmente no Brasil, pois o território brasileiro abriga rica flora, porém 99% são desconhecidas quimicamente (GOTTLIEB et al., 1998). O Brasil tem a maior biodiversidade do planeta e rica diversidade étnico/cultural que detém valioso conhecimento tradicional, passado de geração a geração, com destaque aos conhecimentos sobre plantas medicinais (BRASIL, 2006a).

O conhecimento das plantas medicinais é frequentemente o único recurso terapêutico de várias comunidades e grupos étnicos (MACIEL, 2002). Atualmente, pesquisas etnobotânicas e etnofarmacológicas geram importantes documentos dos usos empíricos de plantas medicinais em comunidades tradicionais (JUNIOR et al., 2010). Levantamentos realizados nas matas brasileiras são fontes promissoras de novas drogas, pois o Brasil possui altos índices de biodiversidade e endemismo associados à miscigenação intensa que resultou em riqueza considerável de conhecimentos (RODRIGUES; CARLINI, 2003).

A etnobotânica, como ciência, contribui na conservação das plantas e possibilita a compreensão da dinâmica social, das instituições e dos valores atribuídos aos recursos. De acordo com Ming (1995), o conceito de etnobotânica é bem amplo, pois abrange todos os aspectos da relação do ser humano com as plantas: uso material, conservação, uso cultural, desuso, símbolos de culto, folclore, tabus e plantas. Compreendem o estudo das sociedades humanas, passadas e presentes, suas integrações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais com as plantas (BECK; ORTIZ, 1997). Estes estudos contribuem consideravelmente com a descoberta de usos das plantas a partir do conhecimento popular (AMOROZO, 1996).

A Etnofarmacologia estuda as sociedades humanas passadas e presentes, inter-relações ecológicas, evolucionárias e simbólicas (ALEXIADES, 1996; JORGE; MORAIS, 2003; ALMASSY JUNIOR, 2004). A Etnofarmacologia, ramo da

Etnobiologia/Etnobotânica, abrange as práticas médicas, especialmente de remédios usados em sistemas tradicionais da medicina (ELIZABETSKY, 1999). A abordagem etnofarmacológica consiste em combinar informações adquiridas com usuários da flora medicinal (comunidades e especialistas tradicionais), com estudos químicos e farmacológicos (ELIZABETSKY, 2003). Os recursos vegetais com finalidade terapêutica são comuns em comunidades e povoados, sem recursos médicos (JUNIOR; CONCEIÇÃO, 2010).

Junior et al. (2010) e Dores et al. (2010) admitem que o acesso e registro do conhecimento tradicional, por meio da etnobotânica e etnofarmacologia, são fundamentais no desenvolvimento de novos fármacos.

Em virtude do impacto causado pela agropecuária e pelo acelerado processo de industrialização, a flora do Cerrado está profundamente alterada, assim como a cultura popular (MOREIRA; GUARIM-NETO, 2009)

2.5. Políticas públicas de implantação da fitoterapia no SUS

O tratamento de saúde utilizando plantas medicinais sempre esteve na história da humanidade. Se durante algumas décadas do último século, em grande parte dos países ocidentais, a fitoterapia foi considerada tratamento atrasado e ineficiente, hoje desponta como forma de reequilíbrio orgânico, mental e emocional muito procurada (ALMASSY JUNIOR et al., 2005).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, cerca de 85% das pessoas utiliza plantas medicinais, 80% destas pessoas dos países em desenvolvimento dependem da medicina tradicional e, ou, complementar nas necessidades básicas de saúde, e 85% da medicina tradicional envolve o uso de extratos de plantas (SOLER, 2000).

A Política Nacional de Saúde preconiza que deverá ser continuado e expandido o apoio às pesquisas sobre o aproveitamento do potencial terapêutico da flora nacional, enfatizando a validação de suas propriedades terapêuticas (BRASIL, 1998).

Segundo a Resolução RDC nº 14, de 31 de março de 2010, emitida pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde (ANVISA, 2010), os fitoterápicos são obtidos com emprego exclusivo de matérias-primas ativas vegetais, cuja eficácia e segurança são validadas por meio de levantamentos etnofarmacológicos, de utilização, documentações tecnocientíficas ou evidências clínicas. São caracterizados

pelo conhecimento da eficácia e dos riscos de seu uso, assim como pela reprodutibilidade e constância de sua qualidade. Não é considerado medicamento fitoterápico quando na composição houver substâncias ativas isoladas, de qualquer origem (ANVISA, 2010).

Várias ações foram desenvolvidas entre o Ministério da Saúde e órgãos governamentais e não-governamentais na regulamentação do uso de plantas medicinais e derivados, com destaque à Proposta de Política Nacional de Plantas Medicinais e Medicamentos Fitoterápicos (2001), o “Seminário Nacional de Plantas Medicinais, Fitoterápicos e Assistência Farmacêutica” (2003), o Diagnóstico Situacional de Programas de Fitoterapia no SUS (2004/05). Em 15 de dezembro de 2005, o Conselho Nacional de Saúde aprovou a Política Nacional de Medicina Natural e Práticas Complementares no Sistema Único de Saúde (SUS). Foi renomeada “Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS”. Há o grupo de Trabalho Interministerial que elaborou a Proposta de Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (BRASIL, 2006).

Em 22 de junho de 2006 houve avanço importante nessa área pelo Governo Federal com o Decreto n. 5.813 (BRASIL, 2006), que aprovou a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF), com objetivo de garantir à população o acesso seguro e racional de plantas medicinais e de fitoterápicos. A PNPMF abrange desde o cultivo da planta medicinal, a pesquisa farmacológica, a produção do fitoterápico, esclarecimentos à população, desenvolvimento tecnológico e, inclusive, exportação de produtos obtidos de plantas medicinais.

A Portaria Interministerial nº 2960, de 9 de dezembro de 2008, aprovou o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e o Comitê Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, responsável pelo monitoramento e avaliação do Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (BRASIL, 2009).

Portanto, a partir de 2006, a Fitoterapia, com base legal em Políticas de plantas medicinais e de práticas integrativas e complementares e, em 2008, do Programa Nacional de Plantas Medicinais (BRASIL, 2006a; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009), passou a constituir terapêutica clínica no SUS, via reconhecimento das Farmácias-vivas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010). Assim, pode ser prescrita à população atendendo as necessidades básicas de saúde. A fitoterapia é prioritariamente aceita em função da facilidade de acesso, do baixo custo e da compatibilidade cultural com as tradições populares.

Em fevereiro de 2009 foi publicada a Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse do Sistema Único de Saúde (RENISUS) na atenção básica contendo 71 espécies vegetais indicadas e reconhecidas no uso terapêutico da população. A lista de plantas de interesse do SUS direciona a pesquisa, o ensino, favorece a prescrição por profissionais de saúde (BRASIL, 2009).

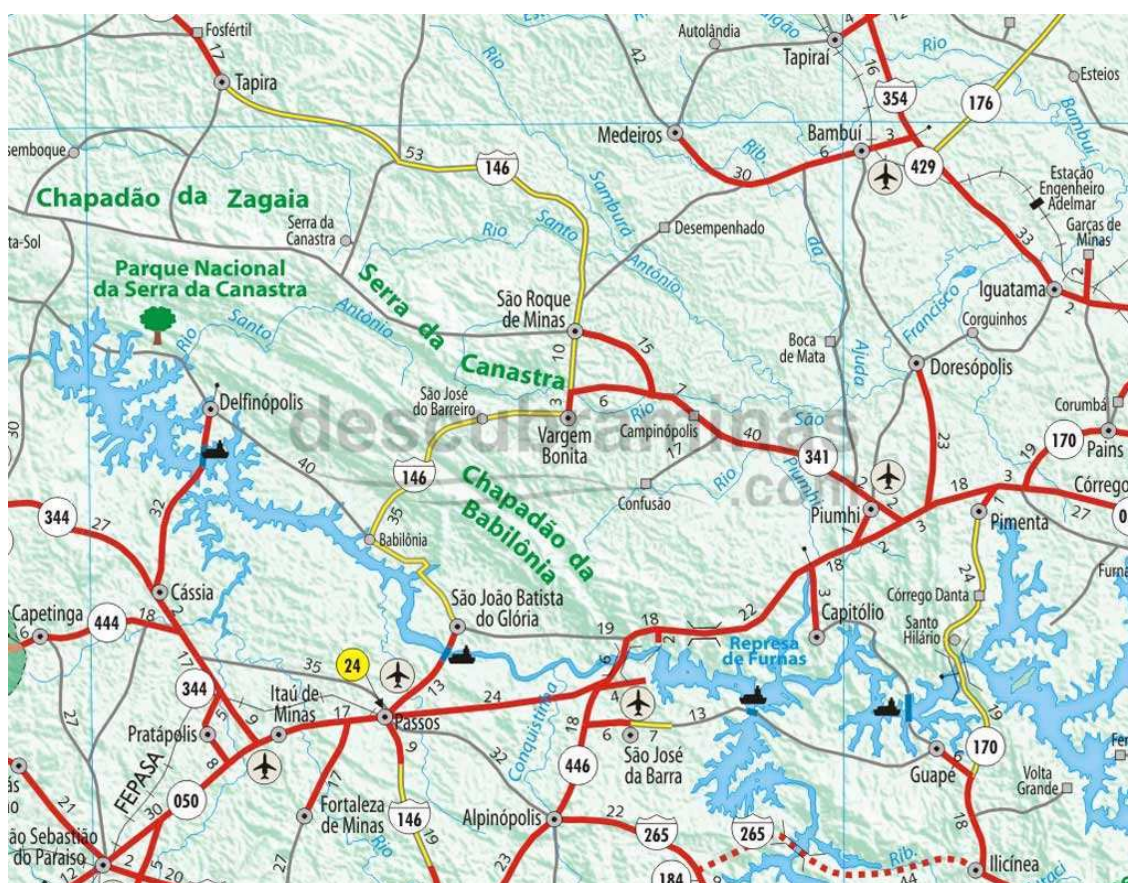
A finalidade do RENISUS é subsidiar o desenvolvimento da cadeia produtiva, inclusive nas ações que serão desenvolvidas também pelos outros ministérios participantes no Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, relacionadas à regulamentação, cultivo, manejo, produção, comercialização e dispensação de plantas medicinais e fitoterápicos orientar estudos e pesquisas que possam subsidiar a elaboração da Relação Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, o desenvolvimento e a inovação na área de plantas medicinais e fitoterápicos (BRASIL, 2009).

Dentre as 71 espécies vegetais publicada pelo RENISUS, sete fitoterápicos são oferecidos na rede pública de saúde, tais como: alcachofra, aroeira, cáscara sagrada, garra do diabo e unha de gato. São indicados no tratamento, respectivamente, de dores abdominais relativas ao fígado, problemas ginecológicos, prisão de ventre, dores lombares e artrose, alívio de sintomas e artrite reumatóide. Há seis anos, a população já encontra na rede pública de saúde fitoterápicos à base de espinheira santa destinados a gastrites e úlceras e guaco, específico de tosse e gripes (BRASIL, 2009).

3. MATERIAIS E MÉTODOS

3.1. Caracterização da área de estudo

Os dados foram coletados nas comunidades rurais e urbana em dois municípios mineiros: Medeiros e Bambuí. A região é caracterizada pelo bioma cerrado e localizada no centro oeste do estado de Minas Gerais no entorno da Serra da Canastra, onde está situado o Parque Nacional da Serra da Canastra, abrigando a nascente do rio São Francisco (Figura 4). O Parque foi criado pelo decreto 70.355, em 1972. A altitude é 900 a 1.496 metros, a média da temperatura no mês mais frio (julho) é de 17°C e nos meses mais quentes (janeiro e fevereiro) é de 23°C. O Parque está situado no divisor de águas das grandes bacias do rio Paraná e do rio São Francisco (IBGE, 2011).



Fonte: SENAC-MINAS (descubraminas.com), 2012.

Figura 4 - Localização geográfica dos municípios de Medeiros e Bambuí, MG, entorno da Serra da Canastra.

O município de Medeiros possui a área total 947,09 km². A sede está entre as coordenadas: Latitude 19°59'44"S e Longitude 46°13'34"W. Está situada a 33,8 km de Tapiraí, 38 km de Bambuí, 95,6 km de Ibiá, 45 km de Pratinha, 55,9 km de São Roque de Minas, 62 km do Parque Estadual da Serra da Canastra, onde faz limites com respectivos municípios citados e está a 305 km de Belo Horizonte. Os acessos rodoviários a Medeiros são por meio das rodovias MG-050, BR-354 e BR-262. A altitude média do município de Medeiros, MG, é de 922 m, com máxima de 1.278 metros na Serra da Moranga, 950 m no ponto central da cidade e mínima de 835 m em proximidade à Cabeça do Cancan. O índice médio pluvial anual é 1426,3 mm, com período variando de 4 a 6 meses, coincidindo com verão, período de dezembro a fevereiro. A temperatura média anual é 20,7°C com a média do mês mais quente 28,5°C, enquanto a média do mês mais frio é inferior a 14,6°C. O relevo é montanhoso em 70% da área e 20% corresponde à parte ondulada, enquanto apenas 10% do território é plano. A população total é de 3.444 pessoas, sendo residentes urbanos 1.948 pessoas e rurais 1.496 pessoas. O município é caracterizado por pequenos e médios produtores rurais com práticas peculiares da agricultura familiar. A agropecuária é a base da economia (IBGE, 2011).

A cidade é privilegiada, com riquezas naturais de nascentes e quedas d'águas e expressões culturais regionais, tais como: as festas típicas de Trilhão (janeiro), Aniversário da Cidade (março), Semana Santa (abril), Novenas de São José e São Sebastião (maio), Festa do Produtor Rural (junho), Folia de Reis (agosto) (IBGE, 2011).

O município de Bambuí com área total 1453,99 km², está situado a 20 km de Tapiraí, 35,8 km de Iguatama, 31,9 km de Córrego Danta, 38 km de Medeiros, 46 km de Doresópolis, 122 km de Piumhi, 116 km de São Roque de Minas, 123 km do Parque Estadual da Serra da Canastra. Está a 150 km de Divinópolis, 264 km de Belo Horizonte. Possui sua sede entre as coordenadas: Latitude 20°00'23"S, Longitude 45°58'37"W. Os acessos rodoviários a Bambuí são por meio das rodovias MG-050, BR-354 e BR-262. A altitude média é 705 m, com máxima de 918 m e mínima de 637 m. O índice médio pluvial anual é 1426,3 mm, com período variando de 4 a 6 meses, coincidindo com verão, período de dezembro a fevereiro. A temperatura média anual é de 20,7°C com a média do mês mais quente de 28,5°C, enquanto a média do mês mais frio é inferior a 14,6°C. O relevo é variado e a área plana corresponde a 40% do território, 30% ondulado e 30% montanhoso. A população total é 22.734 pessoas, sendo 19.325 residentes urbanos (85,01% do total), e 3.409 residentes rurais (14,99%). A

economia do município é agrícola, com produção de café, arroz, milho, soja, cana de açúcar, abacaxi, banana e pecuária. Ela está sendo incrementada com a usina de álcool e açúcar da Total Agroindústria Canavieira S/A e pela produção de caolim (IBGE, 2011).

BambuÍ é reconhecida internacionalmente pelos estudos científicos da moléstia tripanossomíase americana, conhecida como Doença de Chagas. Foram determinantes ao melhor conhecimento dessa doença os trabalhos desenvolvidos nas décadas de 40 e 50 pelo grupo de pesquisadores reunidos no Centro de Estudos e Profilaxia da Moléstia de Chagas, posto do Instituto Oswaldo Cruz, no município de Bambuí, onde atuou o médico mineiro Ezequiel Dias (IBGE, 2011).

3.2. Pesquisa

A pesquisa foi realizada a campo no período de agosto de 2011 a julho de 2012. A coleta de dados foi efetuada na área rural e urbana da cidade Medeiros, MG, onde foram entrevistadas 40 famílias, sendo 12 pessoas do sexo masculino e 28 pessoas do sexo feminino. Posteriormente a pesquisa foi desenvolvida no município de Bambuí, MG, no período de fevereiro de 2012 a julho de 2012, onde foram entrevistadas 60 famílias, sendo 27 dos informantes do sexo masculino e 33 do sexo feminino.

Foi adotado o procedimento da Observação Participante, em que todas as informações foram registradas em diário de campo. As entrevistas foram realizadas com questionário de entrevista semi-estruturada (RODRIGUES et al., 2002).

A Observação Participante foi conduzida pelo pesquisador nos dois municípios e respectivas comunidades. A amostra foi escolhida entre a área rural e urbana, com o objetivo de investigar e conhecer detalhes sobre o consumo e utilização de plantas medicinais, conforme preconizada por Etkin (1993). Foi adotada a técnica de amostragem conhecida como rede, descrita em antropologia como “Networe” e nas ciências sociais como “bola-de-neve” (ALBUQUERQUE; LUCENA, 2004). A técnica é não-probabilística e o grupo inicial de entrevistados é selecionado aleatoriamente. A seleção dos entrevistados subsequentes foi baseada nas informações fornecidas pelos entrevistados iniciais, detentores do conhecimento sobre plantas medicinais ou indivíduos indicados como referências na comunidade (WARWICK; LININGER, 1975; MALHOTRA, 2001).

Em Medeiros, MG, foi realizado o contato prévio com a EMATER. Posteriormente, foi encaminhado à Prefeitura Municipal o pedido de autorização de

Pesquisa e Divulgação de Trabalho Científico, assegurando acesso da comunidade. A Secretaria Municipal de Saúde indicou ao entrevistador três pessoas como referência em plantas medicinais visando iniciar o contato com a comunidade. A EMATER foi de grande importância no trabalho desenvolvido em área rural, pois facilitou o contato com entrevistados, mapeou o local e encaminhou o entrevistador aos informantes.

Em Bambuí, MG, o responsável pela EMATER-MG encaminhou o entrevistador aos informantes. Foi realizado o contato prévio na Prefeitura Municipal com a Secretaria Municipal de Agricultura e Secretaria Municipal de Educação que facilitaram o contato com entrevistados e mapeou o local.

A entrevista semi-estruturada teve como base o questionário (Apêndice A), com tópicos pré-definidos, porém novas questões foram elaboradas no decorrer do diálogo. Os entrevistados manifestaram suas idéias espontaneamente, sem interferência do entrevistador, conforme o proposto por Pretty et al. (1995) e adaptado à pesquisa. Todas as entrevistas e diálogos foram registrados e também gravados em fita cassete ou digital, com prévia autorização dos informantes.

No estudo, algumas perguntas do questionário não foram funcionais, sendo excluídas e ou adaptadas e ou elaboradas outras perguntas de acordo com o curso da entrevista (MINAYO, 1988).

A pesquisa foi dividida em três etapas (A, B e C). Na primeira (A), foram realizadas as perguntas fechadas do questionário relativas aos dados pessoais de cada família. Na segunda etapa (B), foi focado o conhecimento sobre o processo saúde-doença e diversas categorias usadas na classificação dos remédios e utilização das plantas medicinais, origem do conhecimento sobre as plantas e o repasse desse conhecimento. Na terceira etapa (C), foi realizado o levantamento com os informantes quanto ao conhecimento das plantas mais utilizadas naquela comunidade referentes às particularidades de cada espécie, como nomes populares e o científico, indicação, função, partes usadas nas preparações, forma de uso, local de coleta e experiência adquirida.

3.3. Identificação das espécies

As plantas coletadas na área de estudo foram fotografadas e com informações obtidas das amostras, foi consultado o Herbário (VIC) do departamento de Botânica da

Universidade Federal de Viçosa e a bibliografia específica. Foram verificados o hábito de crescimento, habitat e ecologia de cada planta.

Aqueles informantes que sabiam identificar plantas medicinais a campo e conheciam o local onde encontrar as plantas acompanharam o entrevistador. Alguns informantes não acompanharam a campo devido à idade avançada ou à falta de tempo. Em todos locais onde havia o cultivo de plantas medicinais em horta, os entrevistados acompanharam a coleta de dados.

Com intuito de avaliar a etnofarmacologia os dados coletados foram tabulados, onde foram adicionados: a identificação específica, família botânica, nome popular, indicação terapêutica, as partes das plantas usadas, forma de uso, local encontrado, sistema de cultivo, hábito de crescimento e importância de cada espécie analisada. Após cada visita foi utilizado o sistema de posicionamento global (GPS) Diplotop GPS da marca GARMIN GPS 72H, mapeando a área de estudo (Figuras 5 e 6 - mapa dos municípios de Medeiros e Bambuí, MG, respectivamente) (fotos das famílias e plantas identificadas - Apêndices B e C).

Figura 5 - Mapeamento das residências dos entrevistados do município de Medeiros, MG.

Figura 6 - Mapeamento das residências dos entrevistados do município de Bambuí, MG.

3.4. Análise dos dados

Foram analisadas as entrevistas e as gravações e foram transcritos os conteúdos das gravações conforme preconizado por Bardin (1988). Na análise foram agrupados os dados e respostas dos entrevistados de acordo com a frequência dos relatos e idéias, sem desconsiderar os dados pouco frequentes, que podem ser relevantes no resultado. Objetivando melhor entendimento, os dados do questionário foram trabalhados na forma de percentual.

As plantas medicinais citadas foram descritas, tanto quanto ao número de entrevistados que informaram e à concordância dos usos, sendo utilizado o cálculo do Índice de Importância Relativa (IR), segundo metodologia proposta por Amorozo e Gély (1988). O Índice de Importância Relativa (IR) foi calculado pela percentagem de concordância quanto aos usos principais de cada espécie de planta (CUP).

O CUP quantifica a importância relativa das espécies utilizadas nestas comunidades quanto ao número de citações pelos entrevistados e a concordância dos usos citados. No presente trabalho, foram consideradas todas as espécies citadas. Foi utilizada a seguinte fórmula:

$$CUP = \frac{N^{\circ} \text{ de informantes que citaram os usos principais}}{N^{\circ} \text{ de informantes que citaram o uso da espécie}} \times 100$$

Após o cálculo, o valor de CUP foi corrigido pelo fator de correção (FC) onde, o valor derivado pelo cálculo da CUP, foi multiplicado pelo fator de correção correspondente ao número de informantes mencionados de cada espécie mais citada.

$$FC = \frac{N^{\circ} \text{ de informantes que citaram a espécie}}{N^{\circ} \text{ de informantes que citaram a espécie mais citada}}$$

A correção da CUP é dada então pela fórmula: $CUP_c = CUP \times FC$, sendo correspondente ao IR.

Os valores de referência do IR (Índice de Importância Relativa) correspondente entre 0 a 24 indicam espécies pouco utilizadas. Valores entre 25 a 49 correspondem a espécies de uso intermediário e valores entre 50 a 100 espécies muito utilizadas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Características da população estudada

Na Tabela 1 constam os participantes do estudo, segundo a faixa etária e sexo, nos municípios de Medeiros, MG, e Bambuí, MG.

Tabela 1 - Distribuição dos entrevistados quanto ao sexo, média de idade em anos, média de idade, número e percentagem residentes na área rural e urbana nos municípios de Medeiros, MG e Bambuí, MG

Municípios	Faixa etária total (anos)	Participantes/entrevistados do estudo						Total (n.º)
		Masculino			Feminino			
		Faixa etária (anos)	N.º	%	Faixa etária (anos)	N.º	%	
Medeiros	39 a 89	61,4	12	30,0	58,4	28	70,0	40
Bambuí	43 a 90	68,3	27	45,0	64,7	33	55,0	60
Total			39			61		100

Participaram deste estudo etiológico 100 pessoas de dois municípios de Minas Gerais, provenientes de área rural e urbana de Medeiros e Bambuí, sendo 40 entrevistados em Medeiros e 60 em Bambuí. Em ambos os municípios, houve predominância de mulheres detentoras do conhecimento sobre plantas medicinais, totalizando 70,0% em Medeiros e 55,0% em Bambuí (Tabela 1).

Outros autores realizando trabalhos sobre etnobotânica e etnofarmacologia também mostraram a predominância e a importância da mulher neste contexto (AMOROZO, 1996; VIERTLER, 2002; SILVA et al., 2005; BORBA; MACEDO, 2006; LIMA et al., 2007; OLIVEIRA, 2008; JESUS et al., 2009; MOSCA; LOIOLA, 2009; COELHO et al., 2010; OLIVEIRA JÚNIOR; CONCEIÇÃO, 2010; PAULA; CRUZ-SILVA, 2010; CUNHA; BORTOLOTO, 2011; ZENI; BOSIO, 2011; MARINHO et al., 2011; SILVA; BÜNDCHEN, 2011; CUNHA LIMA et al., 2012; SAVIKIN et al., 2013; LUCENA et al., 2013).

De acordo com Amorozo (1996), Rodrigues e Casali (2002) e Ming e Amaral Júnior (2005), as mulheres dominam os conhecimentos dos recursos vegetais que crescem próximo da casa, sendo responsáveis também pelos cuidados da saúde das crianças e da casa, além de terem importante função no processo de transmissão do conhecimento, enquanto os homens dominam os conhecimentos das plantas nativas.

Segundo Brandão (1999), os cuidados com as demais áreas da casa, a horta e animais de criação, são tarefas femininas. Entretanto, mesmo que a área de cultivo domiciliar seja atribuída aos cuidados femininos, o preparo do terreno de plantio, assim como a capina, são atividades atribuídas aos homens. Kffuri (2008), realizando pesquisa em Senador Firmino, MG, além de detectar maior prevalência de informantes do sexo feminino, também confirma o relato de Brandão (1999).

Do total de entrevistados do município de Medeiros foram encontradas pessoas de 39 a 89 anos, onde a média de idade entre os homens foi 61,4 anos e entre as mulheres 58,4 anos. Contudo, no município de Bambuí, a idade foi maior, de 43 a 90 anos tendo os homens 68,3 anos de idade média e entre as mulheres 64,7. Segundo Phillips e Gentry (1993), o conhecimento etnobotânico sobre plantas medicinais mais ameaçado é aquele detido principalmente pelas pessoas mais idosas da comunidade.

Magalhães (2006) relata a preocupação com a faixa etária de 49 a 93 anos dos informantes, pois apenas 20% tinham abaixo de 60 anos. Estes dados são semelhantes aos encontrados no presente trabalho. Fato que chama a atenção, pois a diminuta quantidade de informantes, associada à idade avançada e ao êxodo rural, possibilita a perda do conhecimento etnobotânico, em curto espaço de tempo, caso não seja repassado à população mais jovem.

O nível de instrução dos informantes, item que pode causar constrangimento em algumas pessoas, foi respondido sem objeção. Dos entrevistados do município de Medeiros, 87,5% eram alfabetizados e 12,5% não alfabetizados. Entretanto, 75% apresentam baixa escolaridade e 12,5% completaram o ensino médio e ou o curso superior (Gráfico 1). Em Bambuí, o resultado não foi diferenciado, pois a maioria é alfabetizada, sendo 76,7% alfabetizados e 23,3% não alfabetizados, contudo 66,7% apresentam baixa escolaridade e 10% concluíram o ensino médio e ou curso superior (Gráfico 2).

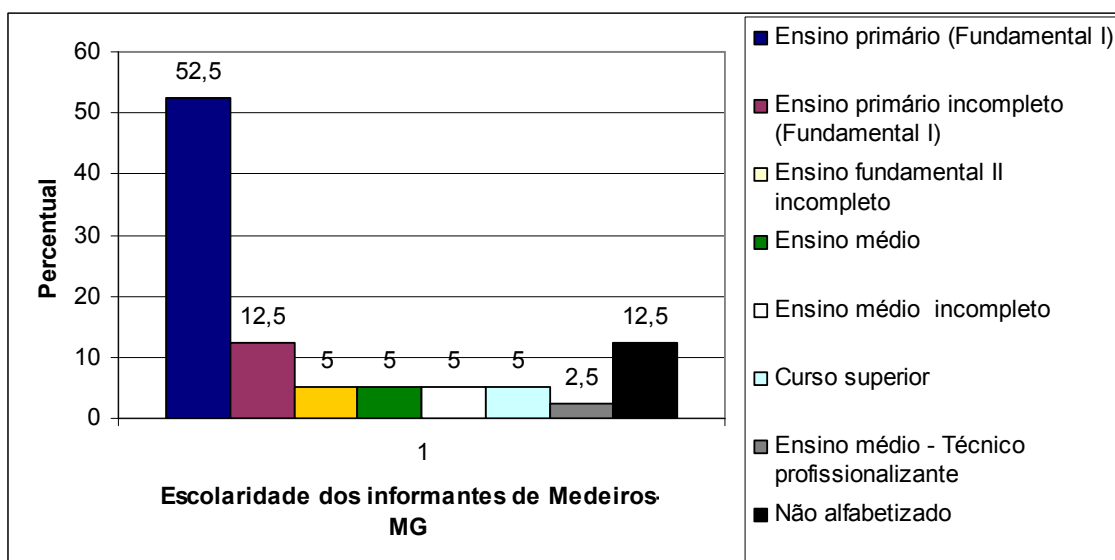


Gráfico 1 - Nível de escolaridade dos informantes de Medeiros, MG.

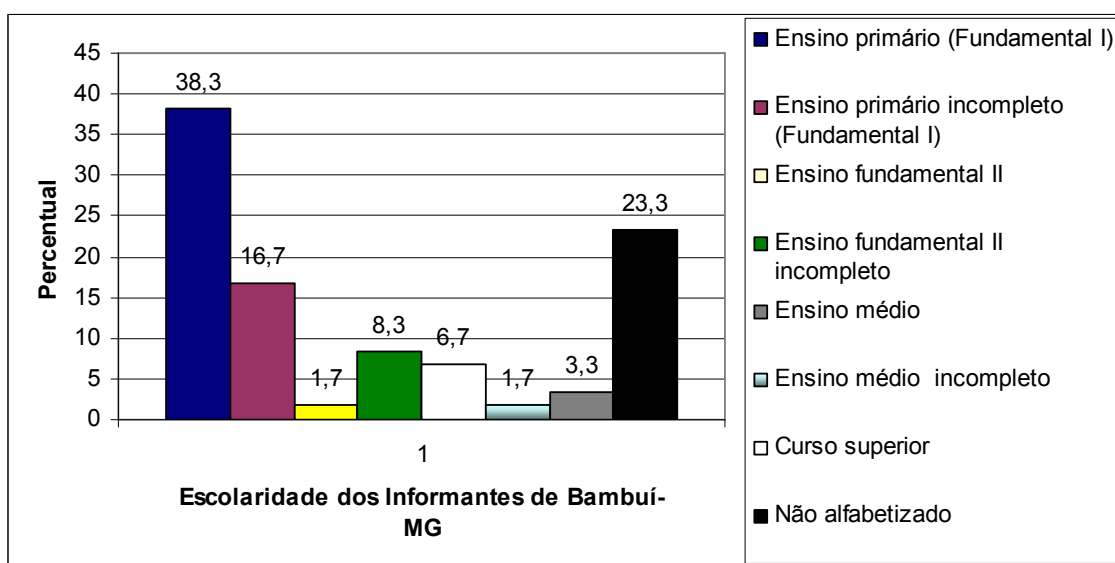


Gráfico 2 - Nível de escolaridade dos informantes de Bambuí, MG.

Nos trabalhos de Oliveira (2008), Kffuri (2008), Maravai et al. (2011) e Pinto et al. (2013), a maioria das pessoas entrevistadas era alfabetizada.

Entretanto, foi verificado que nas pesquisas realizadas no entorno do Parque das Nascentes (Guabiruba, SC), em estudo sobre utilização de plantas medicinais realizado em Nova Rússia, em estudo realizado no entorno do Parque Nacional da Serra

do Itajaí – Indaial, em estudo sobre o conhecimento de plantas medicinais pela população urbana de Caldas Novas, GO, e em estudo etnobotânico de espécies medicinais em Gaspar Alto Central, SC, apesar dos entrevistados serem alfabetizados é comum a baixa escolaridade nas comunidades rurais, sendo que a distância, o acesso e o transporte até as escolas se tornam impedimentos para a continuidade dos estudos (GRANDO et al., 2003; ZENI; BOSIO, 2006; SILVA et al., 2009; PEREIRA et al., 2011; OLIVEIRA; GONDIM, 2013).

A baixa escolaridade é uma realidade decorrente de anos atrás onde o trabalho começava muito cedo entre as crianças, e por residirem em área rural, e não tinham condições ou oportunidades de estudo (JEUVANA et al., 2007).

Ribeiro et al. (2012), na segunda Conferência Nacional por uma Educação do Campo, em 2004, e Rodrigues (2009), destacaram outros problemas na educação rural que contribuem com esta realidade como a falta de recursos básicos, precariedade de infra-estrutura, materiais didático-pedagógicos escassos, baixa remuneração, apoio pedagógico insuficiente e a falta de políticas públicas destinadas a essa modalidade educacional, problemas comuns desde a década de 1940 e que contribuem para a baixa escolaridade e êxodo rural dos mais jovens.

Segundo, os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a área rural tem uma população residente de aproximadamente 32 milhões de brasileiros. Apesar da intensa urbanização ocorrida nas últimas décadas, cerca de um quinto da população do nosso país encontra-se vivendo no meio rural (SILVA, 2008).

De acordo com Molina (2011), a taxa de analfabetismo no campo chega a 23,3%, três vezes maior do que a das áreas urbanas que é de 7,6%.

O Atlas do Espaço Rural Brasileiro, lançado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apresenta dados sobre a situação da educação rural dos proprietários rurais que administram diretamente 3,9 milhões de estabelecimentos agropecuários. Cerca de 38% é analfabeto, ou seja, sabem ler e escrever sem terem frequentado a escola e 43% não completaram o ensino fundamental, e apenas 18,5% dos produtores que estão à frente das propriedades rurais possuem ensino médio ou superior (PEREIRA, 2012).

Em relação à origem dos informantes, em ambos os municípios a maioria é do ambiente rural. Em Medeiros, 72,5% são da área rural e 27,5% da área urbana. Em Medeiros, 82,5% de pessoas são nativas de Medeiros, 7,5% nasceram em Bambuí, 7,5%

em São Roque de Minas e apenas 2,5% nasceram em Paraopeba, MG. Outro fator importante é que 97,5% residem há mais de 10 anos no mesmo local e apenas 2,5% residem há cinco anos no município e no mesmo local. No município de Bambuí, 65% das pessoas entrevistadas são da área rural e 35% da área urbana. Contudo, ainda mantêm as culturas e práticas rurais, sendo 88,33% nativos de Bambuí, 3,33% de Medeiros e 8,33% vieram de outros municípios distantes. No município de Bambuí 98,33% residem há mais de 10 anos no local, apenas 1,67% residem há cinco anos no município e no mesmo local.

Dados semelhantes foram verificados por Santos et al. (2008), em estudo do uso de plantas medicinais na comunidade rural da Vargem Grande, município de Natividade da Serra, São Paulo, em que a maioria dos informantes residiam em área rural.

Pinto et al. (2013), em estudo sobre o conhecimento de plantas medicinais de pessoas atendidas em programas assistenciais nas cidades de Três Lagoas, MS, Rio Verde, GO e Porto Velho, RO, verificaram que 73,1% dos informantes relataram que vivem na zona rural, enquanto 26,9% sempre residiram no perímetro urbano.

De acordo com Rodrigues (2002), a origem rural dos informantes, ou a vivência por muito tempo no ambiente rural, permite grande contato com a vegetação local desde a infância, o que facilita muito a aprendizagem e o repasse do conhecimento. A dependência e o uso contínuo das espécies nativas e exóticas com fins alimentícios e medicinais possibilitam adquirir hábitos e experiências como foi observado no presente trabalho.

O estado civil dos informantes foi avaliado na pesquisa e em Medeiros os dados foram: 2,5% solteiros, 90% casados e 7,5% casais separados. Em Bambuí 5% solteiros, 71,7% casados, 16,7% viúvos e 6,6% separados. As pessoas entrevistadas declararam acreditar que a estrutura da família importa na boa educação e na transmissão dos conhecimentos herdados.

Em relação à moradia em Medeiros, 92,5% possuem casa própria, 7,5% não possuem, 70% dos informantes não dispõem de saneamento básico e 30% dispõem de saneamento, água tratada e esgoto. No município de Bambuí, 90% dos informantes residem em moradia própria e 10% pagam moradia de aluguel, 65% não dispõem de saneamento básico e 35% dispõem de saneamento básico. Devido a maioria morar na área rural onde é incomum o tratamento de água e esgoto, 100% dos informantes da área rural de ambos os municípios, utilizam água de mina e fossa séptica.

Tendo em vista estabelecer relação entre as plantas medicinais e as atividades dos entrevistados, na Tabela 2 consta a ocupação dos entrevistados em ambos os municípios.

Tabela 2 - Ocupação dos informantes em Medeiros, MG, e Bambuí, MG

Ocupação principal	Residentes em Medeiros		Ocupação principal	Residentes em Bambuí	
	Frequência (n.º)	%		Frequência (n.º)	%
Lavrador	5	12,5	Lavrador	23	38,3
Pecuarista	12	30,0	Pecuarista	10	16,7
Doméstica	18	45,0	Doméstica	21	35,0
Professor	2	5,0	Professor	2	3,3
Funcionário público	1	2,5	Jardinagem	1	1,7
Vendedor	1	2,5	Conselho tutelar	1	1,7
Agente de saúde	1	2,5	Costureira	1	1,7
			Vigilante	1	1,7
Total	40	100,0		60	100,0

Ao analisar os dados de ocupação dos entrevistados, foi constatado que em ambos locais a maioria dos indivíduos trabalhava na lavoura, pecuária e atividades do lar, como doméstica (Figuras 7 e 8).

Rodrigues (2002), em estudo sobre a utilização de plantas medicinais na comunidade de Miguel Rodrigues, MG, verificou que a mulher também envolvida com a produção agrícola, ou seja, sustento da casa e que a maioria dos entrevistados atuava como lavrador (58,3%), 25% pela profissão de doméstica, 8,3% de costureira e 8,3% de enfermeira.

Oliveira (2008) também encontrou resultados semelhantes e constatou que a maior parte dos entrevistados tinha ocupação “Do lar”, seguida de lavrador e alguns casos acumulando duas ocupações.

Quando confrontada a renda familiar com a ocupação constata-se que a maioria das pessoas em ambos locais possuía renda inferior a dois salários mínimos (Gráfico 3) e que a maioria dos ganhos provinha de produtos da roça. Em Medeiros, a renda de 30% das pessoas provinha de produtos da roça, 2,5% da produção de meia, dois produtores

eram sócios na produção de algum bem específico, 42,5% de aposentadoria e 20% de salário mensal e apenas 5% dependiam da renda mensal dos maridos. Em Bambuí, a maior parte dos entrevistados (61,7%) obtinha a renda mensal da aposentadoria, 18,3% sobreviviam da venda de produtos da roça, 16,7% de salário mensal e apenas 3,3% dependiam da renda mensal dos maridos.

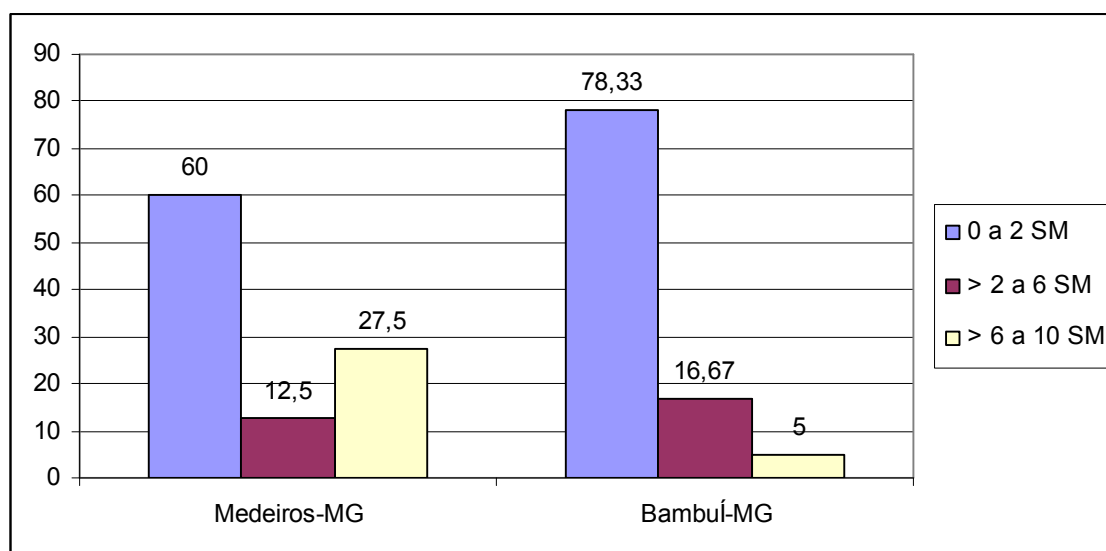


Gráfico 3 - Renda familiar em salário mínimo (SM) dos entrevistados em Medeiros e Bambuí, MG.

Foi constatado que a escolaridade, juntamente com outros fatores tais como: a área de moradia (rural/urbana), tempo de residência, ocupação dos entrevistados e a renda familiar, são fatores que interferem no conhecimento das plantas medicinais e terapêutica tradicional. Quanto melhor a condição financeira e maior a escolaridade, menor é a utilização dos tratamentos naturais e das plantas.

Os resultados encontrados no presente trabalho etnobotânico, estão conforme Rodrigues (2002), Oliveira (2008) e Kffuri (2008) em que o conhecimento sobre os cuidados com a saúde, por meio das plantas medicinais, está com pessoas com menor nível de escolaridade, com dependência dos trabalhos na lavoura ou atividades domésticas como ocupação principal.

Em trabalho semelhante, Kffuri (2008) analisou a comunidade de Senador Firmino, MG, e observou que o grau de escolaridade interferiu no conhecimento das

plantas medicinais. Havendo maior escolaridade e consequentemente maior contato com a civilização é escolhido primeiramente a medicina convencional e depois a tradicional.



Fonte: Arquivo pessoal (2011).

Figura 7 - Senhora CCM mostrando as plantas medicinais em seu quintal em área urbana (Bambuí, MG).



Fonte: Arquivo pessoal (2012).

Figura 8 - Senhora RCF mostrando as plantas medicinais em seu quintal e jardim, região do Cervo (Medeiros, MG).

Nos Quadros 1 e 2 estão os dados dos pseudônimos dos entrevistados (como forma de identificação), idade, sexo, escolaridade, ocupação principal, área de moradia e o tempo de residência em, Medeiros e Bambuí, MG, respectivamente.

Quadro 1 - Características dos entrevistados nas áreas urbanas e rurais em Medeiros, MG, 2011-2012

Sigla/ nome	Idade (anos)	Sexo	Escolaridade	Ocupação principal	Área*	T.R.C**
AAMA	54	F	4ª série	Do lar/aposentada/marido é pecuarista	R	30 anos
ACC	57	M	4ª série	Pecuarista	R	20 anos
AEL	70	F	4ª série	Do lar/aposentada	U	15 anos
AFS	58	M	3ª série	Pecuarista	R	30 anos
BJS	66	M	Não alfabetizado	Pecuarista/aposentado	R	Toda vida
CCMM	73	F	4ª série	Doméstica/aposentada	U	+ de 10 anos
CMOB	39	F	4ª série	Do lar/marido é pecuarista	R	20 anos
DAM	89	F	Não alfabetizado	Do lar/aposentada	R	Toda vida
DFF	44	M	1º ano do 2º Grau	Pecuarista	R	Toda vida
ECFB	57	F	4ª série	Do lar/marido é pecuarista	R	43 anos
ERS	72	F	Não alfabetizado	Lavrador/aposentado	R	30 anos
FLC	82	M	2ª serie	Pecuarista	R	10 anos
EFL	64	M	4ª série	Lavrador	R	1 ano e 3 meses
EFS	56	F	6ª série	Do lar /marido é pecuarista	R	36 anos
GMS	82	F	3ª série	Pecuarista/aposentado	R	58 anos
GRF	59	M	4ª serie	Pecuarista	R	15 anos
GLRB	63	F	Não alfabetizado	Pecuarista	R	46 anos
GMM	43	F	4ª serie	Funcionária pública/aposentada	R	10 anos
JCMM	67	F	4ª serie	Do lar/aposentada	R	Toda vida
IFLM	46	F	2º Grau	Pecuarista	R	Toda vida
JAC	66	M	Não alfabetizado	Lavrador/aposentado	U	Toda vida
JAS	62	M	3ª série	Pecuarista	R	36 anos
JBF	75	M	4ª serie	Pecuarista/aposentado	R	10 anos
JDR	60	M	4ª série	Pecuarista	R	Toda vida
LAC	48	F	4ª série	Do lar/marido é pecuarista	R	Toda vida
LJM	52	F	4ª série	Do lar/marido é pecuarista	R	25 anos
LPL	52	F	6ª série	Do lar/marido é pecuarista	R	+ de 10 anos
JPM	63	M	3ª série	Aposentado	U	Toda vida
MABL	43	F	4ª série	Monitora/serviço social	U	Toda vida
MAR	66	F	4ª série	Servidor público	U	Toda vida
MGM	47	F	4ª série	Do lar/marido é pecuarista	R	25 anos
MNT	56	F	4ª série	Vendedora	U	Toda vida
MSF	50	F	1º ano do 2º Grau	Pecuarista	R	30 anos
RCOF	47	F	4ª série	Do lar/marido é pecuarista	R	+ de 10 anos
RM	42	F	4ª serie	Do lar/marido é pecuarista	R	+ de 10 anos
WSL	43	M	2º grau/Curso Técnico Agrícola	Pecuarista/Produtor	R	+ de 10 anos
VST	80	F	4ª série	Doméstica/aposentada	U	50 anos
VMLS	60	F	Magistério	Professora/aposentada	U	Toda vida
VAL	56	F	2º Grau	Cantineira	U	Toda vida
VMLF	63	F	Magistério	Professora	U	Toda vida

* Área de residência: U – Urbana/R – Rural.

** Tempo de residência na comunidade, em anos.

Quadro 2 - Características dos entrevistados nas áreas urbanas e rurais em Bambuí, MG, 2011-2012

Sigla/ nome	Idade (anos)	Sexo	Escolaridade	Ocupação principal	Área*	T.R.C**
AASS	69	F	3ª série	Do lar	R	Toda vida
AJS	62	M	Não alfabetizado	Pecuarista e lavrador	R	Toda vida
AJV	67	F	4ª série	Aposentada	R	Toda vida
AGMF	67	F	3ª série	Do lar/aposentada	R	Toda vida
ARED	56	F	Ensino médio	Costureira	R	Toda vida
ASB	65	M	4ª série	Lavrador	R	10 anos
AFP	70	M	2ª série	Pecuarista/aposentado	R	46 anos
AFS	59	M	1º Grau	Vigilante	U	Toda vida
CCM	71	F	3ª série	Do lar/aposentada	U	35 anos
DIC	61	F	4ª série	Lavrador/aposentada	U	55 anos
DOC	81	M	Não alfabetizado	Aposentada	R	16 anos
EBS	84	F	2ª série	Lavadeira/aposentada	U	60 anos
EFR	81	M	4ª série	Lavrador/aposentada	U	36 anos
ELLM	71	F	4ª série	Lavrador/aposentada	U	38 anos
EMP	62	F	4ª série	Doméstica/salário	U	39 anos
FP	78	M	2ª série	Pecuarista/aposentado	R	50 anos
IRS	70	F	Não alfabetizado	Do lar/aposentada	R	50 anos
JAP	69	M	4ª série	Lavrador/pecuarista/aposentada	R	35 anos
JAM	50	M	8ª série	Pecuarista	R	Toda vida
JB	72	M	Não alfabetizado	Pecuarista/aposentado	R	Toda vida
JCA	70	M	Não alfabetizado	Pecuarista	R	Toda vida
JCB	53	M	4ª série	Lavrador	R	Toda vida
JCD	80	M	Não alfabetizado	Aposentada	R	Toda vida
JMB	67	M	Não alfabetizado	Lavrador/aposentada	U	6 anos
JVG	65	M	Ensino médio	Jardinagem/aposentada	U	Toda vida
JOA	50	M	3º grau	Professor	U	Toda vida
JPf	73	M	1ª série	Lavrador/aposentada	R	Toda vida
JPf	90	M	Não alfabetizado	Lavrador	R	31 anos
JV	66	M	3ª série	Pecuarista	R	Toda vida
LC	58	F	Não alfabetizado	Lavrador	R	1 ano e 3 meses
LLC	77	F	4ª série	Aposentada	U	55 anos
LCS	58	F	4ª série	Do lar/aposentada	R	35 anos
LGAO	63	M	Não alfabetizado	Lavrador/aposentada	U	43 anos
LMS	57	M	Não alfabetizado	Pecuarista	R	Toda vida
LPM	75	M	4ª série	Lavrador	R	Toda vida
LRB	43	F	Ensino médio	Costureira	U	Toda vida
MAAA	64	F	3º grau	Aposentada	R	43 anos
MAC	72	M	Não alfabetizado	Lavrador	R	62 anos
MBS	90	F	4ª série	Vive de renda	U	50 anos
MC	45	F	4ª série	Pecuarista	R	Toda vida
MCC	73	F	4ª série	Lavrador/aposentada	R	Toda vida
MSN	83	F	4ª série	Do lar/aposentada	U	20 anos
MRE	53	M	5ª série	Pecuarista e lavrador	R	30 anos
PNA	79	M	4ª série	Pecuarista	R	Toda vida
MLSR	52	F	4ª série	Do lar	R	20 anos
EMBC	49	F	7ª série	Do lar	R	40 anos
MAB	73	F	4ª série	Aposentada	U	16 anos
MAD	62	F	2ª série	Do lar	R	44 anos
MAR	64	F	4ª série	Do lar	R	Toda vida

Continua...

Quadro 2, continuação

Sigla/ nome	Idade (anos)	Sexo	Escolaridade	Ocupação principal	Área*	T.R.C**
MAS	67	F	1º grau	Aposentada	R	46 anos
MFM	74	F	Não alfabetizado	Aposentada	R	Toda vida
MMC	49	F	Ensino médio	Doméstica	U	Toda vida
MMF	46	F	1º ano do 2º grau	Do lar	R	8 anos
MNSC	59	F	4ª série	Aposentada	R	Toda vida
MTM	53	F	4ª série	Aposentada	R	Toda vida
MTM	71	M	2ª série	Aposentada	R	Toda vida
MPS	73	M	4ª série	Aposentada	U	37 anos
N	53	F	8ª série	Conselho tutelar	U	10 anos
NCC	88	F	Não alfabetizado	Aposentada	U	26 anos
VPGS	77	F	4ª série	Aposentada	U	50 anos

* Área de residência: U – Urbana / R – Rural.

** Tempo de residência na comunidade, em anos.

4.2. Origem do conhecimento dos informantes

Quanto à fonte de conhecimento sobre as plantas medicinais no município de Medeiros, MG, 42,5% dos entrevistados relataram ter aprendido com os familiares (mãe, pai, avós e tios), 30% aprenderam com a mãe, 17,5% com o pai, 5% com os avós, 2,5% com os tios, 12,5% com os vizinhos e três pessoas relataram que, além do conhecimento transmitido pela família, aprenderam com outras fontes de conhecimento, tais como: cursos e literatura específica. Em Medeiros, MG, quatro pessoas (10,0%) são consideradas como referência, sendo três da mesma família e são citadas por muitos informantes, devido atenderem à comunidade de forma gratuita. A maioria dos informantes (90%) não realiza atendimentos, mas pratica a transmissão do saber.

Em Bambuí, MG, 46,67% dos entrevistados relataram ter aprendido no âmbito (familiar, mãe, pai, avós e tios), 20% aprenderam com a mãe, 13,3% com o pai, 10% com os avós, 1,67% com os tios, 1,67% com os vizinhos e 6,67%, além do conhecimento transmitido pela família também buscaram outras fontes de conhecimento tais como: cursos e literatura específica. Em Bambuí, MG, três pessoas (5%) são consideradas referências e são citadas por alguns informantes por atenderem à comunidade de forma gratuita. A maioria dos informantes (93,33%) não realiza atendimento, 5% realizam atendimento e 1,67% realizavam atendimentos, mas, devido à idade, cessaram este trabalho.

Os dados coletados em Medeiros e Bambuí, MG, revelaram a importância da família na transmissão do conhecimento etnobotânico, de modo similar a outros estudos, tais como os levantamentos etnobotânicos realizados por Ming e Amaral Júnior (2005), na reserva extrativista “Chico Mendes”, no Acre, em que a maioria dos entrevistados afirmou que o aprendizado foi transmitido pelos pais (familiares). Rodrigues e Guedes (2006) obtiveram resultado semelhante em uma comunidade rural do Povoado de Sapucaia, localizado no município de Cruz das Almas, Bahia, onde se segue o conhecimento dos familiares mais idosos, resgatando assim a cultura tradicional.

Santos et al. (2008), avaliando o uso popular de plantas medicinais na comunidade rural de Vargem Grande, município de Natividade da Serra, São Paulo, verificaram que todos informantes obtiveram o conhecimento sobre plantas com a família, geralmente as avós e mães que eram parteiras, benzedeiras, curandeiras e raizeiras.

Oliveira et al. (2010), em estudo sobre plantas medicinais utilizadas na comunidade urbana de Muribeca, Nordeste do Brasil, constataram que 73% dos informantes relataram terem adquirido o conhecimento sobre plantas medicinais com os pais ou parentes próximos e observaram que as modernas condições de vida das comunidades urbanas comprometem o uso e transmissão do conhecimento tradicional sobre plantas medicinais.

Giraldi e Hanazaki (2010), no estudo etnobotânico sobre o uso e o conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Santa Catarina, verificaram que 54% dos informantes obtiveram o conhecimento sobre plantas medicinais com os pais e avós. Lima et al. (2011), realizando levantamento etnobotânico, na cidade de Vilhena, Rondônia, ao analisar a aquisição dos conhecimentos sobre o uso das plantas medicinais revelaram que a maior parte foi por meio das mães, avós e bisavós (geração a geração). Neste contexto foi verificada a importância da família, principalmente das mulheres na construção do saber.

Cunha e Borotolotto (2011), em estudo etnobotânico sobre as plantas medicinais utilizadas pelos moradores do assentamento Monjolinho, Anastácio, Mato Grosso do Sul, também constatou a importância da família na transmissão do conhecimento, que foi citada por 39% dos entrevistados, evidenciando o expressivo aproveitamento das espécies medicinais e o conhecimento da comunidade.

Pereira et al. (2011), realizando estudo etnobotânico de espécies medicinais em Gaspar Alto Central, Santa Catarina, verificaram que 72,7% dos informantes seguem os ensinamentos de familiares, 13,6% consultam livros e 9,1% acatam indicações de amigos.

A seguir transcreve-se sobre origem do conhecimento em sete relatos, quatro de Medeiros e três de Bambuí, MG:

Eu, meu esposo e minhas duas irmãs aprendemos a usar as plantas medicinais com a família. Fomos criados usando as plantas, porém em 1998 um seminarista e um padre chamado Célio que era vigário em Medeiros - MG nos incentivou a fazer um curso sobre plantas medicinais na cidade de Luz-MG, formando uma equipe para fazer atendimento na cidade e ajudar as pessoas, porém hoje só restamos eu e minhas irmãs atendendo. Fizemos também outros cursos, um na cidade de Iguatama-MG também em 1998 e outro em Moema - MG em 1999 (Sra.VMLS - Medeiros, MG).

Aprendi a usar as plantas medicinais com minha mãe, pai e vizinhos. Fomos criados usando as plantas, pois o recurso na cidade era difícil. Ainda usamos muito hoje, serve pra gente e para o gado também. Não atendemos, mas quando algum vizinho pergunta a gente passa o que sabe (Sra. EAS - Medeiros, MG).

Aprendi com meu pai, ele era a referência da região do Desempenhado em Medeiros. Ele era conhecido por Antônio Medeiros, ele tinha uma pequena farmácia, onde ele preparava as ervas medicinais. Vinha gente de longe, Bambuí, Araxá, Belo Horizonte etc, pra ele atender. Conhecia muito sobre as plantas medicinais. Eu não sei o quanto ele sabia, mas uso até hoje as plantas medicinais (Sra. JCMM - Medeiros, MG).

Aprendi sobre as plantas medicinais com minha mãe, usamos até hoje, fazemos as garrafadas em casa pra tomar. Minha mãe está com 81 anos usa diariamente e é muito saudável (Sra. MNT - Medeiros, MG).

Aprendi a usar as plantas com minha mãe, com a família, vizinho. O povo antigo sabia muita coisa e tinha que resolver na roça, pois a distância é grande demais até a cidade e o acesso era muito difícil. Até hoje uso as plantas medicinais, tanto da horta quanto do mato. Nunca tinha ido ao médico, os filhos a gente tinha era com a parteira, fiz minha carteira do SUS e só fui consultar com médico três anos atrás, foi minha primeira consulta ao médico (Sra. IRS - Bambuí, MG).

Moro na colônia São Francisco de Assis desde pequena, meus familiares vieram fazer tratamento de hanseníase na FHEMIG (Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais) e eu fui criada aqui. Aprendi com minha mãe e com minha avó que eram benzedeira e curandeira. Fomos criados assim, utilizando plantas medicinais e criei minha filha da mesma forma (Sra. AJV - Bambuí, MG).

Fui criado na roça com muita dificuldade. Naquela época era muito difícil o acesso à cidade, não tinha dinheiro para remédio e eu aprendi a utilizar os chás das plantas medicinais com minha mãe, pai e, principalmente, com minha avó. Ela era negra de cativoiro, quando ela ia pro mato colher alguma planta eu estava junto e hoje o que eu sei passei para os meus filhos, eles usam muito ainda, mas os mais novos, netos e outros vizinhos já não estão querendo saber muito (Sr. JP - Bambuí, MG).

4.2.1. Transmissão do conhecimento tradicional sobre plantas medicinais

De acordo com 85% dos entrevistados, não há dificuldades no repasse do conhecimento tradicional sobre as plantas medicinais, principalmente aos parentes, vizinhos e conhecidos. A maioria das pessoas que buscaram tais conhecimentos 91,43% residem na região de Medeiros, MG, e 8,57% foram morar em outras regiões. Contudo, 15% dos entrevistados relatam terem dificuldades ao repassar os conhecimentos adquiridos de geração em geração, devido à falta de interesse dos mais jovens. Partes destes jovens deixaram a área rural ou o município em busca de estudos, trabalho e não voltaram, e que o medicamento convencional é mais fácil e oferecem resultados mais rápidos.

Em Bambuí, MG, 88,33% dos entrevistados repassam os conhecimentos sem dificuldades, sendo que 100% das pessoas que buscaram tais conhecimentos residem na região de Bambuí, sendo área rural ou urbana. Entretanto, 11,67% não repassam este conhecimento à diante, devido não estarem utilizando as plantas com frequência, ou por falta de interesse dos mais jovens, onde muitos deixaram a região em busca de condições melhores de vida.

Os dados de Medeiros e Bambuí, MG, são bem semelhantes e a maioria dos entrevistados relatou não haver dificuldades no repasse dos conhecimentos (Figura 9, família na área rural Campo Alegre, Bambuí, MG). Oliveira (2008), em estudo semelhante relata que na maioria dos entrevistados também não houve dificuldade de transmissão do conhecimento.

Em comunidades rurais a tendência de transmissão desse aprendizado é realizada pelos pais. O conhecimento é transmitido desde muito cedo, a partir do momento em que as crianças começam a acompanhar os adultos nas tarefas cotidianas do campo e dessa forma, vão habituando a plantar e raramente abandonam tal atividade, mesmo migrando até áreas urbanas (AMOROZO, 2012).

Os dados sobre as dificuldades de transmissão, considerando os dois municípios, também foram análogos por constatarem problemas semelhantes no repasse deste conhecimento. De acordo Franco e Barros (2006), são vários os fatores que fazem o conhecimento da população tradicional sobre o uso das plantas medicinais ficarem guardado com as pessoas mais idosas das comunidades. Estes fatores foram observados no presente trabalho em Medeiros e Bambuí e houve analogia com trabalho de Kffuri (2008), em que a autora relata os principais fatores prejudiciais: a ida de muitos jovens

trabalharem em São Paulo; os jovens acham mais fácil e rápido o tratamento com medicamentos convencionais; o interesse crescente pelas facilidades da vida moderna que geram desinteresses pelos conhecimentos tradicionais.

Marchese et al. (2009), com objetivo de resgatar e documentar o conhecimento popular referente às plantas medicinais utilizadas na comunidade rural Passo da Ilha, em Pato Branco, PR, verificou o domínio do uso das plantas medicinais entre as mulheres é clara tendência de perda do conhecimento tradicional entre os mais jovens.

Quinteiro e Moraes (2012), em levantamento etnológico na comunidade em Visconde de Mauá, MG, observaram pouco ou nenhum interesse entre os membros jovens das comunidades tradicionais em assimilar e transmitir os conhecimentos sobre plantas medicinais das gerações passadas, compartilhando dos mesmos fatores relatados no presente trabalho.

Gurdal e Kultur (2013), em estudo etnobotânico sobre plantas medicinais em Marmaris, na província de Mugla sudoeste da Anatólia na Turquia, constataram que os conhecimentos tradicionais estão sendo substituídos pela tecnologia moderna e este tipo de trabalho ajuda a preservar informações valiosas evitando a perda pelas futuras gerações.

Leto et al. (2013), estudando o uso medicinal na região Madonie Park, Sicília na Itália, constataram evidente perda do conhecimento e o uso de plantas medicinais e apresentam sinais de luta para sobreviver como parte do patrimônio cultural da comunidade e poucos remédios tradicionais são amplamente conhecidos e citados pelos idosos.

A perda do conhecimento popular no uso de plantas é uma realidade, especialmente entre as gerações mais jovens e este fato revela a urgência de coleta de dados etnofarmacológicos (SAVIKIN et al., 2013).

De acordo com Amorozo (1996), na medida em que as comunidades são mais expostas ao modelo de sociedade urbana e industrial, vários fatores podem gerar nova relação entre comunidade e ecossistema, desestruturando a antiga rede de transmissão do conhecimento tradicional, podendo surgir então outras consequências e incertezas quanto à eficácia dos antigos modos de agir, perante as novas gerações. Isso faz com que esses conhecimentos sejam perdidos aos poucos, já que as novas gerações os consideram irrelevantes.

Cinco depoimentos sobre experiências de vida na transmissão do conhecimento tradicional são transcritos a seguir.

Hoje as pessoas não estão querendo usar mais as plantas medicinais, acham que não funciona, acaba que o povo vai deixando de lado e esquecendo. Eu aprendi com meus pais e ensino a família e vizinhos quando perguntam (Sra. NMSS - Medeiros, MG).

Quando eu casei, era muito novinha, não conhecia muita coisa, então uma vizinha trouxe de presente várias plantas, me ensinou a plantar e pra que servia cada uma delas. Também aprendi muito com minha mãe. A vizinha falava que gente precisa ter em casa um pouco de cada planta e resolver os problemas de doença em casa. Criei meus filhos tratando com plantas medicinais e ensinei também, eles sabem muita coisa (Sra. CMO - Medeiros, MG).

Como na cidade são poucas pessoas que sabem sobre plantas medicinais o pessoal mais novo não quer saber deste tipo de tratamento, quer coisa mais fácil (Sra. LCS - Bambuí, MG).

Aprendi com minha mãe. Aprendi também com a troca conhecimento com os vizinhos. Criei meus filhos com plantas medicinais e ensinei a eles também, mas eles não dão muita importância para as plantas. Hoje em dia as pessoas mais novas não estão acreditando mais nas plantas e preferem o medicamento que é mais fácil (Sra. AGM - Bambuí, MG).

Sempre que as pessoas conhecidas, parente, vizinho ou amigo que moram na cidade perguntam sobre alguma planta para chá ou qual planta serve para tal doença, se eu sei eu ensino e se tiver na roça, no mato ou na horta eu procuro, retiro, coloco em lugar fresco para secar e quando vou até a cidade levo pra eles (Sr. AFP, 70 anos de idade - Bambuí, MG).



Fonte: Arquivo pessoal (2012).

Figura 9 - Visita à família do Sr. JCB com a apresentação e identificação das plantas medicinais na comunidade rural, região Campo Alegre, Bambuí, MG.

4.3. Características etnobotânicas e etnofarmacológicas das plantas medicinais em Medeiros e Bambuí, MG

4.3.1. Identificação das espécies botânicas

Foram identificadas e registradas em Medeiros 272 espécies de plantas utilizadas como medicinais pertencentes a 91 famílias botânicas, sendo que 15 famílias foram destaque em utilização pelos informantes: Asteraceae (n=32 espécies; 11,76%); Lamiaceae (n=15; 5,51%); Solanaceae (n=14; 5,15%); Fabaceae (n=12; 4,41%); Rubiaceae (n=11; 4,04%); Rutaceae (n=9; 3,31%); Poaceae (n=9; 3,31%); Bignoniaceae (n=7; 2,57%); Myrtaceae (n=7; 2,57%); Cucurbitaceae (n=7; 2,57%); Apocynaceae (n=6; 2,21%); Amaranthaceae (n=5; 1,84%); Anacardiaceae (n=5; 1,84%); Brassicaceae (n=5; 1,84%); Euphorbiaceae (n=5; 1,84%). Nas demais famílias informadas ocorreram quatro citações ou menos (Gráfico 4). O conhecimento sobre as plantas medicinais pode ser verificado também pelo número de espécies informadas que foram em média 50 espécies por entrevistado, sendo que três indivíduos foram destaque citando 212 espécies cada.

Em Bambuí foram identificadas 319 espécies de plantas utilizadas como medicinais pertencentes a 96 famílias botânicas, sendo que 14 famílias foram destaque em utilização pelos informantes: Asteraceae (n=33 espécies, 10,34%); Lamiaceae (n=20; 6,27%); Fabaceae (n=19; 5,96%); Solanaceae (n=16; 5,02%); Myrtaceae (n=12; 3,76%); Poaceae (n=12; 3,76%); Euphorbiaceae (n=10; 3,13%); Rubiaceae (n=9; 2,82%); Rutaceae (n=9; 2,82%); Apocynaceae (n=8; 2,51%); Bignoniaceae (n=8; 2,51%); Cucurbitaceae (n=8; 2,51%); Amaranthaceae (n=6; 1,88%); Brassicaceae (n=6; 1,88%). As demais famílias encontradas foram citadas quatro ou menos vezes (Gráfico 5). Em Bambuí, o conhecimento sobre as plantas medicinais também pode ser verificado pelo número de espécies informadas, com a média 55,6 espécies por entrevistados. Porém um indivíduo mencionou 154 espécies.

A predominância de espécies medicinais pertencentes às famílias Asteraceae, Lamiaceae também foi constatada em vários trabalhos com enfoque em plantas medicinais no Brasil (AMOROZO, 2002; COSTA, 2002; COELHO et al., 2005; PILLA et al., 2006; LIMA et al., 2007; VIU et al., 2007; VIGANÓ et al., 2007; CALÁBRIA et al., 2008; ALMEIDA et al., 2009; BALDAUF et al., 2009; LEITÃO et al., 2009; MARCHESE et al., 2009; SILVA et al., 2009; GIRALDI; HANAZAKI, 2010; SOUSA

et al., 2010; SILVA; BÜNDCHEN, 2011; OLIVEIRA; MENINI NETO, 2012; LUCENA et al., 2013).

Segundo Leitão et al. (2009), estas duas famílias são ricas em óleos essenciais sendo utilizadas na medicina popular em todo o mundo.

De acordo com Silva e Casali (2000), a maior parte das plantas medicinais utilizadas na América Latina pertence às famílias Asteraceae e Lamiaceae, que possuem maior número de espécies ricas em princípios ativos e são responsáveis por atividade no sistema digestório, respiratório, incluindo antibacteriano e antifúngico, ação estimulante de secreções gástricas, ações broncodilatadoras, entre outras ações.

A identificação botânica é de suma importância é o primeiro passo em trabalhos com este enfoque. É evidente que espécies com características morfológicas semelhantes são conhecidas pelo mesmo nome popular e a mesma espécie recebe várias denominações. Esta situação pode acarretar prejuízos aos usuários, pois é sabido que há grande variação nos constituintes químicos (PENSO, 1980).

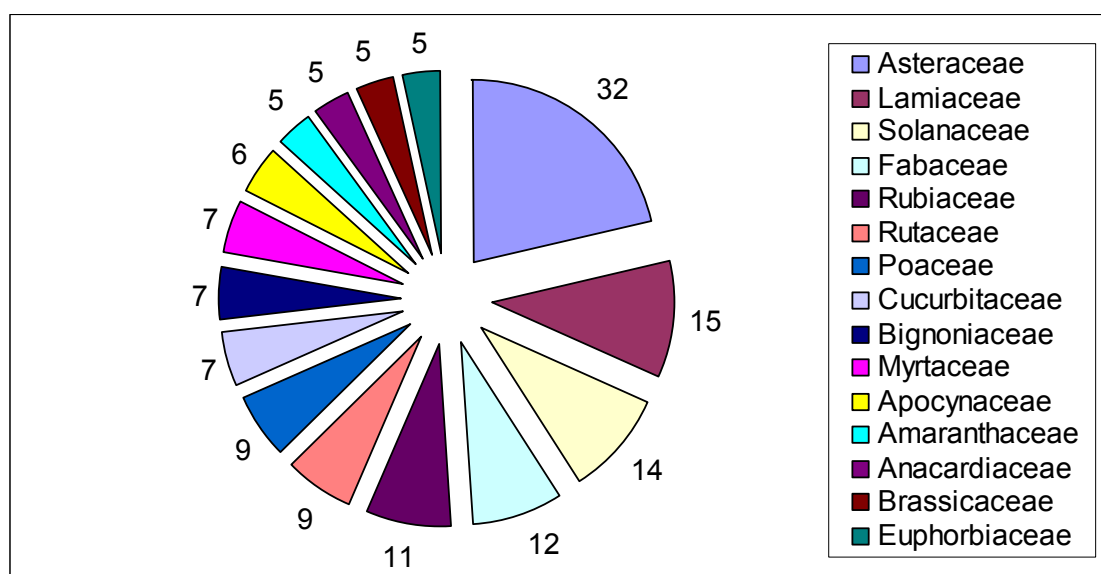


Gráfico 4 - Principais famílias botânicas em número de espécies de uso medicinal citadas pelos informantes no município de Medeiros, MG.

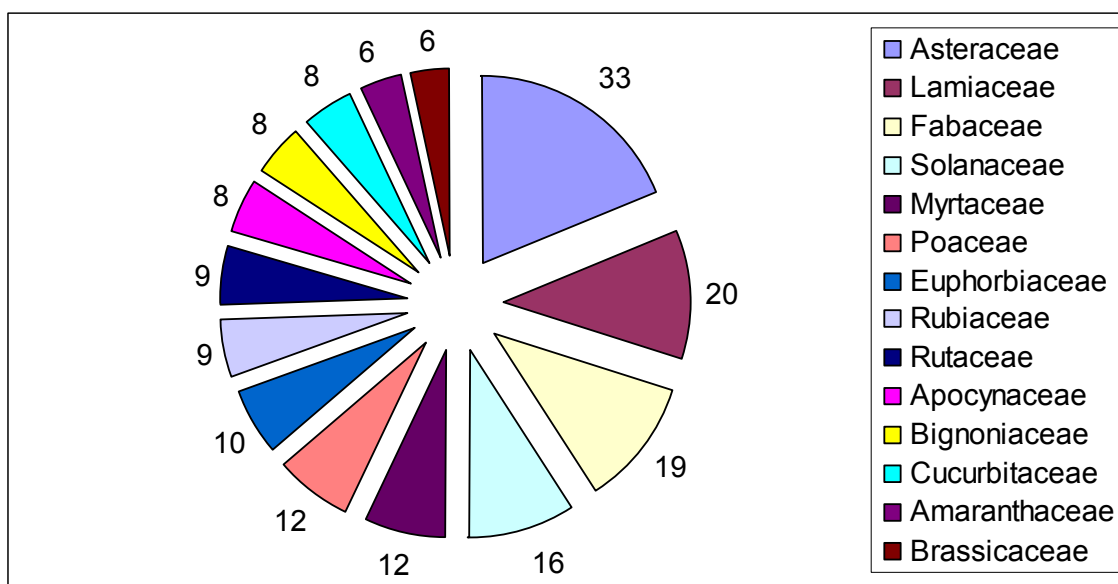


Gráfico 5 - Principais famílias botânicas em número de espécies de uso medicinal citadas pelos informantes no município de Bambuí, MG.

4.3.2. Ambiente de ocorrência das espécies

Em relação à ocorrência das plantas medicinais em Medeiros houve 54,0% das espécies cultivadas e 46,0% de ocorrências nativa. Em Bambuí, 56,2% das plantas são cultivadas, 44,8 % são nativas. Os dados, semelhantes em ambos os municípios revelaram a maior utilização de plantas cultivadas. No Gráfico 6, constam os percentuais de plantas cultivadas e nativas em ambos os municípios.

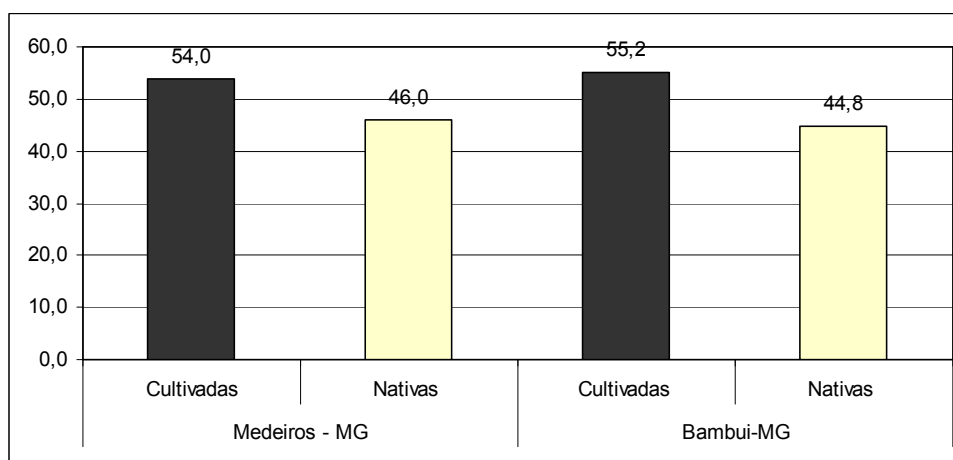


Gráfico 6 - Percentual de plantas cultivadas e nativas utilizadas na fitoterapia em Medeiros e Bambuí, MG.

Houve a prevalência de plantas exóticas, nos estudos de Pinto et al. (2006), Oliveira (2008), Kffuri (2008), Silva et al. (2009), Cruz-Silva et al. (2009), Brito e Senna-Valle (2011), Cruz-Silva et al. (2011) e de Zeni e Bosio (2011).

Quanto ao cultivo de plantas medicinais em hortas foi constatado que em Medeiros (90%) e em Bambuí (81,67%) das famílias possuem horta em casa, tanto na área rural, quanto na urbana.

Xolocotzi (1971) enfatizou a importância da manutenção de hortas e quintais porque contribuem na conservação destas espécies no meio urbano. Foi descrito no trabalho de Buligon et al. (2007), o uso de plantas medicinais no município de São Jorge D'Oeste, Estado do Paraná, onde 80% dos entrevistados cultivavam as plantas que utilizam.

Da mesma forma, Paula e Cruz-Silva (2010), avaliando as formas de uso medicinal da babosa e camomila pela população urbana de Cascavel, estado do Paraná, também verificaram que a maioria dos entrevistados cita obterem as plantas pelo cultivo próprio.

Maravai et al. (2011) verificaram que a maioria dos entrevistados utiliza ou já utilizou plantas medicinais, 69,9% praticam cultivo próprio, reafirmando a importância das hortas na conservação das plantas nativas da região do cerrado evitando o extrativismo.

A maioria dos informantes em Medeiros e Bambuí, MG, revelou que as plantas nativas, quando necessário são coletadas nos campos do cerrado, bordas das matas, pastagens e até mesmo em torno das casas, pois muitas destas plantas também são de fácil ocorrência.

4.3.3. Coleta e armazenagem

Quanto à colheita e armazenagem, apenas quatro pessoas em Medeiros e três em Bambuí, MG, consideradas referências nestes municípios, colhem as plantas medicinais antecipadamente e as armazenam. A maioria coleta quando vai utilizar e não pratica a armazenagem. Estes sete informantes relataram que as plantas devem ser colhidas em dias secos e com sol fraco, antes do sol esquentar de preferência até as oito horas, após a evaporação do orvalho ou das águas de chuva.

As informações relatadas pelos informantes em Medeiros e Bambuí, MG, foram obtidas por meio de cursos e ou literatura específica e são discutidas a seguir.

A preferência é por plantas com boa aparência, inteiras, sem doenças visíveis e sem sujidades, sendo ideal que as plantas não sejam colhidas em lugares poluídos, como próximo à beira de estradas, lavouras contaminadas por agrotóxicos, currais, pocilgas, galinheiros, águas poluídas ou suspeitas.

O ideal é que as plantas não sejam lavadas antes da secagem, exceto as raízes e rizomas que devem ser higienizados com cuidado. Caso a parte aérea das plantas esteja muito suja, usar água potável ao lavar e logo após agitar levemente as partes a serem utilizadas.

A secagem das plantas deve ser realizada em local limpo, seco, arejado, de preferência à sombra. Cada planta seca deve ser acondicionada em embalagem individualizada, devidamente identificada (nome, data). As plantas secas deverão ser acondicionadas em vidro ou embalagens de polietileno acondicionadas em local seco, arejado, sem poeira, protegido do contato de insetos, roedores e outros animais, mantendo assim suas propriedades medicinais.

Um exemplo de local de armazenagem é a residência da Sra VMLS, município de Medeiros, MG, visualizado nas Figuras 10 e 11.

Informações obtidas pelos informantes estão em concordância com Correa Junior et al. (1991), Cardon e Carvalho (2005), Medeiros et al. (2007) e Moraes (2009).

De acordo com Correa Junior et al. (1991) e Cardon e Carvalho (2005), as plantas devem ser armazenadas o mais breve possível, pois, em geral, quanto maior o período de armazenagem, maior a perda de princípios ativos. As perdas de princípios ativos que ocorrem após a colheita são ocasionadas por várias razões, dentre elas a degradação por processos metabólicos, hidrólise, degradação pela luz, enzimática, oxidação, fermentação, calor e contaminação microbiológica (SILVA et al., 1999).



Figura 10 - Visão geral do local de armazenagem na residência da Sra. VMLS, informante do município de Medeiros, MG.



Figura 11 - Detalhes dos frascos no local de armazenagem na residência da Sra VMLS, informante do município de Medeiros, MG.

4.3.4. Hábitos de crescimento das plantas medicinais

Quanto ao hábito de crescimento das plantas medicinais as espécies herbáceas foram destaque, pela maior frequência de uso em Medeiros e Bambuí, MG. Pasa et al. (2005), realizando estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açú, MT, encontraram muitas plantas herbáceas, como no presente estudo e relatou que as herbáceas podem ter sido introduzidas por imigrantes, devido à sua facilidade de transporte. Outro fato pode estar relacionado à facilidade de cultivo e de obtenção nos quintais (SILVA et al., 2009).

Em Medeiros, as espécies herbáceas foram 51,46% do total. As plantas arbóreas com 22,99%, arbusto (11,31%), trepadeira (8,76%), subarbusto (5,31%) e palmáceas (0,73%). Em Bambuí, os dados encontrados foram análogos, espécies herbáceas (45,96%), seguidas respectivamente pelas plantas arbóreas com 28,57%, arbusto (11,18%), trepadeira (7,45%), subarbusto (6,21%) e palmáceas (0,62%) (Gráfico 7).

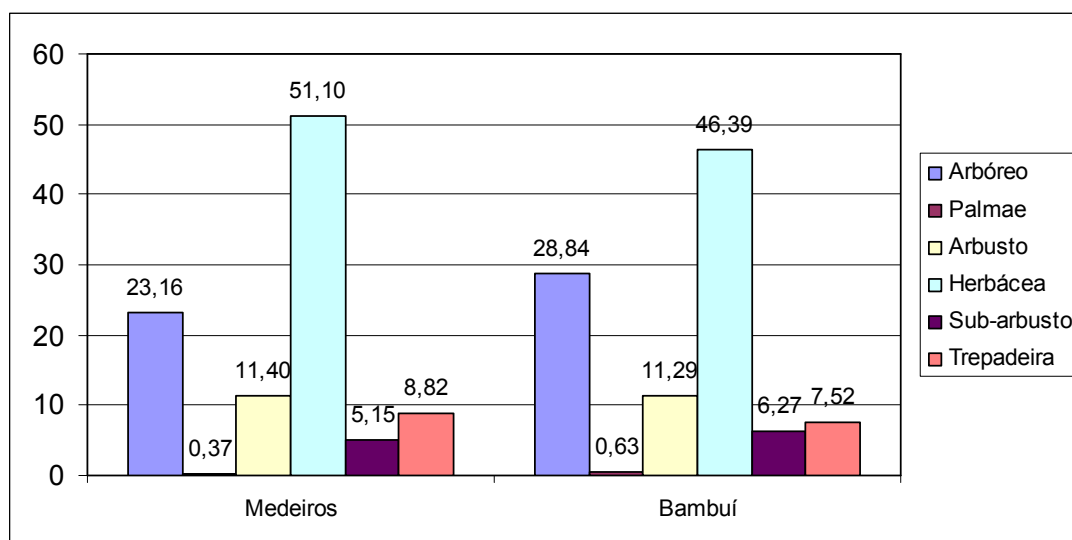


Gráfico 7 - Distribuição dos hábitos de crescimento das plantas de uso medicinal nos municípios de Medeiros e Bambuí, MG.

Os dados de Medeiros e Bambuí, MG, estão coerentes com Rodrigues (2002), que, pesquisando o hábito de crescimento de plantas medicinais na comunidade Miguel Rodrigues, MG, detectou maioria em espécies herbáceas, seguidas pelas plantas com hábito arbóreo.

A predominância do hábito herbáceo também foi observada em outros trabalhos realizados por Pilla et al. (2006), Pinto et al. (2006), Silva e Proença (2008), Silva et al. (2009), Pereira et al. (2011) e Zeni e Bosio (2011).

4.3.5. Partes vegetais utilizadas

Analisando os órgãos vegetais das plantas medicinais utilizadas, a parte predominante foi a folha em ambos os municípios. Em Medeiros, as utilizações das folhas corresponderam a 62,2%, raiz (11,1%), seguida pelas flores, cascas, frutos, talos, sementes e partes aéreas. Em Bambuí, a utilização das folhas foi 61,2%, raiz (12,3%), seguidas pelas cascas, flores, frutos, sementes, talos, partes aéreas e óleo (Gráficos 8 e 9).

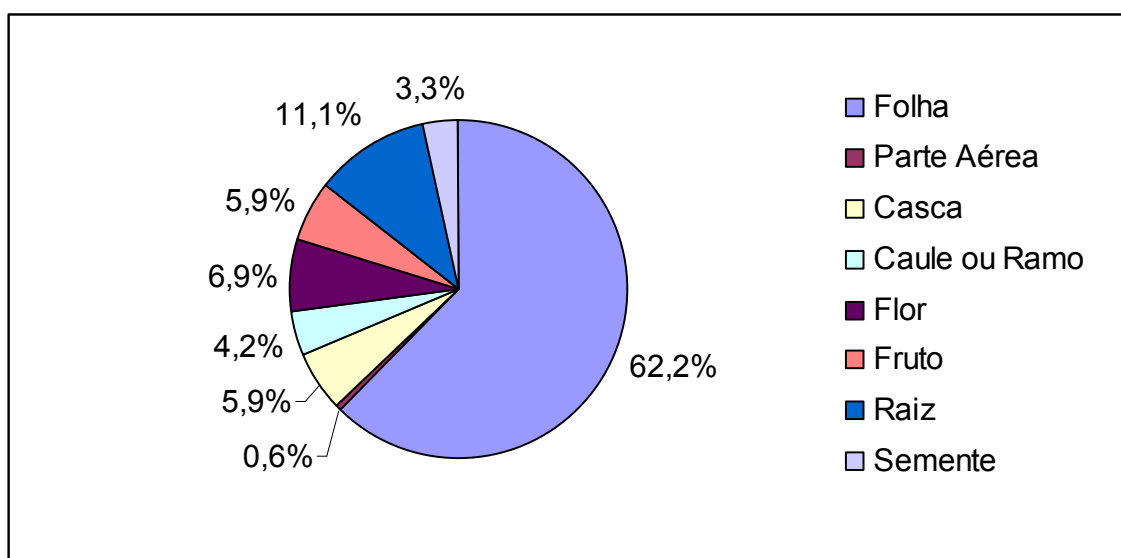


Gráfico 8 - Frequência das partes das plantas medicinais citadas em Medeiros, MG.

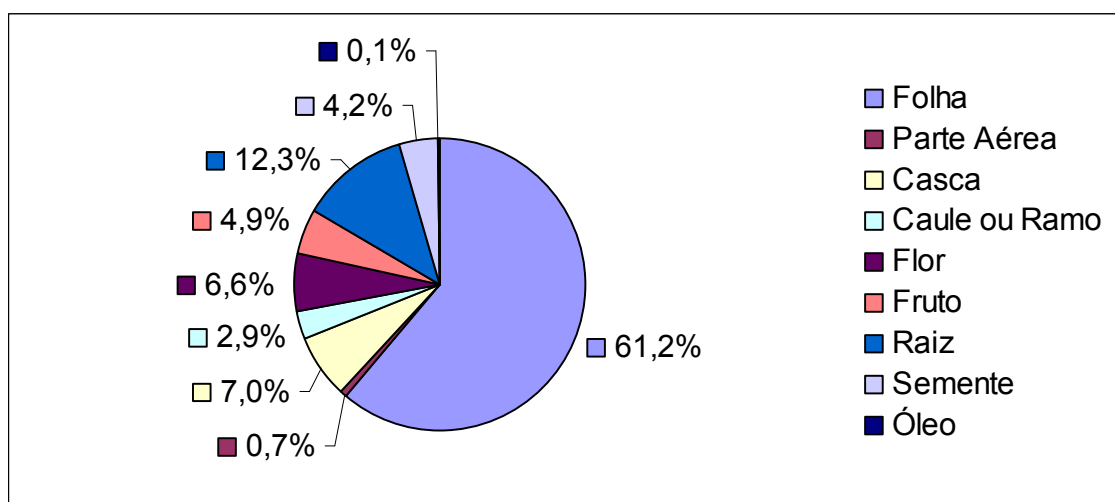


Gráfico 9 - Frequência das partes das plantas medicinais citadas em Bambuí, MG.

Outros trabalhos com resultados semelhantes foram encontrados por Lima (2000), em estudo com moradores de Guaraqueçaba, PR, e Amoroso (2002), Pereira et al. (2004), Pinto et al. (2006), Calabria et al. (2008), Kfuri (2008), Oliveira (2008), Silva et al. (2009), Giraldi e Hanazaki (2010), Silva e Bündchen (2011), Oliveira e Menini Neto (2012) e Cunha et al. (2012).

De acordo com Oliveira (2008), partes da mesma planta podem ser utilizadas em indicações distintas, resultado também comprovado no presente trabalho. Também foram confirmados no presente trabalho em ambos locais, que partes da mesma planta podem ser preparadas de forma específica e indicadas a mais de uma doença e várias espécies podem ser usadas separadamente de forma específica, ou combinadas, ao tratar uma ou mais patologias.

4.3.6. Forma de preparo e modo de uso das plantas medicinais

A maioria das plantas medicinais citadas pelas comunidades pode ser preparada de acordo com a parte da planta a ser utilizada e a indicação. O aproveitamento adequado dos princípios ativos da planta exige o preparo correto, ou seja, em cada órgão da planta, princípios ativos distintos serão extraídos, fatos estes encontrados no estudo realizado por Amoroso (2002). Os efeitos colaterais dos fitoterápicos são pouco freqüentes, desde que empregados na quantidade e na dosagem

correta. As principais formas de preparo das plantas medicinais utilizadas nos municípios de Medeiros e Bambuí, MG, estão descritas no Quadro 3.

Quadro 3 - Descrição das principais formas de preparo citadas pelos informantes dos municípios de Medeiros e Bambuí, MG

Forma de preparo	Descrição da forma
Infusão	A infusão é preparada colocando água fervente sobre as partes da planta em recipiente apropriado e com tampa evitando que percam suas propriedades medicinais. Geralmente são usadas folhas ou as flores. É o modo tradicional de preparar o chá. Devendo deixar as plantas dentro da água quente por 5 a 20 minutos, depois coar o infuso e ingerir antes de 24 horas. A quantidade da erva varia segundo a espécie.
Decocção	Neste processo é extraído o princípio ativo da planta. Devem ser utilizadas as partes mais duras ou rígidas dos vegetais como raízes, cascas e entrecascas, talos, rizomas e sementes. "Cozimento" colocar a erva em um recipiente fechado esmaltado ou de vidro, com água fria e ferver por 10 a 20 minutos (dependendo do quão duro seja a parte utilizada). O decocto deve repousar por 10 minutos em recipiente bem tampado, coando após este tempo, devendo ser utilizado no mesmo dia.
Xarope	Preparar o chá na forma de decocção dos órgãos vegetais picados ou triturados, adicionar açúcar cristal, mascavo, rapadura ou mel, fervendo em fogo brando, mexendo por 3 a 5 minutos até atingir o ponto de fio. Deve ser preparado em pequena quantidade, guardado em frasco bem limpo e escuro e conservado em geladeira. Útil no tratamento de tosse e bronquite.
Maceração	Consiste em submeter os órgãos vegetais ao atrito com as mãos e deixar em contato com o líquido extrator que pode ser a água, leite, vinho. Manter em temperatura ambiente, durante 30 minutos a 12 horas, para que possa desprender o princípio ativo no líquido. Normalmente são usadas folhas, frutos, sementes, flores ou planta toda. A maceração com água não deve ser tomada depois de 12 horas devido à formação de bactérias.
Banho	Primeiro é feito o chá forte na forma de infusão ou decocção que é misturado à água do banho de imersão, assento ou banho tópico. A preparação deve ser coada e utilizada em 24 horas.
Tintura ou maceração em álcool	A partir da maceração ou trituração grosseira da planta fresca ou seca, é possível fazer tinturas de quase todas as ervas. Esse preparo é usado quando não é possível extrair os princípios ativos da planta por meio de infusão ou decocção. A extração dos princípios ativos da planta é feita por solventes. É utilizado o álcool a 80 ou 90%, álcool de cereais, vinagre, cachaça, mergulhados durante 15 a 20 dias. Após este período, filtrar e guardar em recipientes de vidro escuro, ao abrigo da luz.
Aplicação local ou unguento	A planta em estado fresco é macerada ou triturada até extrair o líquido. É indicado em casos de contusão, torção, luxação e dor muscular. Esta preparação pode ser levada ao fogo ou utilizada em temperatura ambiente Aplicar sobre o local afetado.
Pó	A planta ou qualquer órgão vegetal deve ser seca e feita trituração até formar pó bem fino passado em peneira ou pano. Deve ser guardado em vidro seco e tampado.
Alimentação	A planta ou partes vegetais que podem ser preparadas na forma de saladas ou cozidas.
Sumo ou suco	Usar a planta fresca (folhas, flores, fruta, legume ou verdura) triturada ou macerada com água em recipiente ou liquidificada, deixar descansar por 5 minutos e coar.
Inalação	Utilizada a combinação de vapor de água com as substâncias voláteis extraídas das plantas aromáticas. Derramar água fervente sobre a planta medicinal, num recipiente que permita à pessoa, com a cabeça coberta, aspirar o vapor desprendido.
Pomada	Pode ser preparada a partir da mistura de partes iguais da tintura, sumo ou chá concentrado das plantas medicinais desejadas, com banha animal (banha suína ou carneiro), gordura de coco ou vaselina. Deixe a mistura em fogo brando ou use uma panela de banho-maria, durante 2 a 5 minutos. Pode durar um a dois anos. Quando estiver fria, acondicione em latinhas ou potes de vidro. Uso tópico ao massagear partes do corpo ou tratar de problemas de pele ou musculares.

Dentre as 12 formas de utilização em Medeiros e Bambuí a infusão é a mais empregada seguida por decocção e maceração. Segundo Castellani (1999), a infusão é utilizada nas partes de plantas medicinais tenras, tais como: folhas, botões e flores, pois são partes ricas em componentes voláteis, aromas delicados e princípios ativos que são degradados pela ação combinada da água e do calor prolongado.

Em Medeiros, MG, a infusão foi citada por 49,7% dos informantes, decocção (13,6%) e maceração (10,2%). Em Bambuí, MG, a infusão foi citada por 41,4% dos informantes, em seguida de decocção (21,4%), maceração (11,8%), como consta nos Gráficos 10 e 11.

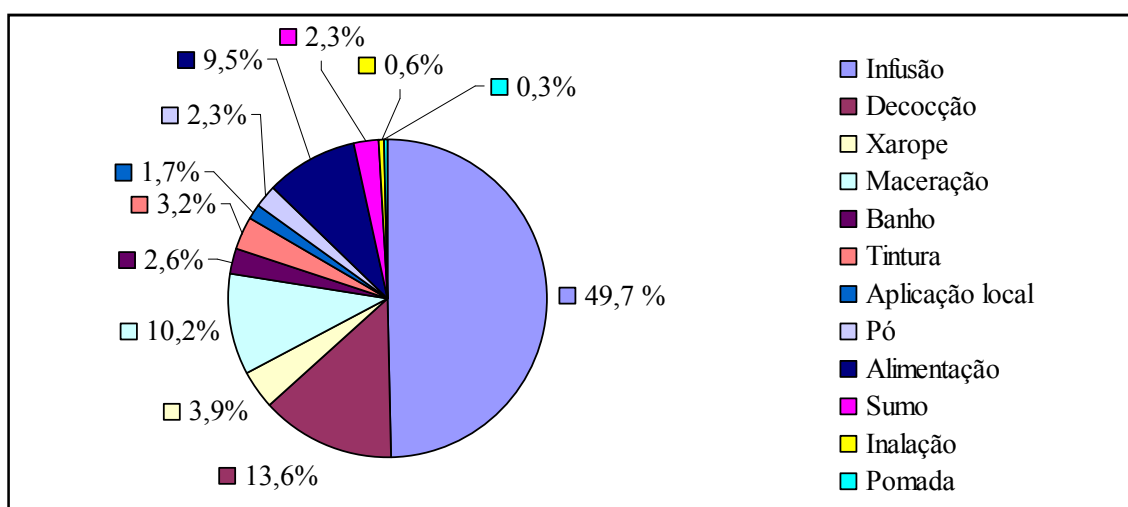


Gráfico 10 - Formas de preparo utilizadas em Medeiros, MG.

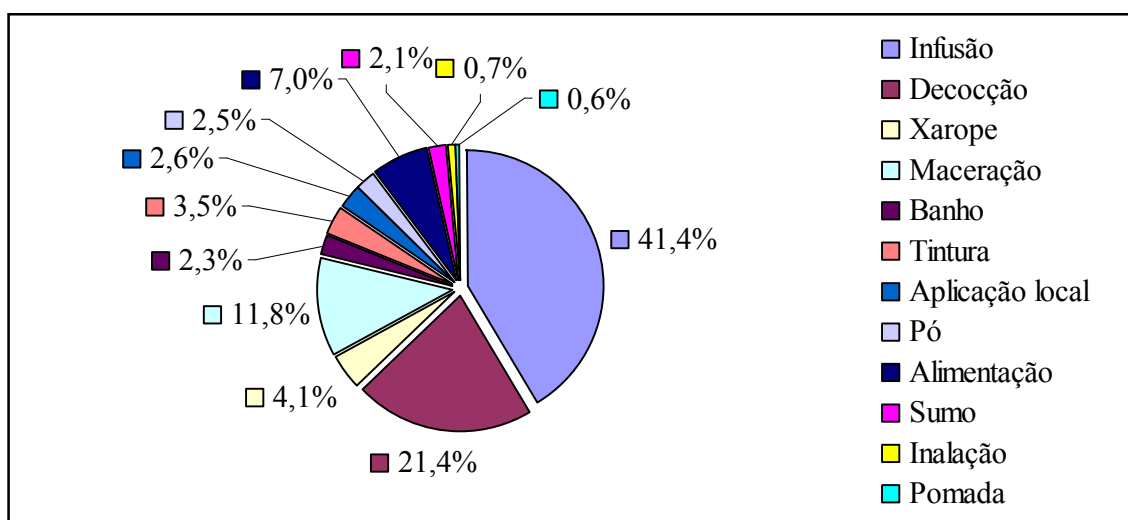


Gráfico 11 - Formas de preparo utilizadas em Bambuí, MG.

Dados semelhantes foram encontrados nos trabalhos realizados por Rodrigues (2002), Pinto et al. (2006), Viganó (2007), Oliveira (2008), Kfuri (2008), Santos et al. (2008), Almeida (2009), Soares (2009), Coelho et al. (2010), Souza et al. (2011), Cunha e Bortoloto (2011) e Júnior et al. (2012).

4.3.7. Indicações terapêuticas citadas pelas comunidades

Em ambos os municípios as indicações com maior número de citações foram doenças do sistema respiratório, problemas renais e afecções gástricas. No município de Medeiros, MG, foram registradas 73 indicações terapêuticas correspondente a citações originadas da utilização das plantas medicinais. Destas, 73 indicações, 14 afecções foram mais citadas tais como: doenças do sistema respiratório (8,8%), problemas renais (7,5%), problemas gástricos (6,4%), gripes e resfriados (5,9%), diarreia - dor de barriga (5,6%), afecções do fígado (5,4%), febre (5,1%), depurativo do sangue (4,8%), cicatrizantes (3,0%), hipertensão (3,0%), diabetes (2,9%), infecção de garganta (2,9%), calmante (2,8%) e gases (2,4%) e espasmos (2,4%) (Quadro 6).

No município de Bambuí, MG, foram registradas 72 indicações terapêuticas. Dentre 72 indicações, 14 afecções foram mais citadas tais como: doenças do sistema respiratório (8,5%), problemas renais (6,8%), problemas gástricos (6,8%), diarreia - dor de barriga (6,5%), gripes e resfriados (6,2%), depurativo do sangue (5,0%), afecções do fígado (4,9%), febre (4,8%), diabetes (3,2%), hipertensão (3,2%), cicatrizantes - feridas (3,1%), infecção de garganta (2,7%), calmante (2,6%) e gases (2,5%) (Quadro 4).

Entretanto, quando verificado o número de citações terapêuticas indicadas por sistemas corporais, o maior número foi destinado ao sistema digestório, seguido pelo respiratório e aparelho genito-urinário, em ambos locais de estudo (Gráficos 12 e 13). As indicações terapêuticas citadas como possíveis de serem tratadas com plantas medicinais foram classificadas de acordo com o CID (Classificação Internacional de Doenças) (OMS, 2000).

Resultados semelhantes ao estudo têm sido descritos em vários trabalhos realizados no Brasil, em vários biomas, quanto às indicações terapêuticas das plantas medicinais citadas, mais representativas foram aquelas relacionadas a doenças do sistema digestório, seguidas pelo respiratório e aparelho genito-urinário (AMOROZO, 2002; AMOROZO, 2004; PILLA et al., 2006; PINTO et al., 2006; VIGANÓ et al., 2007; KFFURI, 2008; GIRALDI; HANAZAKI, 2010).

Quadro 4 - Frequência das indicações terapêuticas citadas pelos informantes dos municípios de Medeiros e Bambuí, MG

Indicações terapêuticas	Medeiros, MG		Bambuí, MG	
	Citações	Frequência relativa (%)	Citações	Frequência relativa (%)
Abre o apetite	3	0,4	3	0,3
Ácido úrico	6	0,8	4	0,5
Acne	1	0,1	1	0,1
Afrodisíaco	3	0,4	5	0,6
Alergias	3	0,4	3	0,3
Amenorréia	6	0,8	5	0,6
Anemia	10	1,3	12	1,4
Antibiótico	4	0,5	3	0,3
Artrite	3	0,4	3	0,3
Boca/gengiva/infecção/aftas/sapinho	8	1,0	6	0,7
Calmante	22	2,8	23	2,6
Cálculos biliares	3	0,4	2	0,2
Câncer	4	0,5	4	0,5
Caspa	3	0,4	3	0,3
Circulação	2	0,3	2	0,2
Cicatrizante/feridas	24	3,0	27	3,1
Cólicas menstruais	12	1,5	13	1,5
Cólicas abdominais	12	1,5	14	1,6
Coluna	4	0,5	5	0,6
Contusão/dor/traumatismo/hematoma	14	1,8	14	1,6
Convulsões	1	0,1	1	0,1
Coração	2	0,3	2	0,2
Corrimento	4	0,5	4	0,5
Diabetes	23	2,9	28	3,2
Diarréia	45	5,6	57	6,5
Dor de dente	4	0,5	5	0,6
Dor de garganta/infecção de garganta	23	2,9	24	2,7
Depurativo do sangue	38	4,8	44	5,0
Doenças pulmonares (tosse, bronquite e asma)	70	8,8	75	8,5
Edema	3	0,4	4	0,5
Estimulante	1	0,1	2	0,2
Estimulante do coração/angina	2	0,3	4	0,5
Erisipela/doenças de pele	7	0,9	6	0,7
Emagrecimento	4	0,5	3	0,3
Estomatite	3	0,4	3	0,3
Enxaqueca/dor de cabeça	10	1,3	10	1,1
Febre	41	5,1	42	4,8
Fígado	43	5,4	43	4,9
Fungos	3	0,4	3	0,3
Flebite	1	0,1	1	0,1
Gases	19	2,4	22	2,5
Gastrite/úlcera/problemas gástricos	51	6,4	60	6,8
Gripe e resfriados	47	5,9	54	6,2
Hérnia	1	0,1	1	0,1
Hemorragia	1	0,1	1	0,1
Hemorróidas	2	0,3	6	0,7
Hipertensão	24	3,0	28	3,2
Inflamação	14	1,8	15	1,7

Continua...

Quadro 4, continuação

Indicações terapêuticas	Medeiros, MG		Bambu, MG	
	Citações	Frequência relativa (%)	Citações	Frequência relativa (%)
Infecção em geral	8	1,0	9	1,0
Infecção das vias urinárias	9	1,1	12	1,4
Infecção de útero	8	1,0	9	1,0
Infecção de ouvido	8	1,0	8	0,9
Inflamação/anti-inflamatório	2	0,3	1	0,1
Labirintite	2	0,3	4	0,5
Limpeza de útero/pós-parto	3	0,4	3	0,3
Mal de Parkinson	1	0,1	1	0,1
Menopausa	4	0,5	4	0,5
Micoses	2	0,3	2	0,2
Palpitações	1	0,1	1	0,1
Picada de cobra	1	0,1	0	0,0
Picada de inseto	3	0,4	3	0,3
Prisão de ventre/laxante/purgativo	9	1,1	17	1,9
Problemas renais/diurético	60	7,5	60	6,8
Queda de cabelo	2	0,3	2	0,2
Reduz colesterol/triglicérides	12	1,5	13	1,5
Reumatismo	1	0,1	1	0,1
Ressaca	2	0,3	2	0,2
Sarna	2	0,3	1	0,1
Sinusite	4	0,5	4	0,5
Vermífugo	14	1,8	16	1,8
Verruga	2	0,3	2	0,2
Vitiligo	1	0,1	1	0,1
Vômitos	2	0,3	2	0,2
Total (%)		100		100
Total de indicações terapêuticas por local de estudo		73		72
Total de citações	797	-	878	-

Legenda dos sistemas corporais:

¹ Sistema digestório: Gastrite/protetor do estômago/doenças da boca (infecção)/intestino/prisão de ventre/fígado (icterícia)/abrir o apetite/ressaca/vermífugo.

² Sistema respiratório: Doenças pulmonares/tosse, bronquite e asma/gripe e resfriados/dor de garganta (infecção)/sinusite.

³ Aparelho do genito-urinário: Problemas renais/diurético e pedras nos rins.

⁴ Doenças venéreas/infecções de útero/amenorréia e problemas menstruais/pós-parto.

⁵ Sistema nervoso: Calmante/dor/estimulante/convulsões.

⁶ Sistema circulatório: Depurativo/estimulante do coração/anemia/hemorragia/reduz colesterol.

⁷ Sistema tegumentar: Machucado/caspa e queda de cabelo/sarna/vitiligo/verrugas.

⁸ Sistema locomotor: Dor de coluna e costas/reumatismo.

⁹ Infecções e Inflamações em geral.

¹⁰ Outros: Diabetes/cólicas/febre/enxaqueca.

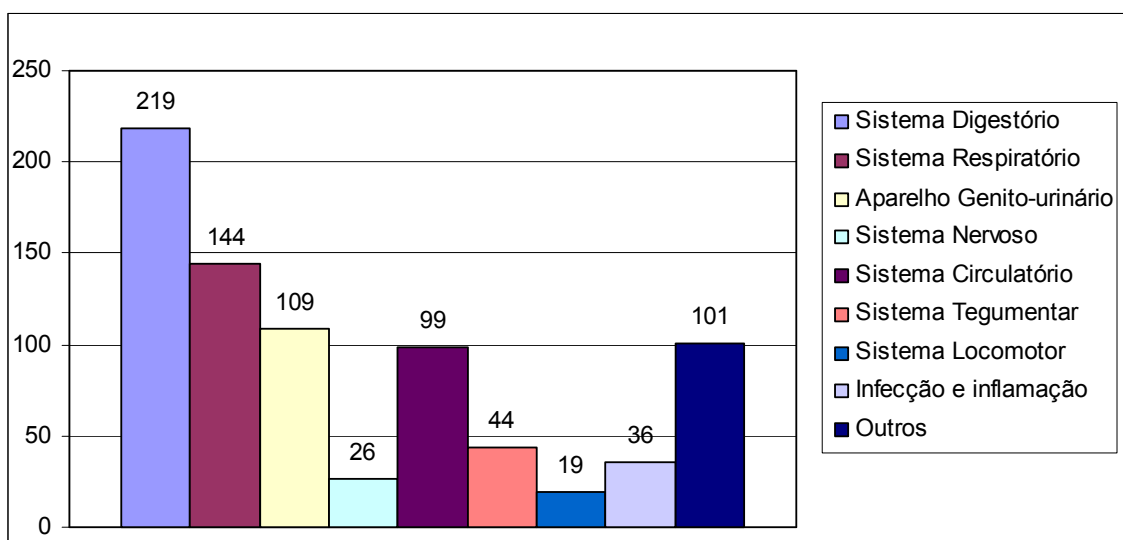


Gráfico 12 - Número de citações terapêuticas informadas em Medeiros, MG.

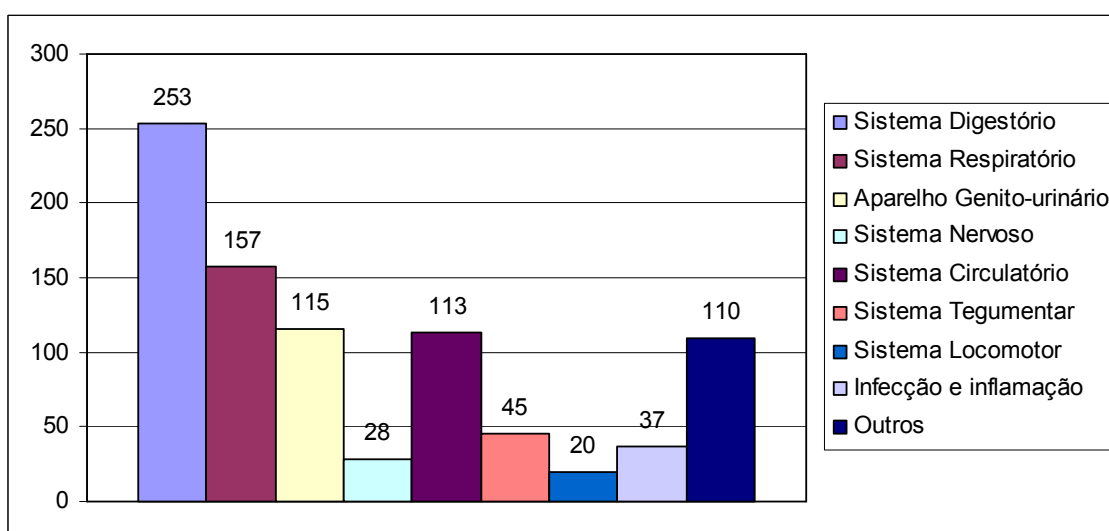


Gráfico 13 - Número de citações terapêuticas informadas em Bambuí, MG.

Savikin et al. (2013), em estudo etnobotânico sobre o uso tradicional de plantas medicinais no Sudoeste da Sérvia, distrito de Zlatibor, constataram que os usos medicinais mais frequentes foram destinados ao tratamento de doenças gastrointestinais e de problemas respiratórios.

A maioria dos informantes em ambos locais relatou que “as plantas medicinais podem tratar qualquer doença”. Em Medeiros, 62,5% dos informantes afirmaram que “as plantas medicinais podem tratar todas as doenças”, 37,5% afirmaram que “nem

todas as doenças podem ser curadas”. Em Bambuí, 76,67% dos informantes afirmaram que “todas as doenças podem ser curadas”, porém 23,33% não concordam com tal afirmativa e que algumas doenças não são possíveis de ser curadas, tais como: alguns tipos de câncer, AIDS, problemas de tireóide, perda dos rins (insuficiência renal) e, em alguns casos, as plantas podem auxiliar no tratamento, mas não curar.

4.3.8. Plantas medicinais reconhecidas pelo SUS e utilizadas nas comunidades em estudo

O Ministério de Saúde (MS) implantou a utilização das terapias complementares no Sistema Único de Saúde (SUS) e também incentivou as pesquisas com as plantas medicinais, garantindo assim, o uso correto e seguro de fitoterápicos. Elaborou a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, aprovada pelo Decreto nº 5.813, de 22 de junho de 2006 (BRASIL, 2006).

O Programa do MS objetiva ampliar a lista de fitoterápicos oferecidos pelo SUS na atenção básica, orientando estudos e pesquisas que possam subsidiar a elaboração da relação de fitoterápicos. O MS elaborou a Relação Nacional de Plantas de Interesse ao SUS (RENISUS) em 2009, divulgou a lista de 71 plantas medicinais indicadas e reconhecidas no uso terapêutico pela população. Sete plantas medicinais já foram aprovadas e estão sendo distribuídas na rede pública de saúde, tais como: alcachofra, aroeira, cáscara sagrada, espinheira santa, garra do diabo, guaco e unha de gato (BRASIL, 2009).

Dentre as 71 espécies reconhecidas pelo SUS, 46 espécies (64,8%) foram informadas e são utilizadas pelos entrevistados na comunidade de Medeiros e 49 espécies (69,0%) pela comunidade de Bambuí. Em ambos locais, dentre as sete espécies distribuídas já pelo SUS, quatro espécies (alcachofra, aroeira, espinheira santa e unha de gato) estão entre as plantas usadas na comunidade. No Quadro 5 estão relacionadas as plantas medicinais de interesse do SUS e que são utilizadas em Medeiros e Bambuí de acordo com os entrevistados.

Entretanto, a maioria dos entrevistados relatou não ter conhecimento e que não tiveram contato com os fitoterápicos dispensados pelo SUS, pois os médicos não receitam.

Quadro 5 - Relação das plantas medicinais de interesse do SUS e plantas informadas pelos entrevistados em ambos os municípios estudados

Espécies reconhecidas e aprovadas pelo SUS (nome científico e popular)	Espécies utilizadas em ambos os municípios	
	Medeiros	Bambuí
Abacaxi (<i>Ananás comosus</i>)	U	U
Abacate - <i>Persea</i> spp. (<i>P. gratissima</i> ou <i>P. americana</i>)	U	U
Açafrão (<i>Curcuma longa</i>)	U	U
Alcachofra (<i>Cynara scolymus</i>)	U	U
Alfavacão, alfavaca-cravo (<i>Ocimum gratissimum</i>)	NU	NU
Alho (<i>Allium sativum</i>)	U	U
Amora (<i>Morus</i> sp.)	U	U
Amor-crescido (<i>Portulaca pilosa</i>)	NU	NU
Andiroba, angiroba (<i>Carapa guianensis</i>)	NU	NU
Anador (<i>Justicia pectoralis</i>)	U	U
Arnica (<i>Solidago microglossa</i>)	U	U
Aroeira, aroeira-do-rio-grande-do-sul - <i>Schinus terebinthifolius</i> (<i>Schinus aroeira</i>)	U	U
Arruda (<i>Ruta graveolens</i>)	U	U
Assa-peixe - <i>Vernonia</i> spp. (<i>V. ruficoma</i> ou <i>V. polyanthes</i>)	U	U
Babaçu (<i>Orbignya speciosa</i>)	NU	NU
Barbatimão, casca-da-virgindade - <i>Stryphnodendron adstringens</i> (<i>S. barbatimam</i>)	U	U
Babosa, aloés - <i>Aloe</i> spp. (<i>A. vera</i> ou <i>A. barbadensis</i>)	U	U
Boldo da Bahia (<i>Vernonia condensata</i>)	NU	NU
Boldo - <i>Plectranthus barbatus</i> (<i>Coleus barbatus</i> L)	U	U
Calêndula, flor-de-todos-osmales (<i>Calendula officinalis</i>)	U	U
Caju (<i>Anacardium occidentale</i>)	U	U
Camomila - <i>Chamomilla recutita</i> (<i>Matricaria chamomilla</i> , <i>Matricaria recutita</i>)	U	U
Cana-do-brejo - <i>Costus</i> spp. (<i>C. scaber</i> ou <i>C. spiralis</i>)	U	U
Carqueja (<i>Baccharis trimera</i>)	U	U
Cavalinha (<i>Equisetum arvense</i>)	U	U
Cáscara sagrada (<i>Rhamnus purshiana</i>)	NU	NU
Concorosa, combra-de-touro, espinheira-santa - <i>Maytenus</i> spp. (<i>M. aquifolium</i> ou <i>M. ilicifolia</i>)	U	U
Colônia - <i>Alpinia</i> spp. (<i>A. zerumbet</i> ou <i>A. speciosa</i>)	NU	NU
Copaíba (<i>Copaifera</i> spp.)	NU	U
Crajirú, carajiru (<i>Arrabidaea chica</i>)	NU	NU
Cravo-de-defunto (<i>Tagetes minuta</i>)	U	NU
Erva-de-santa-maria, mastruço, menstus (<i>Chenopodium ambrosioides</i>)	U	U
Erva baleeira - <i>Cordia</i> spp. (<i>C. curassavica</i> ou <i>C. verbenacea</i>)	NU	NU
Erva-de-bicho - <i>Polygonum</i> spp. (<i>P. acre</i> ou <i>P. hydropiperoides</i>)	U	U
Eucalipto (<i>Eucalyptus globulus</i>)	U	U
Estrepa cavalo, alecrim, alecrim-pimenta (<i>Lippia sidoides</i>)	NU	NU
Folha-da-fortuna - <i>Kalanchoe pinnata</i> (<i>Bryophyllum calycinum</i>)	NU	NU
Funcho (<i>Foeniculum vulgare</i>)	U	U
Garra-do-diabo (<i>Harpagophytum procumbens</i>)	NU	NU

Continua...

Quadro 5, continuação

Espécies reconhecidas e aprovadas pelo SUS (nome científico e popular)	Espécies utilizadas em ambos os municípios	
	Medeiros	Bambuí
Gengibre (<i>Zingiber officinale</i>)	U	U
Goiaba (<i>Psidium guajava</i>)	U	U
Guaçatonga (<i>Casearia sylvestris</i>)	U	U
Guaco - <i>Mikania</i> spp. (<i>M. glomerata</i> ou <i>M. laevigata</i>)	U	U
Hortelã-pimenta, hortelã, menta - <i>Mentha</i> spp. (<i>M. crispa</i> , <i>M. piperita</i> ou <i>M. villosa</i>)	U	U
Ipê-roxo (<i>Tabebuia avellanedae</i>)	U	U
Jambolão - <i>Syzygium</i> spp. (<i>S. jambolanum</i> , <i>S. cumini</i>)	U	U
Jucá, pau-ferro-verdadeiro - <i>Apuleia ferrea</i> (<i>Caesalpinia ferrea</i>)	NU	U
Jurubeba (<i>Solanum paniculatum</i>)	U	U
Losna (<i>Artemisia absinthium</i>)	U	U
Malva, malva-alta, malva-silvestre (<i>Malva sylvestris</i>)	U	U
Maracujá - <i>Passiflora</i> spp. (<i>P. alata</i> , <i>P. edulis</i> ou <i>P. incarnata</i>)	U	U
Marupa, palmeirinha (<i>Eleutherine plicata</i>)	NU	NU
Melão-de-são-caetano (<i>Momordica charantia</i>)	U	U
Mulungu (<i>Erythrina mulungu</i>)	NU	U
Pé-de-perdiz - <i>Croton</i> spp. (<i>C. cajucara</i> ou <i>C. zehntneri</i>)	U	U
Peão-roxo, jalopão (<i>Jatropha gossypifolia</i>)	NU	U
Picão (<i>Bidens pilosa</i>)	U	U
Pitanga (<i>Eugenia uniflora</i> ou <i>Myrtus brasiliensis</i>)	U	U
Poejo (<i>Mentha pulegium</i>)	U	U
Quebra-pedra - <i>Phyllanthus</i> spp. (<i>P. amarus</i> , <i>P. niruri</i> , <i>P. tenellus</i> e <i>P. urinaria</i>)	U	U
Romeira (<i>Punica granatum</i>)	NU	NU
Salsa (<i>Petroselinum sativum</i>)	NU	NU
Salgueiro branco (<i>Salix alba</i>)	NU	NU
Soja (<i>Glycine max</i>)	NU	NU
Tanchagem, tanchás (<i>Plantago major</i>)	U	U
Trevo vermelho (<i>Trifolium pratense</i>)	NU	NU
Unha-de-gato (<i>Uncaria tomentosa</i>)	U	U
Urtiga-branca (<i>Lamium album</i>)	NU	NU
Verônica (<i>Dalbergia subcymosa</i>)	NU	NU

Legenda: NU – Não utilizado. U – Utilizado pelos entrevistados.

Em Medeiros, 97,5% das pessoas informaram não receber nenhuma orientação ou indicação de uso originada em consulta médica pelo SUS. Apenas uma pessoa (2,5%) relatou utilizar um fitoterápico, porém receitado por consulta em outro município. Cerca de 72,5% dos entrevistados disse utilizar plantas medicinais no tratamento das doenças, onde 27,5% não estão utilizando no momento. No entanto, 62,5% destes utilizam plantas medicinais juntamente com medicamento, 20% utiliza apenas plantas medicinais e 17,5% estão utilizando apenas medicamentos.

Em Bambuí, 96,67% dos informantes nunca tinham recebido orientação de uso e, ou, receituário e apenas 3,33% informaram o uso por indicação médica em outro município. Cerca de 76,67% relatou utilizar plantas medicinais juntamente com medicação no tratamento das doenças e 23,33% não estão utilizando plantas no tratamento. Contudo, 68,33% fazem uso de plantas medicinais juntamente com medicamentos, 20% utilizam apenas plantas medicinais e 11,67% estão utilizando apenas medicamentos. A maioria dos entrevistados, em ambos os municípios, informaram já terem substituído algum medicamento por tratamento com plantas medicinais. Em Medeiros, 90% e 91,67% em Bambuí informaram que tiveram bons resultados com a substituição, seja na forma de chá, infusão, decocção, banho ou outras formas.

Quanto à utilização das plantas medicinais, os resultados demonstraram que a maioria das pessoas entrevistadas utiliza com frequência de duas a seis vezes por semana, em ambos locais de estudo. Na comunidade de Medeiros, a frequência de consumo foi maior de que na comunidade de Bambuí. Em Bambuí, 20% do total relataram que não sabem dizer qual frequência que utilizam e 3,33% relataram não utilizar plantas medicinais no momento, contudo informaram que utilizavam com frequência (Gráfico 14).

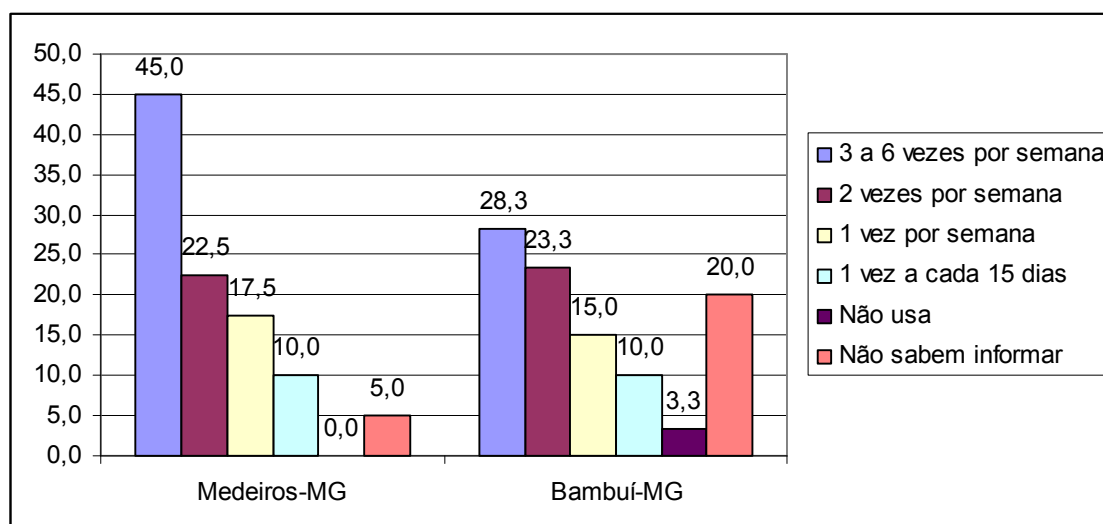


Gráfico 14 - Frequência de consumo de plantas medicinais citadas pelos informantes em Medeiros e Bambuí, MG.

Resultados semelhantes foram encontrados em dois trabalhos recentes. Pessoa e Cartágenes (2010), analisando a utilização de plantas medicinais por moradores de dois bairros na cidade de São Luís, Estado do Maranhão e Maia et al. (2011) em estudo do uso de espécies vegetais com fins medicinais em duas comunidades da Serra Catarinense, Santa Catarina, verificaram que a maioria das pessoas entrevistadas utilizavam plantas medicinais com frequência.

4.3.9. Importância relativa das espécies medicinais

Os dados obtidos foram analisados de forma qualitativa e quantitativa. Foi elaborada a lista com as árvores, arbustos, subarbustos, herbáceas cultivadas e nativas da região relatadas pelos informantes. Foram verificadas na bibliografia as espécies com referências quanto às propriedades medicinais, importância e possíveis usos.

O Índice de Importância Relativa (IR) das espécies medicinais foi calculado visando conhecer as espécies de maior ou menor importância entre os informantes, em ambos os municípios (AMOROZO; GÉLY, 1988) (Quadro 6). Esta técnica foi adaptada do trabalho de Friedman et al. (1986) por Amorozo e Gély (1988).

Quadro 6 - Importância relativa das espécies encontradas em Medeiros e Bambuí, MG, agosto de 2011 a julho de 2012

Classificação	Valores referência	Medeiros		Bambuí	
		N	%	N	%
Pouco utilizado	0 a 24	195	71,69	242	75,86
Uso intermediário	25 a 49	43	15,81	37	11,60
Muito utilizado	50 a 100	34	12,50	40	12,54
Total calculado de IR		272	100,00	319	100,00

O Índice de Importância Relativa das Espécies (IR) do município de Medeiros, MG, foi calculado em relação a 272 espécies de plantas identificadas totalizando 100,00%. Da mesma forma foi realizado em Bambuí, MG, onde foi calculado em relação a 319 espécies totalizando 100,00%. Esse índice foi obtido pelo cálculo do (CUPc), porcentagem de concordância quanto aos usos principais corrigidos. Os valores de IR entre 0 a 24 correspondem a espécies pouco utilizadas na comunidade, entre 25 a 49, espécies de uso intermediário entre 50 a 100, espécies muito utilizadas na comunidade (AMOROZO; GÉLY, 1988).

Na maior parte das espécies de ambos os municípios, os valores do IR foram 0 a 24, classificadas como pouco utilizadas. Os resultados obtidos foram análogos aos encontrados por Kubo (1997), em levantamento realizado no município de Coronel Bicaso, RS; por Schardong e Cervi (2000), em estudo na comunidade de São Benedito, MS; e em pesquisa realizada por Almassy Júnior (2004), na comunidade de Lavras Novas, MG, em que os valores de IR variaram entre 0 a 24.

No município de Medeiros, 15,81% das espécies estão entre 25 a 49 do IR e 12,50%, entre 50 a 100 do IR, classificadas como muito utilizadas. Em Bambuí, 11,60% das espécies estão entre 25 a 49 do IR e 12,54%, entre 50 a 100 do IR, classificadas como muito utilizadas.

De acordo com Friedman et al. (1986), a planta com índice relativamente alto, pode ter real efetividade no tratamento da doença. A porcentagem de concordância quanto aos usos principais para cada espécie (CUPc) mostra a importância relativa das plantas utilizadas nestas comunidades quanto ao número de entrevistados que as citaram e à concordância dos usos citados.

Em estudo de etnobotânica este índice facilitará a seleção de espécies dos testes farmacológicos que possam vir a comprovar uma real eficácia de seus princípios ativos (FRIEDMAN et., 1986; PINTO et al., 2006). Segundo Albuquerque et al. (2007), o IR do ponto de vista farmacológico, também é importante critério de seleção de plantas visando estudos detalhados de atividades biológicas e farmacológicas. Entretanto, do ponto de vista ecológico espécies que possuem maior diversidade de uso medicinal, merecem atenção especial, pois são mais procuradas e, portanto ocorre maior extrativismo.

De acordo com o IR foram listadas as espécies de maior uso em ambos os municípios.

No Quadro 7, estão listadas todas as espécies relatadas pelos informantes sobre o conhecimento etnobotânico e etnofarmacológico utilizados com fins medicinais dos municípios de Medeiros e Bambuí-MG. No quadro foram sistematizados os dados segundo o nome popular, identificação botânica, indicação terapêutica, hábito e importância relativa (IR).

Em Medeiros, foram identificadas 34 espécies com maior uso e valor de IR de 50 a 100: erva-cidreira (*Cymbopogon citratus* (DC) Stapf.) - IR = 97,14; arnica mineira (*Lychnophora pinaster* Mart.) - 94,29; mane-turé/rubim (*Leonurus sibiricus* L.) - 91,43; quebra-pedra-rasteira (*Euphorbia prostrata* Aiton.) - 91,43; quebra-pedra (*Phyllanthus tenellus* Roxb.) - 88,57; quebra-pedra (*Phyllanthus urinaria* L.) - 88,57; cana-de-macaco (*Costus spiralis* (Jacq.) Roscoe.) - 88,57; mentrasto (*Ageratum conyzoides* L.) - 85,71; boldo (*Plectranthus barbatus* Andrews.) - 85,71; hortelã (*Mentha* sp.) - 82,86; funcho (*Foeniculum vulgare* Mill.) - 82,86; calunga (*Simaba ferruginea* St. Hil.) - 77,14; carqueja (*Baccharis trimera* (Less.) DC.) - 77,14; Barbatimão (*Stryphnodendron adstringens* (Mart. Coville.) - 74,29; alfavaca (*Ocimum americanum* L. (sin: *O. canum* Sims). - 71,43; chuchu (*Sechium edule* (Jacq.) Sw.) - 71,43; erva-de-Santa-Maria (*Chenopodium ambrosioides* L.) - 71,43; goiabeira (*Psidium guajava* L.) - 71,43; bálsamo da horta (*Cotyledon orbiculata* L.) - 68,57; erva-cidreira-de-arbusto (*Lippia alba* (Mill) N.E. Brown.) - 68,57; jurubebinha do cupim (*Solanum subumbellatum* Roem. & Schult.) - 68,57; laranjeira (*Citrus* sp.) - 65,71; assa-peixe (*Vernonia polyanthes* Less.) - 62,86; poejo (*Mentha pulegium* L.) - 62,86; poejo (*Mentha longifolia* (L.) Huds.) - 62,86; bate caixa (*Palicourea rigida* Kunt.) - 62,86; alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.) - 60,00; mamão (*Carica papaya* L.) - 60,00; arruda (*Ruta*

graveolens L.) - 54,29; eucalipto (*Eucalyptus citriodora* Hook.) - 51,43; gengibre (*Zingiber officinale* [Willd.] Roscoe.) - 51,43; romã (*Punica granatum* L.) - 51,43.

Na comunidade de Bambuí foram identificadas 40 espécies com maior uso segundo cálculo do IR de 50 a 100 e tais espécies são: erva-cidreira (*Cymbopogon citratus* (DC) Stapf.) - 100,00; erva-cidreira-de-arbusto (*Lippia alba* (Mill) N.E. Brown.) - 92,73; bálsamo da horta (*Cotyledon orbiculata* L.) - 92,73; hortelã (*Mentha* sp.) - 92,73; erva-de-Santa-Maria (*Chenopodium ambrosioides* L.) - 90,91; funcho (*Foeniculum vulgare* Mill.) - 90,91; mane-turé/rubim (*Leonurus sibiricus* L.) - 90,91; arnica mineira (*Lychnophora pinaster* Mart.) - 87,27; calunga (*Simaba ferruginea* St. Hil.) - 87,27; carqueja (*Baccharis trimera* (Less.) DC.) - 87,27; folha-santa (*Bryophyllum calycinum*) - 85,45; cana-de-macaco (*Costus spiralis* (Jacq.) Roscoe.) - 83,64; poejo (*Mentha pulegium* L.) - 83,64; quebra-pedra (*Phyllanthus tenellus* Roxb.) - 83,64; mentrasto (*Ageratum conyzoides* L.) - 81,82; barbatimão (*Stryphnodendron adstringens* (Mart. Coville)) - 80,00; boldo-brasileiro (*Plectranthus barbatus* Andrews.) - 80,00; alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.) - 78,18; alfavaca (*Ocimum americanum* L. (sin: *O. canum* Sims).) - 78,18; mamão (*Carica papaya* L.) - 78,18; arruda (*Ruta graveolens* L.) - 74,55; bate caixa (*Palicourea rigida* Kunt.) - 70,91; cervejinha do campo (*Centrosema bracteosum*) - 70,91; Chuchu (*Sechium edule* (Jacq.) Sw.) - 69,09; cambarã-de-espinho (*Lantana camara* L.) - 67,27; chapéu-de-couro (*Echinodorus grandiflorus* (Cham. & Schltdl.) Micheli.) - 67,27; laranjeira (*Citrus* sp.) - 65,45; lobeira (*Solanum lycoparpum* St. Hil.) - 61,82; losna (*Artemisia absinthium* L.) - 61,82; romã (*Punica granatum* L.) - 61,82; assa-peixe (*Vernonia polyanthes* Less.) - 58,18; babosa (*Aloe vera* (L) Burm.f.) - 56,36; gengibre (*Zingiber officinale* [Willd.] Roscoe.) - 56,36; quina-do-cerrado (*Strychnos brasiliensis* Mart.) - 56,36; limão-cravo (*Citrus limonia* (L.) Burm. f) - 54,55; transagem-maior (*Plantago major* L.) - 54,55; panacéia (*Solanum cernuum* Vell.) - 52,73; picão-grande-branco (*Bidens brasiliensis* Sherf.) - 52,73; arnica-brasileira (*Solidago microglossa* DC.) - 50,91; rosa-branca (*Rosa alba* L.) - 50,91.

Quadro 7 - Espécies de uso medicinal indicadas pelos informantes nos municípios de Bambuí (B) e Medeiros (M): nome popular, identificação botânica, indicações terapêuticas, partes usadas, forma de preparo, ocorrência, sistema de cultivo, hábito de crescimento e importância relativa (IR)

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Abacate <i>Persea americana</i> Mill. Lauraceae	Rim, pressão alta, diabetes, dores e contusão	Folha e semente	Infusão e aplicação local	B / M	Cul	Arv	43,64	48,57
Abacaxi <i>Ananas comosus</i> (L.) Merr. Bromeliaceae	Digestivo, tosse, bronquite e expectorante	Fruto e casca	Xarope	B / M	Cul	Herb	7,27	11,43
Abóbora <i>Cucurbita pepo</i> L. Cucurbitaceae	Vermífuga, reduzir o triglicérides	Semente	Pó	B / M	Cul	Herb	38,18	31,43
Abuta <i>Abuta grandifolia</i> (Mart.) Sandw. Menispermaceae	Febre, diurético, pressão alta, expectorante, fígado	Casca, raiz e folha	Infusão e decocção	M	N	Trep	N.I	8,57
Abutua <i>Cissampelos glaberrima</i> St. Hil. Menispermaceae	Febre, rins, diurético, infecções urinárias, ácido úrico, má digestão, gases, cólicas menstruais	Raiz	Decocção	M	N	Arbu	N.I	8,57
Açaçu <i>Hura crepitans</i> L. Euphorbiaceae	Gripe	Raiz	Decocção	B / M	N	Arv	1,86	2,86
Açafrão <i>Crocus sativus</i> Iridaceae	Diarréia, fígado, Pressão alta, circulação e reduz colesterol	Raiz (rizoma)	Decocção	B / M	Cul	Herb	14,55	25,71
Acariçoba <i>Hydrocotyle umbellata</i> L. Apiaceae	Fígado, hipertensão arterial	Toda planta	Infusão	B	N	Herb	1,82	N.I
Acelga <i>Beta vulgaris subsp. orientalis</i> (Roth) Aell. Chenopodiaceae	Constipação, gastrite prisão de ventre, diabetes, fígado e cálculos biliares	Folha	Alimentação	B / M	Cul	Herb	3,64	8,57

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Acerola <i>Malpighia glabra</i> L. Malpighiaceae	Infecções do fígado, anemia, carência de vitamina C, cicatrização	Fruto	Alimentação	M	Cul	Arbu	N.I	8,57
Açoita-cavalo <i>Luehea divaricata</i> Mart. Tiliaceae	Úlceras estomacais, feridas, infecção de útero, menopausa, corrimento	Casca do caule	Infusão e banho	B / M	Cul	Arv	3,64	8,57
Agave (piteira) <i>Agave americana</i> L. Agavaceae	Dor muscular, sarna e micose	Folha	Infusão e aplicação local	B / M	N	Herb	10,91	8,57
Agrião <i>Barbarea verna</i> Aschers. Brassicaceae	Anemia, gripe, expectorante, tosse, bronquite, fígado e rins	Toda planta	Salada, xarope	B / M	Cul	Herb	30,91	11,43
Agrião-d'água <i>Roripa nasturtium- aquaticum</i> R. Br. Brassicaceae	Anemia, gripe e bronquite	Toda planta	Salada, xarope	B	Cul	Herb	1,82	N.I
Agoniada <i>Plumeria lancifolia</i> Mul. Arg Apocynaceae	Cólicas menstruais, inflamações no útero, corrimento e menopausa	Casca e folha	Infusão	B / M	N	Arv	1,82	8,57
Alcachofra <i>Cynara scolymus</i> L. Asteraceae	Diurético, digestivo, diminui os níveis de colesterol, ácido úrico e protege o fígado	Folha, fruto e raiz	Infusão e alimentação	B / M	Cul	Herb	3,64	8,57
Alecrim <i>Rosmarinus officinalis</i> L. Lamiaceae	Gripe, calmante, diurética (abaixa a pressão), estimulante do coração, fígado e cólicas menstruais	Folha	Infusão	B / M	Cul	Arbu	78,18	60,00
Alecrim-do-campo <i>Baccharis dracunculifolia</i> DC. Asteraceae	Febre, dor muscular e reumática	Folha e ramo	Decocção e banho	B / M	N	Arbu	14,55	8,57
Alevante <i>Mentha</i> sp. Lamiaceae	Gripe, resfriado e amenorréia	Folha	Infusão	B / M	Cul	Herb	27,27	42,86

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Alface <i>Lactuca sativa</i> L. Asteraceae	Calmante, pressão alta, infecção de urina (útero) erisipela e convulsões	Folha e raiz	Infusão	B / M	Cul	Herb	18,18	14,29
Alfavaca <i>Ocimum americanum</i> L. (<i>O. canum</i> Sims.) Lamiaceae	Diurética e rins, gripe, tosse, febre, dor de garganta, gastrite e úlceras	Folha e flor	Infusão, decocção	B / M	Cul	Sub-a	78,18	71,43
Alfavaquinha <i>Ocimum selloi</i> Benth. Lamiaceae	Diarréia, gases, úlceras e usado em inflamações (dor de garganta)	Folha	Infusão	B	Cul	Sub-a	7,27	N.I
Alfazema <i>Lavandula</i> sp. Lamiaceae	Gripe, problemas respiratórios, enxaqueca, cicatrizante e corrimento	Toda planta	Infusão	B / M	Cul	Arbu	3,64	14,29
Algodão <i>Gossypium hirsutum</i> L. Malvaceae	Cólica menstrual, infecção de ouvido, útero e ovário, dor de dente e garganta	Folha e flor	Infusão	B / M	Cul	Arbu	38,18	28,57
Alho <i>Allium sativum</i> L. Liliaceae	Depurativo, bronquite, gripe, resfriado e reduz o colesterol	Bulbo	Infusão, decocção e xarope	B / M	Cul	Herb	27,27	25,71
Almeirão <i>Cichorium intybus</i> L. Asteraceae	Prisão de ventre, gastrite, icterícea (fígado), anemia	Folha	Infusão e alimentação	B / M	Cul	Herb	1,82	8,57
Alpiste <i>Phalaris canariensis</i> L. Poaceae	Diabetes, diurético e pressão alta	Decocção	Sementes	B	Cul	Herb	3,64	N.I
Amburana <i>Amburana cearensis</i> . Fabaceae Papilionoideae	Gripe, resfriado, tosse e asma	Semente e casca	Decocção	B	Cul	Arv	7,27	N.I
Ameixeira-preta <i>Prunus domestica</i> L. Rosaceae	Resfriado, rouquidão, tosse, asma, reduz o colesterol	Fruto e folha	Infusão	B / M	Cul	Arv	5,45	28,57

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Amescla, mescla <i>Protium spruceanum</i> (Benth.) Engl. Burseraceae	Usado em machucado, antiinflamatório	Resina	Infusão	B	N	Arv	1,82	N.I
Amor-perfeito <i>Viola tricolor</i> Violaceae	Depurativo, doenças da pele eczema e tosse	Flor	Xarope	B / M	Cul	Herb	1,82	8,57
Amora-preta <i>Morus nigra</i> L. Moraceae	Diarréia, bronquite, amigdalite, rouquidão e reposição hormonal	Fruto e folha	Infusão	B / M	Cul	Arv	29,09	20,00
Amora-branca <i>Rubus brasiliensis</i> Mart. Rosaceae	Infecção de garganta, sapinho e cicatrizante	Folha	Aplicação local (gargarejo)	M	N	Arbu	N.I	14,29
Anador, Chambá, Trevo do Pará <i>Justicia pectoralis</i> Acanthaceae	Febre, gripe, tosse, bronquite, dor de cabeça, cólicas abdominais e ferida	Folha e ramo	Infusão ou decocção	B / M	Cul	Herb	12,73	5,71
Anjico <i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan. Fabaceae	Pulmão, Pneumonia, tosse, asma e enfisema pulmonar	Folha e casca	Infusão e decocção	B / M	N	Arv	1,82	11,43
Angelim <i>Vouacapoua americana</i> Aubl. Fabaceae	Diarréia, infecções no útero e ovário	Casca	Decocção	B	N	Arv	1,82	N.I
Angélica <i>Angelica officinalis</i> (Moench) Hoffm Apiaceae	Depurativa, ansiedade, asma, bronquite, diarréia e hipertensão	Toda planta	Infusão	B / M	Cul	Herb	3,64	2,86
Anil <i>Indigofera suffruticosa</i> Mill. Fabaceae	Prisão de ventre, Febre, depurativa, diurética e infecções no aparelho genital	Folha e raiz	Decocção	M	N	Herb	N.I	11,43
Araçá-do-campo <i>Psidium araça</i> Raddi Myrtaceae	Diarréia, artrite	Raiz e casca do caule	Decocção	B / M	N	Arv	5,45	14,29

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Arnica mineira <i>Lychnophora pinaster</i> Mart. Asteraceae	Dor, antiinflamatório, traumatismo, contusão, coluna e cicatrizante	Folha, flor e ramo	Tintura	B / M	N	Sub-a	87,27	94,29
Arnica-brasileira <i>Solidago microglossa</i> DC. Asteraceae	Dor, antiinflamatório, traumatismo, contusão, coluna e cicatrizante	Folha e flor	Tintura	B / M	N	Herb	50,91	25,71
Artemijo/Artemísia <i>Artemisia vulgaris</i> L. Asteraceae	Útero e ovário (infecção), cólicas, espasmo, depressão, nervo ciático	Folha	Infusão	B / M	Cul	Herb	18,18	25,71
Araticum cagão <i>Annona cacans</i> Annonaceae	Purgativo	Folha	Decocção	B	N	Arv	3,64	N.I
Araticunzinho do campo, Sofre de rim quem quer <i>Duguetia furfuracea</i> Annonaceae	Rins, diurético (Cálculos renais)	Ramo e folha	Infusão	B / M	N	Arbu	45,45	40,00
Aroeira mansa <i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi. Anacardiaceae	Diarréia, febre, úlcera, feridas, fungos, tosse e bronquite	Folha e casca	Decocção	B / M	N	Arv	5,45	8,57
Arroz <i>Oryza sativa</i> Poaceae	Diarréia	Casca	Decocção	B	Cul	Herb	1,82	N.I
Arruda <i>Ruta graveolens</i> L. Rutaceae	Utilizado pós-parto (resguardo), limpeza de feridas e olhos	Folha	Decocção	B / M	Cul	Herb	74,55	54,29
Assa-peixe <i>Vernonia polyanthes</i> Less. Asteraceae	Gripe, resfriados, bronquite, tosse, pneumonia e dor muscular	Folha e ramo	Maceração e sumo	B / M	N	Arbu	58,18	62,86
Azeitona do mato <i>Vismia brasiliensis</i> Choisy. Guttiferae	Depurativa, digestiva e diurética	Folha	Infusão	B	N	Arv	7,27	N.I

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Avenca <i>Adiantum capillus-veneris</i> L. Pteridaceae	Abre o apetite, má digestão, asma, bronquite, diarreia e amenorréia	Folha e rizoma	Infusão e decocção	B / M	Cul	Herb	1,82	11,43
Azedinha <i>Oxalis acetosela</i> Oxalidaceae	Asma, estimula o intestino, úlcera, diurética, ácido úrico e dor de cabeça	Raiz e folha	Alimentação	B / M	Cul	Herb	3,64	11,43
Babosa <i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f. Asphodelaceae	Contra queimaduras na pele, cicatrizante, cabelo (caspa), bronquite e tratamento de câncer	Folha e raiz	Maceração/aplicação local	B / M	Cul	Herb	56,36	48,57
Bactrim <i>Cissus</i> SP Vitaceae	Antibiótico, tratamento de infecções e febre	Folha	Infusão	M	Cul	Trep	N.I	2,86
Bálsamo da horta <i>Cotyledon orbiculata</i> L. Crassulaceae	Protetor do estômago/úlcera e cicatrizante	Folha e raiz	Salada e macerado	B / M	Cul	Herb	92,73	68,57
Bálsamo <i>Myroxylon perviferum</i> L.F Fabaceae	Úlcera, infecções de garganta, bronquite, asma e diabetes	Casca e cerne	Decocção	B / M	N	Arv	16,36	14,29
Bambu <i>Bambusa vulgaris</i> Schrad. ex J.C. Wendl. Poaceae	Diarreia e depurativo	Folha	Decocção	B	Cul	Herb	1,82	N.I
Bancha, Chá-Preto <i>Camellia sinensis</i> (L.) Kuntze Theaceae	Emagrecimento, digestivo e estimulante	Folha	Infusão	B	Cul	Arbu	3,64	N.I
Bananeira <i>Musa</i> spp. Musaceae	Asma, tosse, bronquite, dor de garganta, hemorragia e diarreia	Folha e sumo	Decocção, aplicação local	B / M	Cul	Herb	12,73	17,14
Barbasco <i>Buddleja stachyoides</i> Cham. & Schltdl. Scrophulariaceae	Diurético	Folha	Infusão	B	N	Herb	10,91	N.I

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Barbatimão <i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart. Coville) Fabaceae	Úlcera, corrimento vaginal, feridas e machucados (cicatrizante)	Casca do caule e folha	Banho e decocção	B / M	N	Arv	80,00	74,29
Bardana <i>Arctium lappa</i> L. Asteraceae	Má digestão, azia, prisão de ventre, sinusite, infecção, bronquite, micose e depurativo	Folha	Infusão	B / M	Cul	Herb	7,27	8,57
Batatinha <i>Solanum tuberosum</i> L. Solanaceae	Úlcera e inflamação	Tubérculo	Sumo	B	Cul	Herb	3,64	N.I
Batata doce <i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam. Convolvulaceae	Inflamação da boca e infecção	Raiz e folha	Decocção/alimento	B / M	Cul	Herb	10,91	8,57
Batatinha-de-purga <i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urb. Convolvulaceae	Depurativo do sangue	Raiz	Macerado	B / M	N	Trep	9,09	17,14
Batatinha infalível <i>Mandevilla velutina</i> Apocynaceae	Inflamação e infecção	Raiz e tubérculo	Infusão/tintura	B / M	N	Herb	1,82	14,29
Bate caixa <i>Palicourea rigida</i> Kunt. Rubiaceae	Cálculos renais e diurético	Folha	Infusão	B / M	N	Sub-a	70,91	62,86
Baunilha <i>Vanilla planifolia</i> Orchidaceae	Diarréias, doenças do fígado, dispepsias e espasmos	Fruto	Decocção	B	Cul	Herb	5,45	N.I
Beijinho <i>Impatiens sultani</i> Hooker. Balsaminaceae	Diurético	Folha, caule e ramo	Infusão	B / M	Cul	Herb	7,27	11,43
Benzinho <i>Acanthospermum hispidum</i> DC Asteraceae	Tosse e dor de dente	Folha	Infusão	B	Cul	Herb	1,82	N.I

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Beladona <i>Atropa belladonna</i> L. Solanaceae	Asma, tosse, palpitação, feridas, febre e sedativa	Folha	Banho/ decoção/ pomada	B / M	Cul	Arbu	27,27	17,14
Berinjela <i>Solanum melongena</i> L. Solanaceae	Redução do colesterol e emagrecimento	Fruto e folha	Saladas, sucos	B / M	Cul	Arbu	3,64	2,86
Bertalha <i>Basella rubra</i> L. Basellaceae	Inflamação, doenças do fígado e olhos	Folha, talo e raiz	Infusão e decoção	B	Cul	Herb	1,82	N.I
Beterraba <i>Beta vulgaris</i> L. Chenopodiaceae	Anemia	Folha e raiz	Alimentação, xarope	B / M	Cul	Herb	1,82	2,86
Boa noite, Maria sem vergonha <i>Catharanthus roseus</i> (L.). G. Don. Apocynaceae	Dormir (sonífero) e diurético	Flor	Infusão	B / M	Cul	Sub-a	3,64	28,57
Boldo-Brasileiro <i>Plectranthus barbatus</i> Andrews. Lamiaceae	Fígado, melhora a digestão e ressaca	Folha	Infusão/ macerado	B / M	Cul	Herb	80,00	85,71
Boldo-gambá <i>Plectranthus ornatus</i> Monimiaceae	Fígado, melhora a digestão e ressaca	Folha	Infusão/ macerado	B / M	Cul	Herb	34,55	28,57
Bolsa de Pastor <i>Capsella bursa-pastoris</i> (L.) Medik Brassicaceae	Depurativo, dor de ouvido, diurético, pressão alta e diarreia	Toda planta	Decocção/ saladas	B / M	N	Herb	3,64	N.I
Boizinho, Malva-do-campo <i>Kielmeyera speciosa</i> St. Hil. Clusiaceae	Doenças das vias urinárias	Folha	Infusão	B	N	Arv	1,82	N.I
Botica-inteira <i>Bredemeyera floribunda</i> Willd. Polygalaceae	Expectorante, dor muscular, coluna e hipertensão	Raiz	Decocção	B	N	Arbu	9,09	N.I

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Buchinha-do-Norte <i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn. Cucurbitaceae	Sinusites e rinites	Fruto	Inalação	B / M	N	Trep	9,09	N.I
Buva <i>Erigeron bonariensis</i> L. Asteraceae	Diurética, depurativo, artrite, infecção, fungos, vermífuga e vitiligo	Toda planta	Infusão ou decocção	B / M	N	Herb	1,82	N.I
Cambará de espinho <i>Lantana camara</i> L. Verbenaceae	Tosse, bronquite e resfriado	Flor	Infusão/xarope	B / M	N	Herb	67,27	48,57
Camboatá, camboatá-branco <i>Cupania vernalis</i> Camb. Sapindaceae	Tosse e bronquite	Casca	Infusão, decocção	B	N	Arv	1,82	N.I
Café <i>Coffea arabica</i> L. Rubiaceae	Diabetes, bronquite e febre	Folha e semente	Decocção ou xarope	B / M	Cul	Arv	3,64	5,71
Cagaiteira <i>Eugenia dysenterica</i> DC. Myrtaceae	Protetor do estômago, fígado e estimula o intestino	Folha e fruto	Infusão e alimentação	B	N	Arv	10,91	N.I
Cainca, Cipó cruz, Cipó cruzeiro <i>Chiococca alba</i> (L.) Hitchc. Rubiaceae	Diurético e laxativo	Toda planta	Decocção	B	N	Arbu	1,82	N.I
Cajuzinho do campo <i>Anacardium humile</i> Anacardiaceae	Diarréia	Folha e casca	Infusão ou decocção	M	N	Sub-a	N.I	11,43
Caju <i>Anacardium occidentale</i> L. Anacardiaceae	Diarréia e diabetes, (gargarejo) dor de garganta	Casca e entrecasca	Decocção	B / M	Cul	Arv	3,64	11,43
Calêndula <i>Calendula officinalis</i> L. Asteraceae	Herpes, dor muscular e contusão	Flor e folha	Infusão ou tintura	B / M	Cul	Arv	1,82	8,57

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Calunga <i>Simaba ferruginea</i> St. Hil. Simaroubaceae	Digestão, febre, fígado e diarreia	Raiz	Macerado	B / M	N	Sub-a	89,09	77,14
Camomila <i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert. Asteraceae	Digestivo, calmante e cólicas menstruais	Flor	Infusão ou decocção	B / M	Cul	Herb	9,09	14,29
Cana-de-açúcar <i>Saccharum officinarum</i> L. Poaceae	Diurética e depurativa	Raiz e garapa	Infusão	B / M	Cul	Herb	16,36	8,57
Cana-comum <i>Arundo donax</i> L. Poaceae	Aftas, doenças pulmonares (catarros) bronquites e cólicas renais	Raiz e garapa	Infusão	B / M	Cul	Herb	3,64	17,14
Cana-de-macaco <i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe. Zingiberaceae	Diurético e pressão alta	Folha	Infusão	B / M	Cul	Herb	83,64	88,57
Canela <i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume. Lauraceae	Gripe, gases e amenorréia	Folha e casca	Infusão	B / M	Cul	Arv	34,55	42,86
Canela de ema <i>Vellozia squamata</i> Pohl Velloziaceae	Contusão e dor muscular	Caule e raiz	Tintura	B / M	N	Sub-a	5,45	25,71
Canela-de-perdiz <i>Croton antisiphiliticus</i> Muel. Arg. Euphorbiaceae	Depurativo, inflamação, infecção de ovário e úlceras	Toda planta	Infusão ou decocção	M	N	Herb	N.I	11,43
Cânfora-de-jardim <i>Artemisia camphorata</i> Vill. Asteraceae	Contusão, dor muscular, feridas e picada de inseto	Folha, ramo e raiz	Infusão ou tintura	B / M	Cul	Herb	14,55	34,29
Carapiá <i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam. Moraceae	Resfriado e bronquite	Raiz	Infusão ou decocção	B / M	N	Herb	23,64	45,71

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Carobinha <i>Jacaranda decurrens</i> Cham. Bignoniaceae	Depurativo, fígado, problemas renais	Folha e raiz	Infusão	B / M	N	Arbu	20,00	37,14
Cardo-santo <i>Cnicus benedictus</i> L. Asteraceae	Estômago, fígado, ácido úrico e febre	Folha	Infusão	M	Cul	Herb	N.I	8,57
Carqueja <i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC. Asteraceae	Diabetes, fígado, emagrecimento, vermífugo e caspa	Folha	Infusão	B / M	N	Herb	87,27	77,14
Caramboleira <i>Averrhoa carambola</i> L. Oxalidaceae	Vermífugo, febres, infecções dos rins e bexiga	Flor, folha e fruto	Decocção	B	Cul	Arv	3,64	N.I
Cará-do-ar <i>Dioscorea alata</i> L. Dioscoriaceae	Depurativo e cicatrizante	Raiz	Infusão e decocção	B	Cul	Trep	1,82	N.I
Caruru-pequeno, caruru-de-porco <i>Amaranthus viridis</i> L. Amaranthaceae	Dor de garganta e diurético	Folha, talo e raiz	Alimentação	B / M	N	Herb	1,82	8,57
Carrapichinho <i>Desmodium adscendes</i> (Sw). DC Fabaceae	Diarréia e problema nos rins	Toda planta	Infusão ou decocção	B / M	N	Sub-a	12,73	14,29
Carrapicho <i>Desmodium uncinatum</i> DC. Fabaceae	Infecção na pele (ferida)	Toda planta	Banho	B / M	N	Sub-a	12,73	8,57
Caapeba <i>Piper umbellatum</i> L. Piperaceae	Diurética e insuficiência hepática	Folha	Infusão	B / M	N	Herb	5,45	8,57
Capim-gordura <i>Melinis minutiflora</i> P. Beauv. Poaceae	Diurética e infecção intestinal	Toda planta	Infusão ou decocção	B / M	N	Herb	5,45	8,57

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Capim-pé-de-galinha <i>Cynodon dactylon</i> (L.) Pers. Poaceae	Diurética e infecção intestinal	Toda planta	Infusão ou decocção	B / M	N	Herb	1,82	8,57
Capuchinha <i>Tropaeolum majus</i> L. Tropaeolaceae	Doença das vias respiratórias, pele e caspa	Folha, caule e fruto	Infusão ou decocção	M	N	Herb	N.I	8,57
Casca-d'anta <i>Drimys winteri</i> J.R. Forst. & G.Forst. Winteraceae	Asma, problemas de estômago, fígado, febre, e cólicas	Casca	Infusão ou macerado	B / M	N	Arbu	1,82	8,57
Catinga de mulata <i>Tanacetum vulgare</i> L. Asteraceae	Vermes (vermífugo)	Flor e folha	Infusão	B / M	N	Sub-a	1,82	8,57
Catuaba <i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Stellfeld ex de Souza Bignoniaceae	Afrodisíaco, estimulante geral e digestivo	Folha, raiz e casca	Tintura	B / M	N	Arbu	7,27	8,57
Cavalinha <i>Equisetum arvense</i> L. Equisetaceae	Artrite, depurativo, rins (diurético) e cólicas menstruais	Folha	Infusão	B / M	Cul	Herb	16,36	11,43
Cebola-de-cabeça <i>Allium cepa</i> L. Liliaceae	Asma, bronquite, gripe diabetes e desintoxica o fígado	Bulbo	Alimentação, infusão e decocção	B / M	Cul	Herb	7,27	8,57
Cebolinha-verde <i>Allium fistulosum</i> L. Liliaceae	Gripe e doenças das vias respiratórias	Folha	Alimentação	B	Cul	Herb	1,82	N.I
Cedro <i>Cedrela odorata</i> L. Meliaceae	Diarréia, espasmo (gases) e febre	Casca	Decocção	B / M	N	Arv	1,82	14,29
Celidônia, Solidônia <i>Trixis divaricata</i> (Kunth) spreng Asteraceae	Inflamação nos olhos e hemorróidas	Folha	Decocção	B	N	Herb	1,82	N.I

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Cervejinha do campo <i>Centrosema bracteosum</i> Fabaceae	Diurético e doenças renais	Raiz	Macerado	B / M	N	Arbu	70,91	28,57
Cinco folhas <i>Panax quinquefolium</i> Solanaceae	Depurativo	Folha	Infusão	B	Cul	Arv	10,91	N.I
Cidra <i>Citrus medica</i> L. Rutaceae	Dor de garganta, náuseas e verminose	Folha e fruto	Infusão	B / M	Cul	Arv	10,91	20,00
Cipreste <i>Cupressus sempervirens</i> L. Cupressaceae	Febre, gripe, diarreia, edema, TPM e menopausa	Folha	Aplicação local, inalação	B	Cul	Arv	1,82	N.I
Cipó-cabeludo <i>Polypodium vacciniifolium</i> Langsd. & Fisch. Polypodiaceae	Calmante, dores lombares, hipertensão e problemas renais	Toda planta	Infusão ou decocção	B / M	N	Trep	5,45	2,86
Cipó-azougue, Cipó-capivara <i>Apodanthera smilacifolia</i> -Cog Cucurbitaceae	Depurativo, digestivo, fígado e diarreia	Talo	Infusão e maceração	B / M	N	Trep	45,45	11,43
Cipó-cravo, Cipó-trindade <i>Tynnanthus elegans</i> Miers Bignoniaceae	Diurética e laxante	Toda planta	Infusão ou decocção	B	N	Trep	1,82	N.I
Cipó-de-São-João <i>Pyrostegia venusta</i> (Ker-Gawler) Miers. Bignoniaceae	Cólicas abdominais, diarreia e bronquite	Folha e flor	Infusão ou decocção	B / M	N	Trep	1,82	11,43
Cipó-imbé <i>Philodendron bipinnatifidum</i> . Schott ex Endl Araceae	Problemas renais e úlcera	Folha e talo	Infusão ou decocção	B / M	N	Arbu	7,27	14,29
Cipó-mil-homens <i>Aristolochia cymbifera</i> Mart. & Zucc. Aristolochiaceae	Cólica, estômago, rim, fígado e febre	Raiz	Decocção	B / M	Cul	Trep	10,91	17,14

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Cipó-prata <i>Banisteriopsis campestris</i> (A.Juss.) Little. Malpighiaceae	Diurético e inflamação	Toda planta	Infusão ou decocção	B / M	N	Trep	5,45	5,71
Cipó-santo <i>Apodanthera smilacifolia</i> Cong. Cucurbitaceae	Depurativo do sangue e laxante	Toda planta	Infusão ou decocção	M	Cul	Trep	N.I	2,86
Citronela <i>Cymbopogon winterinus</i> Jowitt ex Bor Poaceae	Repelente de insetos	Folha	Tintura	B / M	Cul	Herb	16,36	2,86
Coentro <i>Coriandrum sativum</i> L. Apiaceae	Cólica mesntrual	Folha	Infusão/ alimentação	B	Cul	Herb	1,82	N.I
Coité <i>Crescentia cujete</i> L. Bignoniaceae	Laxante	Casca e fruto	Decocção ou xarope	B / M	N	Arv	1,82	8,57
Coco-da-cotia <i>Joannesia princeps</i> Vell. Euphorbiaceae	Vermífugo e laxante	Semente	Alimentação	B	Cul	Arbu	1,82	N.I
Confrei <i>Symphytum officinale</i> L. Boraginaceae	Cicatrizante (feridas) e emagrecedor	Folha	Infusão e maceração	B / M	Cul	Herb	20,00	8,57
Congonha-de-bugre <i>Rudgea viburnoides</i> (Cham.) Benth. Rubiaceae	Problemas cardíacos, hipertensão e rins	Folha	Infusão	B / M	N	Arbu	20,00	25,71
Cordão-de-São-Francisco <i>Leonotis nepetaefolia</i> Lamiaceae	Ácido úrico, doenças respiratórias (tosse, bronquite), dor e contusão	Toda planta	Infusão	B / M	N	Herb	12,73	17,14
Copaíba, pau-d'óleo <i>Copaifera</i> sp Fabaceae	Bronquite, expectorante e diurético	Cerne	Óleo	B	N	Arv	5,45	N.I

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Coquerinho <i>Syagrus petrea</i> (Mart.) Becc. Arecaceae	Gripe, tosse e coqueluche	Folhas, fruto (semente)	Decocção	B	N	Arbu	7,27	N.I
Coqueiro de espinho, Macaúba <i>Acrocomia Aculeata</i> , Lodd. Arecaceae	Vermífugo	Semente	Pó	B / M	N	Abv	9,09	2,86
Conta de lagirma <i>Coix lacryma-jobi</i> L. Poaceae	Inflamação, febre e diurético	Folha	Decoção e banho	B / M	Cul	Herb	10,91	11,43
Couve <i>Brassica oleracea</i> L. Brassicaceae.	Úlcera gástrica e anemia	Folha e talo	Alimentação/sucos	B / M	Cul	Herb	18,18	22,86
Chapéu-de-couro <i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltl.) Micheli Alismataceae	Depurativo, rins e ácido úrico	Folha	Infusão	B / M	Cul	Herb	67,27	57,14
Chorão, crista-de-galo <i>Amaranthus hybridus</i> L. Amaranthaceae	Coração, doenças do fígado, estômago, diurético e febre	Folha, talo e raiz	Alimentação	B / M	N	Herb	12,73	8,57
Chuchu <i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw. Cucurbitaceae	Diurético e pressão alta	Folha	Infusão	B / M	Cul	Trep	69,09	71,43
Cravo-de-defunto <i>Tagetes minuta</i> L. Asteraceae	Bronquite, gripe, resfriado e contusão	Folha e flor	Infusão, decocção ou tintura	M	Cul	Herb	N.I	8,57
Cravo-de-defunto <i>Tagetes patula</i> L. Asteraceae	Problemas menstruais, contusão e vermífugo	Folha e flor	Xarope ou tintura	B / M	Cul	Herb	3,64	8,57
Cravo-da-india <i>Caryophyllus aromaticus</i> L. Myrtaceae	Digestivo, cólica, gases e bactericida	Folha e fruto	Decocção	B / M	Cul	Arv	10,91	8,57

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Cravinho, Botão de ouro <i>Xyris</i> sp. Xyridaceae	Fígado	Raiz	Infusão, pó	B	N	Herb	1,82	N.I
Dente-de-leão <i>Taraxacum officinale</i> Weber ex F.H. Wigg. Asteraceae	Depurativo, ácido úrico, doenças biliares, hepáticas e renais	Folha	Infusão ou decocção	B / M	Cul	Herb	5,45	11,43
Disciplina-de-freira, Disciplina <i>Amarantus caudatus</i> Amaranthaceae	Anemia	Folha e flor	Xarope	B	N	Herb	1,82	N.I
Douradinha <i>Psychotria xanthophylla</i> Müll. Arg. Rubiaceae	Depurativo, diurética, rins, abaixar a pressão	Folha e casca dos ramos	Infusão e tintura	B / M	Cul	Arbu	1,82	8,57
Embaúba-branca <i>Cecropia hololeuca</i> Miq. Cecropiaceae	Problemas nas vias respiratórias (bronquite), pressão alta, colesterol e diabetes	Folha, casca e raiz	Infusão, xarope	B / M	N	Arv	25,45	22,86
Embaúba <i>Cecropia pachystachya</i> Tréc.. Cecropiaceae	Problemas nas vias respiratórias (bronquite), pressão alta, colesterol e diabetes	Broto, casca, folha, fruto e raiz	Decocção	B / M	N	Arv	9,09	22,86
Erva-cidreira-de-arbusto <i>Lippia alba</i> (Mill) N. E. Brown. Verbenaceae	Calmante, gases, indigestão, insônia e resfriado	Folha	Infusão	B / M	Cul	Herb	92,73	68,57
Erva-cidreira / Capim limão <i>Cymbopogon citratus</i> (DC) Stapf. Poaceae	Calmante, gases, gripe e febre	Folha, rizoma e raiz	Infusão ou decocção	B / M	Cul	Herb	100,0	97,14
Erva-de-bicho <i>Polygonum hydropiperoides</i> Polygonaceae	Circulação, edema, ferida, fragilidade capilar e hemorróidas	Caule e folha	Infusão	B / M	N	Herb	10,91	8,57
Erva-de-bicho <i>Polygonum persicaria</i> var. <i>persicaria</i> Polygonaceae	Infecções urinárias, menstruação, diarreia, erisipela, febre e hemorróidas	Caule, folha, flor e fruto	Infusão	B / M	N	Herb	1,82	8,57

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Erva gorda <i>Talinum paniculatum</i> (Jacq.) Gaertn. Portulacaceae	Diurética e depurativa	Folha	Decocção	B	N	Herb	1,82	N.I
Erva Lanceta <i>Solidago chilensis</i> Meyen. Asteraceae	Inchaço	Toda a planta	Banho	B	N	Herb	1,82	N.I
Erva-mate <i>Ilex paraguariensis</i> A. St.-Hil. Aquifoliaceae	Gripe, resfriado e febre	Folha	Infusão	B / M	Cul	Arv	1,82	11,43
Erva-moura <i>Solanum americanum</i> Mill. Solanaceae	Depurativa, cicatrizante e expectorante	Toda planta	Decocção	B / M	N	Herb	1,82	14,29
Erva-pau-de-pombo <i>Tapirira guianensis</i> Anacardiaceae	Tratamentos de pele, contra o câncer de próstata e depurativa	Folha	Infusão	M	N	Arv	N.I	2,82
Erva-de-pombinha, Saúde-da-mulher <i>Phyllanthus niruri</i> L. Phyllanthaceae	Diurética e cálculos renais	Folha	Infusão	B	N	Herb	1,82	N.I
Erva-de-passarinho <i>Struthanthus flexicaulis</i> (Mart. ex Schult. f.) Mart. Loranthaceae	Bronquite e pneumonia	Folha	Decocção	B / M	N	Trep	12,73	11,43
Erva-de-passarinho <i>Struthanthus martianus</i> Dettke & Waechter Loranthaceae	Bronquite e pneumonia	Folha	Decocção	M	N	Trep	N.I	11,43
Erva-de-Santa-Maria <i>Chenopodium ambrosioides</i> L. Chenopodiaceae	Contusões, inflamação, picada de inseto e vermífuga	Folha e fruto	Infusão, xarope e tintura	B / M	N	Herb	90,91	71,43
Erva-tostão <i>Boerhavia diffusa</i> L. Nyctaginaceae	Infecções hepáticas e cálculo biliar	Raiz	Decocção	M	N	Herb	N.I	8,57

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Espinheira-santa <i>Maytenus ilicifolia</i> (Schrad.) Planch. Celastraceae	Úlcera, gastrite, depurativo e cicatrizante	Folha, casca e raiz	Infusão	B / M	Cul	Arv	9,09	8,57
Espinafre <i>Spinacia oleracea</i> L. Chenopodiaceae	Anemia	Folha	Alimentação e infusão	M	Cul	Herb	N.I	2,86
Esporinha <i>Consolida ajacis</i> (L.) Schur. Ranunculaceae	Inflamação	Folha	Infusão	B / M	Cul	Herb	3,64	8,57
Esporão-de-galo <i>Celtis iguanea</i> (Jacq.) Sarg. Cannabaceae	Dor de dente, diarreia e infecções urinárias	Folha e fruto	Infusão	B	N	Arv	1,82	N.I
Eucalipto <i>Eucalyptus citriodora</i> Hook. Myrtaceae	Gripe, resfriado, sinusite e problemas nas vias respiratórias	Folha	Inalação	B / M	Cul	Arv	41,82	51,43
Eucalipto <i>Eucalyptus sp.</i> Myrtaceae	Gripe, sinusite e problemas nas vias respiratórias	Folha	Inalação	B / M	Cul	Arv	25,45	14,29
Fedegoso <i>Heliotropium indicum</i> L. Boraginaceae	Diurético, figado, febre e resfriados	Folha e raiz	Infusão e decocção	B / M	N	Arbu	10,91	8,57
Feijão Guandu (Guandu) <i>Cajanus cajan</i> (L) Mili sp Fabaceae	Diabetes	Folha	Infusão	B	Cul	Arbu	3,64	N.I
Figo <i>Ficus carica</i> L. Moraceae	Estomatite e gengivite	Folha	Decocção	B / M	Cul	Arv	5,45	11,43
Folha-santa <i>Bryophyllum calycinum</i> Crassulaceae	Gastrite e úlcera	Folha	Macerado ou infusão	B / M	Cul	Herb	85,45	31,43

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Fumo <i>Nicotiana tabacum</i> L. Solanaceae	Dor de dente, hérnia e banho em machucado (infecção)	Folha e semente	Infusão, banho e pó	B / M	Cul	Herb	16,36	14,29
Fumo bravo <i>Elephantopus mollis</i> H. B. & K. Asteraceae	Depurativo e banho em machucado	Toda planta	Infusão	B / M	N	Herb	10,91	14,29
Funcho <i>Foeniculum vulgare</i> Mill. Apiaceae	Analgésico (cólicas) e eliminação de gases intestinais	Folha e semente	Infusão	B / M	Cul	Herb	90,91	82,86
Fruta de Camuru <i>Dipteryx odorata</i> . Fabaceae	Estado nervoso	Fruto	Alimento	M	Cul	Arv	N.I	2,86
Gengibre <i>Zingiber officinale</i> Roscoe. Zingiberiaceae	Rouquidão, limpa a voz e dor de garganta	Rizoma	Xarope ou decocção	B / M	Cul	Herb	56,36	51,43
Gerânio <i>Pelargonium sidoides</i> DC. Geraniaceae	Descongestionantes, inflamações de garganta e boca	Folha e flor	Infusão ou decocção	M	Cul	Herb	N.I	8,57
Gervão-azul <i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl.v Verbenaceae	Problemas gástricos, fígado, gripe, resfriado, febre, tosse, rouquidão e bronquite	Folha, flor	Infusão	B / M	N	Herb	21,82	20,00
Girassol <i>Helianthus annuus</i> L. Asteraceae	Diurético e expectorante	Folha e semente	Decocção	B / M	Cul	Herb	12,73	8,57
Ginkgo biloba <i>Ginkgo biloba</i> L. Ginkgoaceae	Labirintite e circulação	Folha e fruto	Infusão	B	Cul	Arv	1,82	N.I
Ginseng-brasileiro <i>Pfaffia glomerata</i> (Spreng.) Pedersen. Amaranthaceae	Colesterol, diabete e labirintite	Raiz e folha	Decocção	B	Cul	Herb	5,45	N.I

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Goiabeira <i>Psidium guajava</i> L. Myrtaceae	Diarréia	Folha do broto, fruto e casca do caule	Infusão ou decocção	B / M	Cul	Arv	47,27	71,43
Guaco <i>Mikania glomerata</i> Spreng. Asteraceae	Inflamação de garganta, resfriados, febre e tosse	Folha	Infusão ou decocção	B / M	Cul	Trep	32,73	17,14
Guaçatonga, erva-de-lagarto, erva de bugre <i>Casearia sylvestris</i> Sw. Salicaceae	Diarréia, febre e afrodisíaca	Folha	Decocção	B / M	N	Arv	10,91	8,57
Guiné <i>Petiveria alliacea</i> L. Phytolacaceae	Dor de cabeça, dor muscular e inchaço	Folha	Decocção	B / M	Cul	Herb	14,55	17,14
Gravatá <i>Aechmea bromeliifolia</i> Bromeliaceae	Aftas, asma, bronquite, tosse e vermes	Fruto	Alimento e xarope	B / M	N	Herb	5,45	2,86
Graveto (Pau Pelado), Alveloz <i>Euphorbia tirucalli</i> L. Euphorbiaceae	Verruga e câncer	Sumo	Aplicação local	B / M	Cul	Arv	10,91	2,86
Guabiroba, Gabiroba <i>Campomanesia pubescens</i> (D.C.) O. Berg. Myrtaceae	Diarréia	Folha e fruto	Alimento e infusão	B / M	N	Arv	1,82	8,57
Hortelã <i>Mentha</i> sp. Lamiaceae	Calmante, gases, cólica, azia, inflamação, pressão alta, vermífugo	Folha	Alimento/infusão	B / M	Cul	Herb	92,73	82,86
Hortelã gorda <i>Plectramthuss amboinicus</i> Lour. Lamiaceae	Asma, bronquite, coriza, dor de cabeça, dor de ouvido, epistaxe, gripe e verme	Folha	Infusão	B / M	Cul	Herb	12,73	20,00
Hortelã-pimenta <i>Mentha piperita</i> Lamiaceae	Abaixa pressão	Folha	Infusão	B	Cul	Herb	5,45	N.I

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Hortênsia <i>Hydrangea macrophylla</i> Saxifragaceae	Infecções urinárias, renal, pedras nos rins e gota	Folha, rizoma e raiz seca	Infusão	M	Cul	Arbu	N.I	8,57
Inhame <i>Colocasia esculenta</i> Schott Araceae	Depurativo	Rizoma	Alimento, suco	B / M	Cul	Herb	16,36	22,86
Insulina-vegetal <i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C. E. Jarvis Vitaceae	Diabetes	Folha, flor e frutos	Infusão, decocção	B / M	Cul	Trep	14,55	11,43
Ipê-roxo <i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl. Bignoniaceae	Diabetes, depurativo, câncer, fungos e laxante	Folha e casca	Decocção	B / M	N	Arv	16,36	22,86
Ipê-amarelo-do-cerrado <i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Mo. Bignoniaceae	Inflamação, cicatrização e feridas	Folha e casca	Pomada	B / M	N	Arv	30,91	22,86
Jabuticabeira <i>Plinia trunciflora</i> (O. Berg) Myrtaceae	Asma, labirintite, pressão alta e redução do colesterol	Folha	Infusão	B / M	Cul	Arv	1,82	25,71
Jambolão <i>Syzygium jambolanum</i> (Lam.) DC. Myrtaceae	Diabetes, diarreia, espasmo e gases	Folha e casca	Infusão	B / M	N	Arv	12,73	11,43
Jaborandi <i>Pilocarpus pennatifolius</i> Lam Rutaceae	Queda de cabelo, febre, laringite e bronquite	Folha	Infusão	B / M	Cul	Herb	1,82	8,57
Japécanga <i>Smilax brasiliensis</i> Spreng. Smilacaceae	Depurativa, infecção de pele e diurética	Raiz	Infusão	B / M	N	Sub-a	7,27	8,57
Jasmin-amarelo <i>Jasminum officinale</i> L. Oleaceae	Coceiras na pele, dores de cabeça e calmante	Flor	Infusão	B / M	Cul	Herb	1,82	11,43

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Jatobá-do-cerrado <i>Hymenaea courbaril</i> L. Fabaceae	Pulmão, bronquite, tosses e anemia	Casca, fruto e ramos	Xarope	B / M	N	Arv	36,36	25,71
Jenipapo <i>Genipa americana</i> Rubiaceae	Dor de garganta e doenças hepáticas	Folha e casca	Decocção	B / M	Cul	Arv	1,82	8,57
Jiló <i>Solanum gilo</i> Raddi. Solanaceae	Febre, fígado (problemas hepáticos), gripe e úlcera na boca	Folha	Infusão	B / M	Cul	Herb	18,18	8,57
Juá-bravo <i>Solanum aculeatissimum</i> Jacq Solanaceae	Furúnculo	Fruto	Banho e aplicação local	B / M	N	Sub-a	9,09	22,86
Juá-de-capote <i>Physalis angulata</i> L. Solanaceae	Diurético, problemas de bexiga e fígado	Folha e raiz	Infusão, decocção	B / M	N	Herb	1,82	2,86
Jurema <i>Pithecellobium tortum</i> . Fabaceae	Pressão alta, calmante e febre	Casca	Decocção	B	N	Arv	1,82	N.I
Jurubeba-verdadeira <i>Solanum paniculatum</i> L. Solanaceae	Anemia ferropriva, anorexia e hepatite (fígado)	Fruto	Alimento	B / M	Cul	Arbu	29,09	22,86
Jurubebinha-do-cupim <i>Solanum subumbellatum</i> Roem. & Schult. Solanaceae	Fígado (doenças hepáticas)	Raiz	Infusão e pó	B / M	N	Herb	36,36	68,57
Labarça <i>Rumex crispus</i> L. Polygonaceae	Depurativo e bronquite	Raiz	Infusão	B	N	Herb	1,82	N.I
Laranjinha-do-mato (Laranjinha do cerrado) <i>Styrax camporum</i> Pohl Styracaceae	Depurativo e infecção	Fruta	Infusão	B / M	N	Herb	1,82	8,57

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Laranja-da terra <i>Citrus aurantium</i> L. Rutaceae	Calmante	Folha	Infusão e macerado	B / M	Cul	Arv	7,27	N.C
Laranjeira <i>Citrus sp.</i> Rutaceae	Gripe, resfriado e bronquite	Folha e flor	Infusão e xarope	B / M	Cul	Arv	65,45	65,71
Leiteira <i>Peschiera australis</i> (Müll. Arg.) Miers Apocynaceae	Cicatrização	Sumo	Aplicação local	B	N	Arbu	1,82	N.I
Lixeira <i>Curatella americana</i> L. Dilleniaceae	Diabetes, pressão alta, tosse e resfriado	Folha	Infusão	B	N	Arv	7,27	N.I
Limão-cravo, capeta, rosa <i>Citrus limonia</i> (L.) Burm. f Rutaceae	Gripe, resfriado, bronquite, asma, dor de garganta e diarreia	Folha e fruto	Infusão, suco e xarope	B / M	Cul	Arv	54,55	60,00
Limão-galego <i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle. Rutaceae	Gripe, resfriado, bronquite, asma e diarreia	Folha e fruto	Infusão, suco e xarope	B / M	Cul	Arv	16,36	31,43
Lima-de-bico <i>Citrus limettoides tanaka</i> Rutaceae	Sinusite e labirintite	Fruta	Tintura	B / M	Cul	Arv	25,45	17,14
Lima <i>Citrus limetta</i> Rutaceae	Úlceras gástricas, diurética e problemas renais	Fruta	Suco	B / M	Cul	Arv	10,91	14,29
Lírio-do-brejo <i>Hedychium coronarium</i> J. König Zingiberaceae	Antibiótico	Rizoma e flor	Infusão	M	N	Herb	N.I	2,86
Lobeira <i>Solanum hypocarpum</i> St. Hil. Solanaceae	Diabete e gordura do fígado	Fruto	Pó	B / M	N	Arbu	61,82	48,57

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Losna <i>Artemisia absinthium</i> L. Asteraceae	Má digestão, cólicas intestinais, menstruais e distúrbios hepáticos	Folha	Infusão e macerado	B / M	Cul	Herb	61,82	31,43
Louro <i>Laurus nobilis</i> L. Lauraceae	Dor de cabeça, espasmo e gases, estômago e fígado	Folha	Infusão	B / M	Cul	Arv	1,82	8,57
Macela <i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC Asteraceae	Calmante, gripe	Flor	Infusão e macerado	B / M	N	Herb	32,73	22,86
Macelinha <i>Anthemis cotula</i> L. Asteraceae	Calmante, gripe, cólica e diarreia	Parte aérea	Infusão	B / M	Cul	Herb	36,36	28,57
Malva <i>Malva sp.</i> Malvaceae	Dor na boca e garganta, gripe, expectorante, tosse, bronquite	Folha	Infusão	B / M	Cul	Herb	16,36	17,14
Mama-cadela <i>Brosimum guadichaudii</i> Trécul. Moraceae	Depurativo e problemas de fígado	Casca do caule e raiz	Infusão e decocção	B / M	N	Arbu	43,64	37,14
Mamão <i>Carica papaya</i> L. Caricaceae	Gripe, bronquite, estômago e constipação	Flor, folha e fruto	Infusão, xarope e alimentação	B / M	Cul	Arv	78,18	60,00
Marmelinho <i>Austroplenkia populnea</i> (Reiss.). Celastraceae	Usado para cicatrização de feridas	Casca	Banho	B	N	Arv	5,45	N.I
Mandioquinha-do-campo <i>Manihot sp.</i> Euphorbiaceae	Depurativo	Raiz	Decocção e xarope	B	N	Herb	3,64	N.I
Mandioca-mansa <i>Manihot esculenta</i> Euphorbiaceae	Anemia, cicatrizante e diarreia	Folha e raiz	Aplicação local, pó e decocção	B	Cul	Herb	1,86	N.I

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Mane-turé / Rubim <i>Leonurus sibiricus</i> L. Lamiaceae	Vômitos, diarreia, inflamações, bronquite, tosse e febre	Toda planta	Infusão e macerado	B / M	N	Herb	90,91	91,43
Mangabeira <i>Hancornia speciosa</i> Gomes Apocynaceae	Diabetes	Casca do caule	Infusão	M	Cul	Arv	N.I	2,86
Mangueira <i>Mangifera indica</i> L. Anacardiaceae	Tosse, bronquite e febre	Folha	Infusão	B / M	Cul	Arv	10,91	5,71
Manjerição <i>Ocimum sp</i> Lamiaceae	Digestivo, gripe, expectorante, tosse e febre	Folha	Infusão e alimentação	B / M	Cul	Herb	21,82	14,29
Manjerona <i>Origanum majorana</i> L. Lamiaceae	Gripe, tosse, úlcera e cólica menstrual	Folha	Decocção	B / M	Cul	Herb	5,45	8,57
Maracujá <i>Passiflora edulis</i> Sims. Passifloraceae	Calmante, diurética e pressão alta	Folha, flor, fruto e semente	Infusão	B / M	Cul	Trep	21,82	28,57
Margarida-amarela <i>Coreopsis lanceolata</i> Asteraceae	Diabetes	Toda planta	Infusão	M	Cul	Herb	N.I	8,57
Maria-pobre <i>Dilodendron bippinatum</i> Sapindaceae	Hemorroidas	Casca	Banho	B	N	Arv	1,82	N.I
Mão-de-Deus, Mão-de-Cristo <i>Tithonia diversifolia</i> (Hemsl) Gray Asteraceae	Diabetes	Folha	Decocção	B	Cul	Arbu	1,82	N.I
Melancia <i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai Cucurbitaceae	Pressão alta, bronquite e dor de garganta	Frutos e semente	Infusão, alimentação e suco	B / M	Cul	Trep	1,82	8,57

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Melão-de-são-caetano <i>Momordica charantia</i> L. Cucurbitaceae	Má digestão, diarreia, corrimento e problemas no fígado	Fruto	Infusão	B / M	N	Trep	10,91	25,71
Melissa <i>Melissa officinalis</i> L. Lamiaceae	Amenorréia, gripe e pós-parto	Folha	Infusão e decocção	B / M	Cul	Herb	1,82	8,57
Mertiolate <i>Jatropha curcas</i> L. Euphorbiaceae	Cicatrizante	Folha e fruto	Aplicação local	B	Cul	Herb	7,27	N.I
Mentraso <i>Ageratum conyzoides</i> L. Asteraceae	Má digestão, cólicas intestinais e menstruais, gases e diarreia	Folha, semente	Infusão	B / M	N	Herb	81,82	85,71
Mentruz <i>Coronopus didymus</i> (L.) Smith. Brassicaceae	Tosse, bronquite, gastrite, úlcera e vermicifuga	Folha	Infusão	B / M	Cul	Herb	10,91	5,71
Mexeriquinha <i>Clidemia rubra</i> Mart. Melastomataceae	Infecções de garganta e aftas	Folha	Infusão	M	Cul	Arbu	N.I	2,86
Milho <i>Zea mays</i> L. Poaceae	Diurético, cálculo renal e infecção na bexiga	Estigmas secos	Infusão	B / M	Cul	Herb	18,18	22,86
Mil-folhas, Novalgina <i>Achillea millefolium</i> L. Asteraceae	Úlcera e gastrite e cólicas intestinais	Flor e folha	Infusão	B / M	Cul	Herb	43,64	8,57
Moringa <i>Moringa oleifera</i> Lam. Moringaceae	Anemia	Folha	Decocção	B	Cul	Arv	1,82	N.I
Mostarda <i>Brassica campestris</i> L. Brassicaceae	Gripe, resfriados, tosse e dor de garganta	Folha e semente	Alimentação e decocção	B	Cul	Herb	1,82	N.I

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Murici <i>Byrsonima intermedia</i> A. Juss. Malpighiaceae	Má digestão	Folha	Infusão	B	Cul	Sub-a	1,82	N.I
Mulungo <i>Erythrina mulungo</i> Fabaceae	Calmante e sedativo	Casca	Infusão e decocção	B	N	Arv	1,82	N.I
Murta <i>Myrtus</i> L Myrtaceae	Infecção na boca, diarreia e infecção de bexiga	Toda planta	Infusão, decocção e xarope	B	Cul	Arbu	1,82	N.I
Mutombo, Mutamba <i>Guazuma ulmifolia</i> Lam. Malvaceae	Doenças hepáticas, diarreia e bronquite	Folha e raiz	Alimentação e decocção	B	Cul	Arv	1,82	N.I
Navalha-de-macaco <i>Hypolytrum schraderianum</i> Ciperaceae	Pressão alta e diurético	Folha	Infusão	M	N	Herb	N.I	2,86
Nó-de-cachorro <i>Heteropterys aphrodisiaca</i> O. Mach Malpighiaceae	Afrodisíaco	Raiz	Infusão	B	N	Arbu	1,82	N.I
Noz-moscada <i>Myristica fragrans</i> Houtt Myristicaceae	Cólica intestinal e diarreia crônica	Semente	Decocção	B / M	Cul	Arv	9,09	2,86
Olho-de-boi, coronha <i>Dioclea violacea</i> Mart. ex Benth. Fabaceae	Calmante, rins (diurético), digestivo e doença de Parkinson	Semente	Decocção	B / M	Cul	Trep	21,82	28,57
Ora-pro-nobis <i>Pereskia grandifolia</i> Haw. Cactaceae	Anemia (desnutrição) e depurativo	Folha	Alimentação	B / M	Cul	Trep	12,73	14,29
Orelha-de-onça <i>Mikania sessilifolia</i> DC. Asteraceae	Febre, tosse e resfriado	Toda planta	Infusão	B / M	Cul	Arbu	3,64	2,86

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Orégano <i>Origanum vulgare</i> L. Lamiaceae	Condimento, digestivo, gases intestinais e resfriado	Folha	Infusão e alimentação	B	Cul	Herb	5,45	N.I
Pacová <i>Alpinia zerumbet</i> (pers.) Burt & Smith Zingiberaceae	Calmante	Folha	Infusão	M	Cul	Herb	N.I	8,57
Panacéia <i>Solanum cernuum</i> Vell. Solanaceae	Diurética (rins) e problemas de fígado	Toda planta	Infusão e decocção	B / M	Cul	Arbu	52,73	34,29
Paratudo <i>Gomphrena arborescens</i> L.f. Amaranthaceae	Febre, problemas estomacais, vermes	Casca	Decocção	B / M	N	Herb	29,09	25,71
Pata-de-vaca <i>Bauhinia</i> spp Fabaceae	Diabetes	Folha	Infusão	B / M	N	Arv	32,73	28,57
Pau-ferro <i>Caesalpinia ferrea</i> Fabaceae	Diabetes, depurativo e febre	Folha e casca	Infusão	B	N	Arv	1,82	N.I
Pau-pereira <i>Geissospermum laeve</i> (Vell.) Miers. Apocynaceae	Febre, digestivo e laxante	Folha e casca	Decocção	B	N	Arv	3,64	N.I
Pau-terra-do-cerrado, Pau-terra <i>Qualea multiflora</i> Mart. Vochysiaceae	Indigestão, úlceras e gripe	Folha e casca	Aplicação local	B	N	Arv	5,45	N.I
Pequi <i>Caryocar brasiliense</i> Camb. Caryocaraceae	Asma, bronquite e resfriado	Semente	Alimentação	B / M	N	Arv	1,82	11,43
Pêssego <i>Prunus persica</i> L. Rosaceae	Diabetes e laxante	Folha, flor e fruto	Infusão e alimentação	M	Cul	Arv	N.I	8,57

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Peidorreira, Coitinha <i>Sabicea brasiliensis</i> Wern. Rubiaceae	Problemas renais e prisão de ventre	Raiz	Infusão e macerado	B / M	N	Herb	9,09	11,43
Pé-de-perdiz <i>Croton perdicipes</i> , Saint-Hilaire Euphorbiaceae	Diabetes, dor muscular e contusão	Toda a planta	Infusão e decocção	B / M	N	Arv	47,27	20,00
Perpétua de jardim <i>Gomphrena globosa</i> Amaranthaceae	Depurativa, inflamação, fígado e rins	Toda a planta	Infusão e xarope	M	Cul	Herb	N.I	11,43
Perpétua-do-campo <i>Centratherum punctatum</i> Cass. Asteraceae	Depurativa, inflamação, fígado e rins	Toda a planta	Infusão e xarope	M	N	Herb	N.I	11,43
Pepino <i>Cucumis sativus</i> L. Cucurbitaceae	Caspa, dor de garganta, fígado e pressão alta	Folha	Suco	B	Cul	Trep	1,82	N.I
Piãozinho, Peão-roxo <i>Jatropha gossypifolia</i> Euphorbiaceae	Icterícia	Raiz	Infusão	B	N	Arbu	3,64	N.I
Picão-grande-branco <i>Bidens brasiliensis</i> Sherf. Asteraceae	Problemas de fígado, hepatite e icterícia	Toda planta	Infusão	B / M	N	Herb	52,73	37,14
Picão-preto <i>Bidens pilosa</i> L. Asteraceae	Problemas de fígado, estômago, dor de garganta e alergia	Toda a planta	Infusão	B / M	N	Herb	12,73	20,00
Pitanga <i>Eugenia uniflora</i> L. Myrtaceae	Bronquite, diarreia e pressão alta	Folha	Infusão e decocção	B / M	Cul	Arv	7,27	11,43
Pimenta-cumari-verdadeira <i>Capsicum baccatum</i> var. <i>praetermissum</i> Solanaceae	Combate hemorróidas	Fruto	Alimentação/condimento	B	Cul	Arbu	1,82	N.I

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Pimenta-da-Jamaica <i>Pimenta dioica</i> (L). Myrtaceae	Gases intestinais, digestiva e afrodisíaca	Folha e semente	Infusão e condimento	B	Cul	Arv	3,64	N.I
Pimenta-de-macaco <i>Xylopia aromatica</i> - (Lam.) Mart. Annonaceae	Digestiva, vermífuga e inflamação	Folha, fruto e casca	Infusão	B	N	Arv	7,27	N.I
Pimenta malagueta <i>Capsicum frutescens</i> L. Solanaceae	Angina, dor de garganta (gargarejo) e hemorróidas	Folha e fruto	Alimentação/condimento	B	Cul	Sub-a	1,82	N.I
Poejo <i>Mentha pulegium</i> L. Lamiaceae	Cólica intestinal (gases) sedativo, gripe e tosse	Folha	Infusão	B / M	Cul	Herb	83,64	62,86
Poejo <i>Mentha longifolia</i> (L.) Huds. Lamiaceae	Cólica intestinal (gases) sedativo, gripe e tosse	Folha	Infusão	B / M	N	Herb	18,18	62,86
Pomada-do-mato, Folha-grande <i>Bathysa australis</i> Hook. Rubiaceae	Cicatrizante	Sumo das gemas apicais	Aplicação local	B / M	N	Arbu	1,82	5,71
Porangaba <i>Cordia salicifolia</i> Cham. Boraginaceae	Diarréia, edema, emagrecimento, estimula a circulação e gastrite	Folha e casca	Infusão	M	Cul	Arv	N.I	2,86
Porrete <i>Centaurium umbellatum</i> subsp. <i>Austriacum</i> Ronn. Gentianaceae	Gripe, resfriado, dor de cabeça e diarréia	Toda planta	Infusão e decocção	B / M	N	Herb	3,64	5,71
Pororoca-do-campo <i>Rapanea umbellata</i> (Mart.) Mez. Myrsinaceae	Picadas de cobra, tumores e feridas	Folha e ramo	Aplicação local	M	N	Arv	N.I	2,86
Poaia, Puaia <i>Polygala violacea</i> Aubl. Polygalaceae	Bronquite, mancha na pele, depurativo e febre	Folha	Decocção	B	N	Herb	1,82	N.I

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Quebra-pedra <i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb. Phyllanthaceae	Rins e infecção de urina	Toda planta	Infusão	B / M	N	Herb	83,64	88,57
Quebra-pedra <i>Phyllanthus urinaria</i> L. Phyllanthaceae	Diarréia, febre, infecções urinárias e infecções da garganta	Toda planta	Infusão	B / M	N	Herb	25,45	88,57
Quebra-pedra-rasteira / burra leiteira <i>Euphorbia prostrata</i> Aiton. Euphorbiaceae	Rins, bexiga, diarréia e verruga	Toda planta	Infusão, aplicação tópica	B / M	N	Herb	25,45	91,43
Quiabo <i>Abelmoschus esculentus</i> Malvaceae	Febre, diarréia e verminose	Folha e fruto	Decocção	B	Cul	Arbu	3,64	N.I
Quina-do-cerrado / Quina-cruzeiro <i>Strychnos brasiliensis</i> Mart. Loganiaceae	Diarréia, estômago e problemas de fígado e diabetes	Casca e raiz	Macerado, infusão	B / M	N	Arv	56,36	34,29
Quina-mineira / Quina-do-campo <i>Strychnos pseudo-quina</i> St. Hil. Loganiaceae	Diarréia, estômago e problemas de fígado e diabetes	Casca e raiz	Macerado, infusão	B / M	N	Arv	3,64	17,14
Quitoco <i>Pluchea sagitalis</i> (Lam.) Cabrera Asteraceae	Amenorreia	Raiz	Infusão	M	N	Herb	N.I	2,86
Rabo-de-tatu, Sumaré, Lanceta-milagrosa <i>Cyrtopodium brasiliensis</i> Orchidaceae	Coqueluche e tosse	Toda planta	Xarope	B	N	Herb	3,64	N.I
Rosa-branca <i>Rosa alba</i> L. Rosaceae	Depurativa e prisão de ventre	Flor	Infusão	B / M	Cul	Herb	50,91	34,29
Romã <i>Punica granatum</i> L. Punicaceae	Infecção de garganta	Casca e semente	Decocção	B / M	Cul	Arbu	61,82	51,43

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Ruibarbo <i>Rheum tanguticum</i> var. <i>tanguticum</i> Maxim. ex Regel. Polygonaceae	Laxante, digestivo e melhora a função hepática	Folha	Infusão	B / M	Cul	Herb	9,09	20,00
Sabão-gentil, jequiriti, sabão-de-macaco, saboeiro, saboneteira <i>Sapindus saponaria</i> Sapindaceae	Inflamação na pele, calmante e expectorante	Casca e fruto	Banho	B / M	N	Arv	7,27	2,86
Sabugueiro <i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl. Caprifoliaceae	Depurativo, infecção renal, asma, tosse, gripe e febre	Flor	Infusão e decocção	B / M	Cul	Arbu	25,45	37,14
Sabugueiro <i>Sambucus nigra</i> L. Caprifoliaceae	Depurativo, infecção renal, asma, tosse, gripe e febre	Flor	Infusão e decocção	B / M	Cul	Arbu	14,55	37,14
Salsaparrilha <i>Smilax papyracea</i> Poir. Smilacaceae	Infecção de útero	Folha e raiz	Infusão	B / M	N	Trep	25,45	17,14
Salsinha <i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Nyman ex A.W. Hill. Apiaceae	Amenorréia, espasmo e infecção de urina	Raiz	Decocção	B / M	Cul	Herb	40,00	34,29
Salsão <i>Apium graveolens</i> var. <i>dulce</i> Apiaceae	Depurativa, expectorante, febre e inflamação	Folha	Alimentação	M	Cul	Herb	N.I	2,86
Sálvia <i>Salvia officinalis</i> L. Lamiaceae	Bronquite, pressão alta, menstruação, problemas gástricos e diarreia	Folha	Infusão e decocção	B / M	Cul	Herb	27,27	14,29
Sambaíba <i>Curatella sambaiba</i> Dilleniaceae	Tratamento de feridas	Casca	Banho	B	N	Herb	3,64	N.I
Samambaia <i>Dryopteris filix-mas</i> (L.) Schott Polypodiaceae	Febre, gripe, resfriados, pneumonia, fígado, inflamação e verminose	Folha	Decocção	B / M	Cul	Herb	3,64	8,57

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Sangra-d'água <i>Croton urucurana</i> Baill. Euphorbiaceae	Cicatrizante, hemorróidas, feridas e pós-parto	Casca	Banho	B / M	N	Arv	9,09	14,29
Sapé <i>Imperata brasiliensis</i> Trin. Poaceae	Diarréia e gengiva inflamada	Folha e raiz	Infusão	B	N	Herb	3,64	N.I
Santa-Bárbara <i>Melia azedarach</i> Meliaceae	Depurativa, dor de ouvido e infecção no útero	Folhas	Infusão e xarope	B	N	Arv	1,82	N.I
Sassafrás <i>Sassafras albidum</i> (Nutt.) Nees. Lauraceae	Gripe, resfriado, depurativo e afrodisíaco	Casca	Infusão	B / M	N	Arv	34,55	20,00
Sena, Senna, Seno <i>Senna cathartica</i> (L) H. Irwin et Barney Fabaceae	Laxante	Folha	Decocção	B	N	Sub-a	16,36	N.I
Seriguela, ciriguela <i>Spondias mombim</i> L. Anacardiaceae	Diarréia, espasmo (gases), febre e inflamação	Folha e fruto	Infusão e alimentação	B	Cul	Arv	1,82	N.I
Serralha <i>Sonchus oleraceus</i> L. Asteraceae	Depurativo, estimulante do fígado, diurético e laxante	Toda a planta	Infusão e decocção	B / M	Cul	Herb	3,64	11,43
Sete-sangrias <i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F. Macbr. Lythraceae	Depurativo, diarréia, reduz colesterol e hipertensão arterial	Parte aérea	Infusão e decocção	B / M	N	Herb	9,09	8,57
Sucupira-do-campo <i>Calliandra dysantha</i> Benth. Fabaceae	Falta de apetite, infecções de garganta	Folha e ramos	Infusão e decocção	B / M	N	Arv	9,09	8,57
Sucupira-do-cerrado <i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth. Fabaceae	Infecções da garganta e gástricas, febre	Casca e semente	Infusão e decocção	B / M	N	Arv	18,18	8,57

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Sulfato-do-campo, miliano <i>Aspidosperma Platyphyllum</i> . Müll.Arg. Apocynaceae	Febre	Folha	Infusão	B	N	Herb	5,45	N.I
Suma-branca (cipó) <i>Anchietea salutaris</i> A. St.-Hil Violaceae	Pele, depurativo e energética	Raiz e parte área	Pó, decocção e tintura	B / M	N	Trep	9,09	11,43
Taboca <i>Bambusa vulgaris</i> Schrad. Poaceae	Cálculo renal	Raiz	Infusão	M	N	Herb	N.I	5,71
Taioba <i>Xanthosoma sagittifolium</i> (L.) schott Araceae	Anemia	Toda planta	Alimentação	B / M	Cul	Herb	5,45	14,29
Tamarindo <i>Tamarindus indica</i> L. Fabaceae	Febre, constipação e inflamações da garganta	Folha e fruto	Infusão e suco	B	N	Herb	3,64	N.I
Tambú, Guatambu. <i>Aspidosperma parvifolium</i> A. CD. Apocynaceae	Fígado e depurativo	Casca	Decocção	B	N	Arv	1,82	N.I
Terramicina <i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) O. Kuntze. Amaranthaceae	Febre, antibiótico e dor de dente	Folha	Infusão e decocção	B / M	Cul	Herb	7,27	11,43
Tiririca <i>Cyperus rotundus</i> L. Cyperaceae	Bronquite e nervo	Raiz	Infusão e xarope	M	N	Herb	N.I	8,57
Tomate-miúdo <i>Lycopersicum</i> sp. Solanaceae	Antiinflamatório e dor de garganta	Folha	Infusão e alimentação	M	Cul	Herb	N.I	11,43
Tomba, purga-de-carijó <i>Cayaponia espelina</i> Curcubitaceae	Depurativa, diarréia, expectorante e diurético	Toda planta	Decocção	B	N	Trep	1,82	N.I

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Tomilho <i>Thymus vulgaris</i> L. Lamiaceae	Insuficiência cardíaca	Folha, flor e semente	Decocção	B	Cul	Sub-a	1,82	N.I
Transagem <i>Plantago tomentosa</i> Lam. Plantaginaceae	Diarréia, distúrbios renais, dor de cabeça, estomatite, faringite e febre	Toda planta	Decocção	B / M	Cul	Herb	54,55	20,00
Transagem-maior <i>Plantago major</i> L. Plantaginaceae	Faringite, estomatite, diarréia, distúrbios renais, dor de cabeça e febre	Toda planta	Decocção	B / M	Cul	Herb	5,45	48,57
Trapoeiraba <i>Commelina nudiflora</i> L. Commelinaceae	Fígado, rins, menopausa e prisão de ventre	Toda planta	Maceração	M	Cul	Herb	N.I	8,57
Tuia <i>Thuja occidentalis</i> L. Cupressaceae	Menstruação, problemas respiratórios e verminose	Ramos	Decocção	M	Cul	Arv	N.I	8,57
Unha-de-gato <i>Uncaria tomentosa</i> Bignoniaceae	Diurético, depurativo, resfriado, gripe e infecção de ouvido	Toda planta	Infusão, decocção e xarope	B / M	N	Trep	9,09	11,43
Urtiga / Urtiga-vermelha <i>Urtica baccifera</i> (L.) Urticaceae	Depurativo e diabetes	Folha, flor e raiz	Infusão	B / M	N	Trep	1,82	8,57
Uva-do-mato <i>Cissus rhombifolia</i> Vitaceae	Problemas hepáticos, renais e uterinos	Folha	Infusão	B / M	N	Trep	9,09	2,86
Urucum <i>Bixa orellana</i> L. Bixaceae	Colesterol, coração e diabetes	Fruto e semente	Infusão e decocção	B / M	Cul	Arv	9,09	14,29
Vassourinha <i>Spermacoce verticillata</i> L. Rubiaceae	Diarréia e expectorante	Raiz	Infusão	B	N	Herb	3,64	N.I

continua...

Quadro 7, continuação

Plantas medicinais (nome popular, nome científico, família botânica)	Indicação terapêutica	Parte usada	Forma de preparo	Ocorrência (B/M)	Cultivo/nativa	Hab	IR	
							B	M
Vassourinha-doce <i>Scoporia dulcis</i> L. Plantaginaceae	Antibiótico	Toda planta	Infusão	B / M	N	Herb	16,36	5,71
Velame-branco <i>Macrosyphonia velame</i> (St. Hil.) Mell. Arg. Apocynaceae	Depurativo e gripe	Toda planta	Infusão e decocção	B / M	N	Sub-a	10,91	11,43
Velame-do-cupim <i>Solanum subumbellatum</i> Vell. Solanaceae	Gripe e resfriados	Toda planta	Xarope	B / M	N	Herb	3,64	11,43
Velame-do-campo <i>Merremia tomentosa</i> (Choisy) Hall. Convolvulaceae	Depurativo e gripe	Folha, ramo e flor	Infusão	B / M	N	Arv	36,36	48,57
Ventre-livre <i>Piper callosum</i> Piperaceae	Cólicas menstruais, intestinais e diarréia	Folha	Infusão	B	Cul	Sub-a	12,73	N.I
Vick <i>Mentha arvensis</i> D.C Lamiaceae	Descongestionante nasal e gripe	Folha	Infusão e inalação	B / M	Cul	Herb	32,73	22,86
Violeta <i>Viola odorata</i> L. Violaceae	Diurético, expectorante e cicatrizante	Folha, ramo e flor	Infusão	M	Cul	Herb	N.I	8,57
Vinhático-do-campo <i>Vochysia tucanorum</i> Mart Vochysiaceae	Cicatrizante	Casca	Tintura	B / M	N	Arv	1,82	8,57

Legenda: Municípios onde foram encontradas as plantas medicinais: Bambuí (B) e Medeiros (M); NI (planta não informada); Hab (hábito); Arv (árvore); Arbu (arbusto); Sub-a (subarbusto); Herb (herbácea).

5. CONCLUSÕES

- A maioria dos entrevistados detentores do conhecimento sobre plantas medicinais em Medeiros e Bambuí, MG, é do sexo feminino, porém as mulheres não são detentoras exclusivas do conhecimento. A maior parte dos entrevistados encontra-se residindo na área rural.
- A transmissão do conhecimento é preocupação dos entrevistados, pois os jovens não demonstram interesse por este tipo de tratamento. O conhecimento é adquirido no ambiente familiar, geralmente dos mais velhos (pai, mãe, avô, avó).
- As pessoas entrevistadas utilizam plantas medicinais concomitantemente ao uso de medicamentos.
- Foram registradas 272 espécies de plantas medicinais com 91 famílias em Medeiros, MG, e 319 espécies, com 96 famílias em Bambuí, MG.
- As famílias botânicas mais citadas em ambos os municípios foram Asteraceae e Lamiaceae.
- Em ambos os municípios, a maior parte das espécies informadas é do tipo herbácea.
- As plantas de uso medicinal são coletadas durante o ano, quando necessário, tomando cuidado ao coletar partes saudáveis, limpas, longe das estradas quando nativas. Tanto em Medeiros, MG, quanto em Bambuí, MG, a maior parte das plantas é cultivada.
- Em ambos os municípios, a parte das plantas mais utilizada na preparação são folhas, sendo a infusão seguida de decocção como forma de preparação dos chás.
- A maioria dos entrevistados utiliza as plantas medicinais de 3 a 6 vezes por semana.
- A maior parte das espécies citadas pelos informantes foi classificada como pouco utilizada pela população local de ambos os municípios (IR entre 0 a 24).
- As 10 espécies mais utilizadas em Medeiros, MG, foram: erva-cidreira (*Cymbopogon citratus* (DC) Stapf.), arnica mineira (*Lychnophora pinaster* Mart.), mane-turé/rubim (*Leonurus sibiricus* L.), quebra-pedra-rasteira (*Euphorbia prostrata* Aiton.), quebra-pedra (*Phyllanthus tenellus* Roxb.), quebra-pedra (*Phyllanthus urinaria* L.), cana-de-macaco (*, ostus spiralis* (Jacq.) Roscoe.), mentrasto (*Ageratum conyzoides* L.), boldo (*Plectranthus barbatus* Andrews.) e hortelã (*Mentha* sp.).
- As 10 espécies mais utilizadas em Bambuí-MG foram: erva-cidreira (*Cymbopogon citratus* (DC) Stapf.), erva-cidreira-de-arbusto (*Lippia alba* (Mill) N.E. Brown.), bálsamo da horta (*Cotyledon orbiculata* L.), hortelã (*Mentha* sp.), erva-de-Santa-

Maria (*Chenopodium ambrosioides* L.), funcho (*Foeniculum vulgare* Mill.), maneturé/rubim (*Leonurus sibiricus* L.), arnica mineira (*Lychnophora pinaster* Mart.), calunga (*Simaba ferruginea* St. Hil.) e carqueja (*Baccharis trimera* (Less.) DC).

REFERÊNCIAS

- ABADIE, T.; CORDEIRO, C.M.T.; FONSECA, J.R.; ALVES, R.B.N.; BURLE, M.L.; BRONDANI, C.; RANGEL, P.H.N.; CASTRO, E.M.; SILVA, H.T.; FREIRE, M.S.; ZIMMERMANN, F.J.P.; MAGALHÃES, J.R. Constructing a rice core collection for Brazil. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, v. 40, p. 129-136, 2005.
- AGUIAR, L.M.S.; MACHADO, R.B.; MARINHO-FILHO, J. A diversidade biológica do cerrado. In: AGUIAR, L.M.S.; CAMARGO, A.J.A. **Cerrado: ecologia e caracterização**. Planaltina: Embrapa Cerrados, 2004. p. 17-40.
- ALBUQUERQUE, U.P.; ANDRADE, L.H.C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 273-285, 2002.
- ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. (Orgs). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: LivroRápido/NUPEEA, 2004. 189 p.
- ALBUQUERQUE, U.P.; MEDEIROS, P.M.; ALMEIDA, A.L.S.; MONTEIRO, J.M.; LINS NETO, E.M.F.; MELO, J.G.; SANTOS, J.P. Medicinal plants of the caatinga (semi-arid) vegetation of NE Brazil: a quatitative approach. **Journal of Ethnopharmacology**, Leiden, v. 114, n. 3, p. 325-354, 2007.
- ALEXIADES, M.N. **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. New York: The New York Botanical Garden Press, 1996.
- ALMASSY JÚNIOR, A.A. **Análise das características etnobotânicas e etnofarmacológicas de plantas medicinais na comunidade de Lavras Novas, Ouro Preto, MG**. 2004. 132 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG.
- ALMASSY JÚNIOR, A.A.; LOPES, R.C.; ARMOND, C.; SILVA, F.; CASALI, V.W.D. **Folha de chá: plantas medicinais na terapêutica humana**. Viçosa: UFV, 2005. 223 p.
- ALMEIDA, S.P.; PROENÇA, C.E.B.; SANO, S.M.; RIBEIRO, J.F. **Cerrado: espécies vegetais úteis**. Planaltina: EMBRAPA-CPAC, 1998. 464 p.
- ALMEIDA, M.Z. **Plantas medicinais**. Salvador: EDUFBA, 2000. 192 p.
- ALMEIDA, M.G. Cultura ecológica e biodiversidade. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 71-82, 2003.
- ALMEIDA, N.F.L.; SOUSA E SILVA, S.R.; SOUZA, J.M.; QUEIROZ, A.P.N.; MIRANDA, G.S.; OLIVEIRA, H.B. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na cidade de Viçosa-MG. **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 90, n. 4, p. 69-103, 2009.

ALVARES, A.A.A. **Influência da adição de extrato de *Yucca schidigera* nos parâmetros bioquímicos e hematológicos de cães adultos consumindo duas rações comerciais.** 2006. 47 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Veterinárias) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR.

AMARAL, M.P.H.D.; VIEIRA, F.P.; LEITE, M.N.; AMARAL, L.H.D.; PINHEIRO, L.C.; FONSECA, B.G.; PEREIRA, M.C.S.; VAREJÃO, E.V. Determinação do teor de cumarina no xarope de guaco armazenado em diferentes temperaturas. **Rev. Brasileira de Farmacognosia**, João Pessoa, v. 19, n. 2, 2009.

AMOROZO, M.C.M.; GÉLY, A.L. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Bacarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Botânica**, v. 4, n. 1, p. 47-131, 1988.

AMOROZO, M.C.M.; REIS, M.S.; FERRI, P.H. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L.C. (Org.). **Plantas medicinais: arte e ciência - um guia de estudo interdisciplinar.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. p. 47-68.

AMOROZO, M.C.M.; CHAU MING, L.; SILVA, S.P. **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas.** Rio Claro: UNESP/CNPq, 1996. 204 p.

AMOROZO, M.C.M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DISTASI, L.C. di (Org.). **Plantas medicinais: arte e ciência: um guia interdisciplinar.** São Paulo: UNESP, 1996. p. 47-68.

AMOROZO, M.C.M. **Sistemas agrícolas tradicionais e a conservação da agrobiodiversidade.** Disponível em: <<http://www.ambiente.sp.gov.br/ea/adm/admarqs/MariaA.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2012.

AMOROZO, M.C.M. Pluralistic medical settings and medicinal plant use in rural communities, Mato Grosso, Brazil. **Journal of Ethnobiology**, v. 24, n. 1, p. 139-161, 2004.

AMOROZO, M.C.M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 198-203, 2002.

ANDRADE, F.M.C.; CASALI, V.W.D. Etnobotânica e estudo de plantas medicinais. In: RODRIGUES, A.G.; ANDRADE, F.M.C.; COELHO, F.M.G.; COELHO, M.F.B.; AZEVEDO, R.A.B.; VICENTE, W.D. **Plantas medicinais e aromáticas: etecologia e etnofarmacologia.** Viçosa: UFV, 2002. cap. 3, p. 77-144.

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA - ANVISA. **Resolução RDC**, n. 17, de 24 de fevereiro de 2000.

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA – ANVISA. **Resolução RDC**, n. 140, de 29 de março de 2003.

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA - ANVISA. **Resolução RDC**, n. 14, de 31 de março de 2010.

ARRUDA, V.M.; SILVA, A.F.; FONSECA, M.C.M. Plantas medicinais nativas e exóticas adaptadas. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v. 31, n. 255, p. 27-30, 2010.

AZEVEDO, R.A.B.; COELHO, M.F.B. **Métodos para investigação do conhecimento popular sobre plantas medicinais**. 1998. 24 p. Monografia (Disciplina Cultura de Plantas Medicinais, Aromáticas e Condimentares) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG.

BALDAUF, C.; KUBO, R.R.; SILVA, F.; IRGANG, B.E. "Ferveu, queimou o ser da erva": knowledge of local experts on medicinal plants in Southern Brazil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v. 11, n. 3, 2009.

BALÉE, W. **Footprints of the forest: Kaapor ethnobotany – the historical ecology of plant utilization by Amazonian People**. New York: Columbia Univ. Press, 1993.

BARBOSA, J.M. **Análise etnobotânica de plantas medicinais em comunidades do município de Uberlândia, MG**. 2004. Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004. 35p.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988. 229 p.

BECK, H.T.; ORTIZ, A. Proyecto etnobotanico de la comunidad Awá em el Ecuador. In: RIOS, M.; PEDERSEN, H.B. (Eds.). **Uso y manejo de recursos vegetales**. 1997. p. 159-176.

BIN, M.C.; SILVA, M.; YUZURI, A.; FRANCO, M.; BASSO, S. Conhecimento sobre utilização de plantas medicinais por pacientes do Sistema Único de Saúde de Fátima do Sul-MS. **Interbio**, v. 1, n. 2, 2007.

BORBA, A.M.; MACEDO, M. Plantas medicinais usadas para a saúde bucal pela comunidade do bairro Santa Cruz, Chapada dos Guimarães, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, n. 4, p. 771-782, 2006.

BORGES, V.C.; ALMEIDA, M.G.A. **Biodiversidade do cerrado brasileiro: os(as) raízeiros(as) de Goiás**. Viçosa: UFV, 2008.

BORSATO, A.V.; SILVA, A.; SANTOS, A.G.; JORGE, M.H.A. **Plantas medicinais e agroecologia: uma forma de cultivar o saber popular na região de Corumbá, MS**. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2009.

BRANDÃO, C.R. **O afeto da terra**: imaginários, sensibilidade e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sítiantes do bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da Mantiqueira, em Joanópolis. Campinas: Unicamp, 1999. 175 p.

BRAGANÇA, F.C.R.; BRAGANÇA, L.A.R. Estudos etnofarmacológicos com plantas medicinais antidiabéticas. In: _____. **Plantas medicinais antidiabéticas**. Niterói: Eduuff, 1996. p. 125-127.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Formulário Nacional**. Brasília, 2005a. 174 p.

BRASIL. **Pesquisa agropecuária brasileira**. Brasília, v. 40, n. 2, 2005b.

BRASIL. Plano de manejo do Parque Nacional da Serra da Canastra. São Roque de Minas: MMA/IBAMA, 2005c. 828 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006a. 60 p.

BRASIL. **Decreto 70.355, de 3 de abril de 1972**. Cria o Parque Nacional da Serra da Canastra, no Estado de Minas Gerais, com os limites que especifica, e dá outras providências. Disponível: <http://www.serradacanastra.com.br/parque/l_70355.html>. Acesso em: 07 jun. 2011a.

BRASIL. **Decreto 5.813, de 22 de junho de 2006**. Disponível em: <<http://legis.anvisa.gov.br/leisref/public/showAct.php?id=22681&word=>>>. Acesso em: 03 jun. 2011b.

BRASIL. Ministério da Saúde. **A fitoterapia no SUS e o Programa de Pesquisas de Plantas Medicinais da Central de Medicamentos**. Brasília, 2006d. (Textos Básicos de Saúde, Série B).

BRASIL. Ministério da Saúde. Direção de Administração e Finanças. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. **RENISUS - Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS**. 2009. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/RENISUS.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2012.

BRASILEIRO, B.G.; PIZZIOLO, V.R.; MATOS, D.S.; GERMANO, A.M.; JAMAL, C.M. Plantas medicinais utilizadas pela população atendida no "Programa de Saúde da Família", Governador Valadares, MG, Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, São Paulo, v. 44, n. 4, 2008.

BRITO, M.R.; SENNA-VALLE, L. Plantas medicinais utilizadas na comunidade caiçara da Praia do Sono, Paraty, Rio de Janeiro, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, Feira de Santana, v. 25, n. 2, 2011.

BRUHN, J.G.; HOLMSTEDT, E.; HOLMSTEDT, B. Ethnopharmacology, objectives, principles and perspectives. In: _____. **Natural products as medicinal agents**. Stuttgart: Hippokrate, 1982.

BULIGON, C.Z.T.; DAHMER, C.; D'AGOSTINI, D.; SANTOS, J.A.R.; PAGNUSSAT, M.M.; OLDONI, S.J.; PAGNUSSAT, S.; TAFAREL, I.R.; NICARETA, C. Evaluation of the use of medicinal plants in São Jorge D'Oeste - PR. **Biology and Health Journal**, v. 1, n. 1-2, p. 33-46, 2007.

CALÁBRIA, L.; CUBA, G.T.; HWANG, S.M.; MARRA, J.C.F.; MENDONÇA, M.F.; NASCIMENTO, R.C.; OLIVEIRA, M.R.; PORTO, J.P.M.; SANTOS, D.F.; SILVA, B.L.; SOARES, T.F.; XAVIER, E.M.; DAMASCENO, A.A.; MILANI, J.F.; REZENDE, C.H.A.; BARBOSA, A.A.A.; CANABRAVA, H.A.N. Levantamento etnobotânico e etnofarmacológico de plantas medicinais em Indianópolis, Minas Gerais, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v. 10, n. 1, p. 49-63, 2008.

CARDON, L.M.; CARVALHO, R.I.N. Métodos de coleta, secagem, armazenamento, destino e condições de transporte da Carqueja e da Espinheira Santa na região metropolitana de Curitiba. **Revista Acadêmica: Ciências Agrárias e Ambientais**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 49-56, 2005.

CARVALHO, J.C.T. **Fitoterápicos anti-inflamatórios**: aspectos químicos, farmacológicos e aplicações terapêuticas. São Paulo: Tecmedd, 2004. 160 p.

CASTELLANI, D.C. **Plantas medicinais**. Viçosa: Agromídia Software, 1999.

CLEMENT, C.R. And the loss of Amazonian crop genetic resources. I. The relation between domestication and human population decline. **Economic Botany**, v. 53, n. 2, p. 188-202, 1999.

COELHO, F.B.R.; DAL BELO, C.A.; LOLIS, S.F.; SANTOS, M.G. Levantamento etnofarmacológico realizado na comunidade Mumbuca localizada no Jalapão-TO. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 2, n. 2, p. 52-55, 2005.

COELHO, L.A.; SILVA, L.C.; MACEDO, G.E.L. Levantamento etnobotânico junto à comunidade da região do Rio Preto do Criciúma, no município de Jequié-BA: uma análise preliminar. **Enciclopédia Biosfera**, Goiânia, v. 6, n. 9, p. 1-17, 2010.

CONSERVATION INTERNATIONAL. **Biodiversity hotspots**. Disponível em: <<http://www.biodiversityhotspots.org/xp/hotspots/Pages/default.aspx>>. Acesso em: 20 out. 2010.

CORREA JUNIOR, C.; MING, L.C.; SCHEFFER, M.C. **Cultivo de plantas medicinais, condimentares e aromáticas**. Curitiba: EMATER-PR, 1991. 151 p.

COSTA, M.D.A.G. **Aspectos etnobotânicos com trabalho com plantas medicinais realizado por curandeiros no município de Iporanga-SP**. 2002. 134 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Agrônômicas) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Botucatu, SP.

CRUZ-SILVA, C.T.A.; PELINSON, A.P.; CAMPELO, A.M. Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na região urbana no município de Quedas do Iguaçu, Paraná. **Cultivando o Saber**, v. 2, n. 1, p. 14-25, 2009.

CRUZ-SILVA, C.T.A.; MORAES, F.L.; DARIVA, F.R. Plantas medicinais utilizadas pela população do município de Guaraniaçu – Paraná. **Cultivando o Saber**, v. 4, n. 2, p. 53-70, 2011.

CUNHA, S.A.; BORTOLOTO, I.M. Etnobotânica de plantas medicinais no Assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, Feira de Santana, v. 25, n. 3, 2011.

CUNHA, L.S.T.; RODRIGUES, E.D.; ALVES, C.; MERRIGAN, T.L.; MELO, T.; GUEDES, M.L.S.; NASCIMENTO, A.F.; TORALLES, M.B. The use of medicinal plants by an indigenous Pataxó community in NE Brazil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 14, n. 1, p. 84-91, 2012.

DIEGUES, A.C. **Etnoconservação**: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: Hucitec/NUPAUB, 2000a. 290 p.

DIEGUES, A.C. (Org.). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2000b.

DISTASI, L.C. **Plantas medicinais**: arte e ciência, um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: Unesp, 1995. 19 p.

DORES, R.G.R.; REHDER, V.L.G.; DUARTE, M.C.T. Validação do uso popular de alguns extratos e óleos essenciais medicinais. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v. 31, n. 255, p. 40-46, 2010.

ELISABETSKY, E. Pesquisas em plantas medicinais. **Ciência e Cultura**, v. 39, n. 8, p. 697-702, 1999.

ELISABETSKY, E. Etnofarmacologia. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 55, n. 3, 2003.

EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL DE MINAS GERAIS – EMATER-MG. **Caracterização da microrregião da Canastra como produtora de queijo Minas artesanal**. Belo Horizonte, 2004. 19 p.

ETKIN, N.L. Anthropological methods in ethnopharmacology. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 38, p. 93-104, 1993.

FERREIRA, M.B. O cerrado em Minas Gerais: gradações e composição florística. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, ano 6, n. 61, p. 2-6, 1980.

FELFILI, J.M.; RIBEIRO, J.F.; FILHO, H.C.B.; VALE, A.T. Potencial econômico da biodiversidade do Cerrado: estágio atual e possibilidades de manejo sustentável dos recursos da flora. In: AGUIAR, L.M.S.; CAMARGO, A.J.A. (Eds.). **Cerrado: ecologia e caracterização**. Brasília: Planaltina/Embrapa Cerrados, 2004. p. 177-220.

FIRMO, W.C.A.; MENEZES, V.J.D.M.; PASSOS, C.E.C.; DIAS, C.N.; ALVES, L.P.L.; DIAS, I.C.L.; NETO, M.S.; OLEA, R.S.G. Contexto histórico, uso popular e concepção científica sobre plantas medicinais. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 18, n. esp., p. 90-95, 2011.

FOLHA DA CANASTRA. **Parque Nacional da Serra da Canastra: clima e topografia**. Disponível em: <<http://www.folhadacanastra.com.br/index.html>>. Acesso em: 06 fev. 2013.

FRANCO, E.A.P.; BARROS, R.F.M. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Revista Brasileira Plantas Medicinais**, Botucatu, v.8, n.3, p.78-88, 2006.

FRIEDMAN, J.; YANIV, Z.; DAFNI, A.; PALEWITCH, D. A preliminary classification of the healing potential of medicinal plants, based on a rational analysis of an ethnopharmacological field survey among bedouins in the negev desert, Israel. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 16, p. 275-287, 1986.

GIACOMETTI, D.C.; CORADIN, L. Conservação *ex situ*. In: DIAS, B.F.S. **Alternativas de desenvolvimento dos cerrados: manejo e conservação dos recursos naturais renováveis**. Brasília: Fundação Pró-Natureza/FUNATURA, 1996. 97 p.

GIRALDI, M.; HANAZAKI, N. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. **Acta Botânica Brasilica**, v. 24, n. 2, p. 395-406, 2010.

GOTTLIEB, O.R.; BORIN, M.R.M.B.; PAGOTTO, C.L.A.C.; ZOCHER, D.H.T. Biodiversidade: o enfoque interdisciplinar brasileiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 3, n. 2, p. 97-102, 1998.

GRANDO, C.; GADOTTI, M.R.; ZENI, A.L.B. **Estudo etnobotânico de plantas utilizadas com fins terapêuticos no entorno do Parque das Nascentes – Guabiruba, SC**. In: SIMPÓSIO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA DA REGIÃO SUL, 2003, Florianópolis. Anais... 2003. p. 322-331.

GUARIM, N.G.; MORAIS, R.G. Recursos medicinais de espécies do Cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. **Acta Botânica Brasilica**, v. 17, n. 4, p. 561-584, 2003.

GURDAL, B.; KULTUR, S. An ethnobotanical study of medicinal plants in Marmaris (Mugla, Turkey). **Journal of Ethnopharmacology**, v. 146, p. 113-126, 2013.

GURIB-FAKIM, A. Medicinal plants: traditions of yesterday and drugs of tomorrow. **Molecular Aspects of Medicine**, v. 27, p. 1-93, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Mapa da vegetação do Brasil**. Rio de Janeiro, 1993.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **IBGE lança o mapa de biomas do Brasil e o mapa de vegetação do Brasil, em comemoração ao Dia Mundial da Biodiversidade**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=169>. Acesso em: 10 maio 2011a.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Cidades**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1.2011>>. Acesso em: 10 maio 2011b.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Reserva Ecológica do IBGE - RECOR**. Disponível em: <<http://www.recor.org.br/index.php/conheca-recor/cerrado>>. Acesso em: 15 jan. 2013a.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Mapas de biomas do Brasil**. Disponível em: <<http://mapas.ibge.gov.br/biomas2/viewer.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2013b.

INSTITUTO BRASILEIRO DE PLANTAS MEDICINAIS - IBPM. Plantas medicinais e fitoterapia no SUS: a política do Ministério da Saúde. **Informativo Eletrônico**, Rio de Janeiro, ano 1, v. 2, 2006.

JACOBY, C.; COLTRO, E.M.; SLOMA, D.C.; MULLER, J.; DIAS, L.A.; BERUSKI, M.L.P. Plantas medicinais utilizadas pela comunidade rural de Guamirim, município de Irati, PR. **Revista Ciências Exatas e Naturais**, v. 4, n. 1, p. 79-89, 2002.

JESUS, N.Z.T.; LIMA, J.C.S.; SILVA, R.M.S.; ESPINOSA, M.M.; MARTINS, D.; MARTINS, T.O. Levantamento etnobotânico de plantas popularmente utilizadas como antiúlcera e antiinflamatórias pela comunidade. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 19, n. 1, p. 130-139, 2009.

JEUVANA, D.; COELHO, V.A.T.; GOMES, F.T. Uso de plantas medicinais pelos moradores da comunidade de Conceição de Ibitipoca, MG. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 5, supl. 1, p. 237-239, 2007.

JORGE, S.S.A.; MORAIS, R.G. **Etnobotânica de plantas medicinais**. Cuiabá: UFMT, 2003. 14 p.

JÚNIOR, A.A.A.; SILVA, A.F.; FONSECA, M.C.M. Conhecimentos tradicionais do uso medicinal das plantas. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v. 31, n. 255, p. 20-26, 2010.

JÚNIOR, S.R.O.; CONCEIÇÃO, G.M. Espécies vegetais nativas do cerrado utilizadas como medicinais pela comunidade Brejinho, Caxias, Maranhão, Brasil. **Cadernos de Geociências**, v. 7, n. 2, 2010.

JÚNIOR, R.G.O.; LAVOR, E.M.; OLIVEIRA, M.R.; SOUZA, E.V.; SILVA, M.A.; SILVA, M.T.N.M.; NUNES, L.M.N. Plantas medicinais utilizadas por um grupo de idosos do município de Petrolina, Pernambuco. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 9, n. 3, p. 16-28, 2012.

KFFURI, C.W. **Etnobotânica de plantas medicinais no município de Senador Firmino (Minas Gerais)**. 2008. 88 p. Dissertação (Mestrado em Fitotecnia) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG.

KLINK, C.A.; MACHADO, R.B. **A conservação do cerrado brasileiro. Megadiversidade**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 148-155, 2005.

KUBU, R.R. **Levantamento de plantas de uso medicinal, em Coronel Bicaco, RS**. 1997. 163 p. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

LEITÃO, F.; FONSECA-KRUEL, V.S.; SILVA, I.M.; REINERT, F. Etnobotânica urbana em Petrópolis e Nova Friburgo (Rio de Janeiro, Brasil). **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 19, n. 1b, p. 333-342, 2009.

LETO, C.; TUTTOLOMONDO, T.; BELLA, S.; MARIOLICATA, M. Ethnobotanical study in the Madonie Regional Park (Central Sicily, Italy) - medicinal use of wild shrub and herbaceous plant species. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 146, p. 90-112, 2013.

LIMA, R.X.; SILVA, S.M.; SILVA, Y.S.K.L.B. Etnobiologia de comunidades continentais da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba - Paraná - Brasil. **Etnoecológica**, v. 4, n. 1, p. 33-55, 2000.

LIMA, C.B.; BELLETTINI, N.M.T.; SILVA, A.S.; CHEIRUBIM, A.P.; JANANI, J.K.; VIEIRA, M.A.V.; AMADOR, T.S. Uso de plantas medicinais pela população da Zona Urbana de Bandeirantes-PR. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 5, supl. 1, p. 600-602, 2007.

LIMA, R.A.; MAGALHÃES, S.A.; SANTOS, M.R.A.D. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas na cidade de Vilhena, Rondônia. **Revista Pesquisa & Criação**, v. 10, n. 2, p. 165-179, 2011.

LOGUERCIO, A.P. Atividade antibacteriana de extrato hidro-alcoólico de folhas de jambolão (*Syzygium cumini* (L.) Skells). **Ciência Rural**, v. 35, n. 3, 2005.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2002. 512 p.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2.ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008. 544 p.

LUCENA, D.S.; SOUZA, P.F.; MARINHO, M.G.V.; FERREIRA, C.D.; LOPES, I.S.; MEDEIROS, J.X. Plantas medicinais utilizadas na comunidade urbana de Lagoa, sertão paraibano. **Biofar - Rev. Biol. Farm.**, Campina Grande, v. 9, n. 1, p. 105-115, 2013.

MACIEL, M.A.M. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Química Nova**, v. 25, n. 3, p. 429-438, 2002.

MAGALHÃES, A. **Perfil etnobotânico e conservacionista das comunidades do entorno da reserva natural Serra das Almas, Ceará – Piuai, Brasil**. 2006. 68 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.

MAIA, E.A.; FRANCISCO, J.; TAINÁ PIRES, T.; MANFREDI-COIMBRA, S. O uso de espécies vegetais para fins medicinais por duas comunidades da Serra Catarinense, Santa Catarina, Brasil. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 11, n. 1, p. 1-21, 2011.

MALHOTRA, N.K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 719 p.

MARAVAI, S.G.; COSTA, C.S.; LEFCHAKO, F.J.; MARTINELLO, O.B.; BECKER, I.R.T.; ROSSATO, A.E. Plantas medicinais: percepção, utilização e indicações terapêuticas de usuários da estratégia saúde da família do município de Criciúma-SC vinculados ao PET-Saúde. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, v. 40, n. 4, p. 69-75, 2011.

MARCHESE, J.A.; MING, L.C.; FRANCESCHI, L.; CAMOCHENA, R.C.; GOMES, G.D.R.; PALADINI, M.V.; CAPELIN, D.; MARCHESE, C.F. Medicinal plants used by “Passo da Ilha” rural community in the city of Pato Branco, southern Brazil. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 81, n. 4, p. 691-700, 2009.

MARINHO, M.G.V.; SILVA, C.C.; ANDRADE, L.H.C. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de caatinga no município de São José de Espinharas, Paraíba, Brasil. **Rev. Bras. Plantas Med.**, Botucatu, v. 13, n. 2, 2011.

MARQUES, S.; ELIZABETE, N. **Plantas medicinais**: histórico. Disponível em: <http://www.geocities.com/plantas_medicinais/historic.htm>. Acesso em: 21 mar. 2013.

MARTINEZ, M.R.; POCHETTINO, M.L. The “farmacia casera” (household pharmacy): a source of ethnopharmacobotanical information. **Fitoterapia**, v. 63, n. 3, p. 209-216, 1992.

MARTINS, E.R. Cultivo de plantas medicinais. In: SEMINÁRIO MINEIRO DE PLANTAS MEDICINAIS, 11, 2005, Diamantina. **Anais...** Diamantina: UFVJM, 2005. p. 17-19.

MARTINS, E.R.; CASTRO, D.M.; CASTELLANI, D.C.; DIAS, J.E. **Plantas medicinais**. Viçosa: UFV, 2003. 220 p.

MATTOS, S.H.; INNECCO, R.; MARCO, C.A.; ARAÚJO, A.V. **Plantas medicinais e aromáticas cultivadas no Ceará**: tecnologia de produção e óleos essenciais. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007. p. 61-63. (Série BNB - ciência e tecnologia, 2).

MEDEIROS, A.C.D.; OLIVEIRA, R.A.G.; MELO, D.M.F.F. Controle da qualidade de remédios caseiros – parte I. **Revista de Biologia e Farmácia – BioFar**, v. 1, n. 1, p. 2-9, 2007.

MENDONÇA, R.C.; FELFINI, J.M.; WALTER, B.M.T. Flora vascular do cerrado. In: SANO, S.M.; ALMEIDA, S.P. **Cerrado, ambiente e flora**. Planaltina: Embrapa/CPAC, 1998. p. 289-556.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 5.ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1998. 269 p.

MING, L.C. **Levantamento de plantas medicinais na Reserva Extrativista "Chico Mendes", Acre**. 1995. Tese (Doutorado em Botânica) – Universidade do Estado de São Paulo, Botucatu, SP.

MING, L.C.; AMARAL JUNIOR, A. Aspectos etnobotânicos de plantas medicinais na Reserva Extrativista "Chico Mendes". Disponível em: <<http://www.nybg.org/bsci/acre/www1/medicinal.html>>. Acesso em: 29 out. 2013.

MITTERMEIER, R.A.; MYERS, N.; THOMSEN, J.B.; FONSECA, G.A.B.; OLIVIERI, S. Biodiversity hotspots and major tropical wilderness areas: approaches to setting conservation priorities. **Conservation Biology**, v. 12, p. 516-520, 1998.

MITTERMEIER, R.A.; MYERS, N.; ROBLES, G.P.; MITTERMEIER, C.G. **Hotspots**: earth's biologically richest and most endangered terrestrial ecoregions. México City: CEMEX, 2000. 430 p.

MOLINA, M.C. **Educação no campo e o retrato do ensino rural no Brasil**. Portal de monitoramento, informação e educação sobre o Semiárido Brasileiro. Disponível em: <<http://www.semiarido.org.br/entrevistas-show/11/0/educacao-no-campo-e-o-retrato-do-ensino-rural-no-brasil>>. Acesso em: 01 abr. 2013.

MORAIS, A.R.; BASTOS, R.P.; VIEIRA, R.; SIGNORELLI, L. Herpetofauna da Floresta Nacional de Silvânia, um remanescente de Cerrado no Brasil Central. **Neotropical Biology and Conservation**, v. 7, n. 2, p. 114-121, 2012.

MORAIS, L.A.S. Influência dos fatores abióticos na composição química dos óleos essenciais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE OLERICULTURA E HORTICULTURA BRASILEIRA, 49, 2009. **Anais...** 2009.

MOREIRA, D.L.; GUARIM-NETO, G. Usos múltiplos de plantas do cerrado: um estudo etnobotânico na comunidade Sítio Pindura, Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. **Polibotânica**, México, n. 27, p. 159-190, 2009.

MOSCA, V.P.; LOIOLA, M.I.B. Uso popular de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, nordeste do Brasil. **Revista Caatinga**, Mossoró, v. 22, n. 4, p. 225-234, 2009.

MOSSI, A.J. **Variabilidade genética e de compostos voláteis e semi-voláteis de *Maytenus ilicifolia* Mart. ex Reiss.** 2003. Tese (Doutorado em Ciência) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.

MYERS, N.; MITTERMEIER, R.A.; MITTERMEIER, C.G.; FONSECA, G.A.B.; KENT, J. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature**, v. 403, p. 853-858, 2000.

NETO, G.G.; MORAIS, R.G. Recursos medicinais de espécies do cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. **Acta Botânica – Brasilica**, v. 17, n. 4, p. 561-584, 2003.

NEVES, M.C.M. **Plantas medicinais: diagnóstico e gestão**. Brasília: IBAMA, 2001. 52 p. (Série Meio Ambiente em Debate, 35).

NOLDIN, V.F.; CECHINEL FILHO, V.; MONACHE, F.D.; BENASSI, J.C.; CHRISTMANN, I.L.; PEDROSA, R.C.; YUNES, R.A. Composição química e atividades biológicas das folhas de *Cynara scolymus* L. (alcachofra) cultivada no Brasil. **Química Nova**, São Paulo, v. 26, n. 3, 2003.

OLIVEIRA, H.B. **Estudo etnofarmacológico de plantas medicinais em Rosário da Limeira-MG**. 2008. 84 p. Dissertação (Mestrado em Fitotecnia) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG.

OLIVEIRA, E.R.; MENINI NETO, L.M. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte, MG. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v. 14, n. 2, 2012.

OLIVEIRA, O.F.V.; GONDIM, M.J.C. Plantas medicinais utilizadas pela população de Caldas Novas, GO e o conhecimento popular sobre a faveira (*Dimorphandra mollis* Benth-Mimosoideae). **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 8, n. 1, p. 156-169, 2013.

OLIVEIRA JÚNIOR, S.R.; CONCEIÇÃO, G.M. Espécies vegetais nativas do cerrado utilizadas como medicinais pela comunidade Brejinho, Caxias, Maranhão, Brasil. **Cadernos de Geociências**, v. 7, n. 2, 2010.

OLIVEIRA, G.L.; OLIVEIRA, A.F.M.; ANDRADE, L.H.C. Plantas medicinais utilizadas na comunidade urbana de Muribeca, Nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 24, n. 2, p. 571-577, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS. **CID-10**: classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde. São Paulo: EDUSP, 2000.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD – OMS. **Pautas generales para las metodologías de investigación y evaluación de la medicina tradicional**. Ginebra, 2002. 75 p.

PASA, M.C. Saber local e medicina popular: a etnobotânica em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi - Ciência Humana**, Belém, v. 6, n. 1, p. 179-196, 2011.

PASA, M.C.; SOARES, J.J.; NETO, G.G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu - Alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 19, n. 2, p. 195-207, 2005.

PAULA, K.B.S.; CRUZ-SILVA, C.T.A. Formas de uso medicinal da babosa e camomila pela população urbana de Cascavel, Paraná. **Acta Scientiarum Health Science**, v. 39, n. 2, p. 169-176, 2010.

PENSO, G. The role of WHO in the selection a characterization of medicinal plants (vegetable drugs). **Journal of Ethnopharmacology**, v. 2, n. 3, p. 183-188, 1980.

PEREIRA, H. Biodiversidade: a biblioteca da vida. In: RIVAS, A.; FREITAS, C.E.C. (Orgs.). **Amazônia**: uma perspectiva interdisciplinar. Manaus: EDUA, 2002. p. 1-32.

PEREIRA, R.C.; OLIVEIRA, M.T.R.; LEMOS, G.C.S. Plantas utilizadas como medicinais no município de Campos de Goytacazes - RJ. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 14, n. 1, p. 37-40, 2004.

PEREIRA, A.J.; ZENI, A.L.B.; ESEMANN-QUADROS, K. Etnobotânico de espécies medicinais em Gaspar Alto Central, SC. **Revista Científica Eletrônica de Engenharia Florestal**, ano 9, v. 18, n. 1, 2011.

PEREIRA, N. **Atlas rural brasileiro revela baixa escolaridade dos agricultores**. Disponível em: <<http://www.jornaldebetrato.com.br/educacao/atlas-rural-brasileiro-reve-la-baixa-escolaridade-dos-agricultores-79603/>>. Acesso em: 01 abr. 2013.

PESSOA, D.L.R.; CARTÁGENES, M.S.S. Utilização de plantas medicinais por moradores de dois bairros na cidade de São Luís, estado do Maranhão. **Enciclopédia Biosfera**, Goiânia, v. 6, n. 11, p. 1-9, 2010.

PHILLIPS, O.E.; GENTRY, A.H. The useful plants of Tamboapata, Peru: II. Additional Hypothesis testing in quantitative ethnobotany. **Economic Botany**, v. 47, n. 1, p. 33-43, 1993.

PILLA, M.A.C.; AMOROZO, M.C.M.; FURLAN, A. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. **Acta Botânica Brasilica**, v. 20, n. 4, p. 789-802, 2006.

PINTO, E.P.P.; AMOROZO, M.C.M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica - Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, n. 4, p. 751-762, 2006.

PINTO, S.M.E.; TRESVENZOL, L.M.F.; JOHN, R.R.L.; ALVES, E.O.; PAULA, J.R.; FIUZA, T.S. Uso popular de plantas medicinais pelas comunidades de Três Lagoas, MS, Porto Velho, RO, e Rio Verde, GO. **Infarma, Ciências Farmacêuticas**, v. 25, n. 2, p. 87-97, 2013.

POSEY, Darell. The 'balance sheet' and the 'sacred balance': valuing the knowledge of indigenous and traditional peoples. **Worldviews**, v. 2, n. 2, p. 91-106, 1998.

PRETTY, J.N.; GUIJT, A.; SCOONES, I.; THOMPSON, J. **Trainers guide for participatory learning and action**. London: International Institute for Environment and Development, 1995. 267 p.

QUEIROZ, E.F. A biodiversidade brasileira como fonte de novos fitoterápicos. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE FITOTERAPIA, 3, 2012, Foz do Iguaçu. **Anais...** 2012.

QUINTEIRO, M.M.D.C.; MORAES, M.G.D. Medicina popular em um trecho de mata atlântica: a importância da revalorização de práticas tradicionais. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Florianópolis, v. 7, n. 58, 2012.

RIBEIRO, J.F.; WALTER, B.M.T. Fitofisionomias do bioma Cerrado. In: SANO, S.P.A. **Cerrado: ambiente e flora**. Brasília: EMBRAPA, 1998. p. 89-116.

RIBEIRO, B.O.L.; SILVA, L. A. A.; NETO, A.Q. Educação rural em Minas Gerais: gênese das escolas municipais de Ituiutaba (anos 1940). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 46, p. 74-93, 2012.

ROCHA, M.A. **Fitoterapia**. Disponível em: <<http://www.geocities.com/Athens/Parthenon/5140/Substveg.htm>>. Acesso em: 22 out. 2010.

RODRIGUES, A.G. **Biodiversidade e etnociência de plantas medicinais da comunidade de Miguel Rodrigues-MG**. 2002. 191 p. Tese (Doutorado em Fitotecnia) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG.

RODRIGUES, C.L. **Educação no meio rural**: um estudo sobre salas multisseriadas. 2009. 209 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

RODRIGUES, A.G.; SIMONI, C.D. Plantas medicinais no contexto de políticas públicas. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v. 31, n. 255, p. 7-12, 2010.

RODRIGUES, E.; CARLINI, E.L.A. Levantamento etnofarmacológico realizado entre um grupo de quilombolas do Brasil. **Arquivos Brasileiros de Fitomedicina Científica**, v. 1, n. 2, p. 80-87, 2003.

RODRIGUES, A.G.; CASALI, V.W.D. Plantas medicinais, conhecimento popular e etnociência. In: RODRIGUES, A.G.; ANDRADE, F.M.C.; COELHO, F.M.G.; COELHO, M.F.B.; AZEVEDO, R.A.B.; CASALI, V.W.D. **Plantas medicinais e aromáticas**: etnoecologia e etnofarmacologia. Viçosa: UFV, 2002. p. 25-76.

RODRIGUES, A.C.C.; GUEDES, M.L.S. Utilização de plantas medicinais no Povoado Sapucaia, Cruz das Almas – Bahia. **Revista Brasileira Plantas Medicinais**, Botucatu, v. 8, n. 2, p. 1-7, 2006.

RODRIGUES, A.G.; ANDRADE, F.M.C.; COELHO, F.M.G.; COELHO, M.F.B.; AZEVEDO, R.A.B.; CASALI, V.W.D. **Plantas medicinais e aromáticas**: etnoecologia e etnofarmacologia. Viçosa: UFV, 2002. 320 p.

ROMERO, R.; NAKAJIMA, J.N. Espécies endêmicas do Parque Nacional da Serra da Canastra, Minas Gerais. **Rev. Bras. Bot.**, São Paulo, 2011.

SANTOS, J.F.L.; AMOROZO, M.C.M.; MING, L.C. Uso de plantas medicinais na comunidade rural da Vargem Grande, município de Natividade da Serra, SP. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 10, n. 3, p. 67-81, 2008.

SANO, E.E.; ROSA, R.; BRITO, J.L.S.; FERREIRA, L.G. Mapeamento semidetalhado do uso da terra do Bioma Cerrado. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, v. 43, n. 1, p. 153-156, 2008. Disponível em: <<http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/AI-SEDE/42044/1/43n01a20.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2012.

SARTI, S.J.; CARVALHO, J.C.T. Fitoterpia e fitotrâpicos. In: _____. **Fitoterâpicos anti-inflamatório**: aspectos químicos, farmacológicos e aplicações terapêuticas. Tecmed, 2004. p. 161.

SAVIKIN, K.; ZDUNIC, G.; MENKOVIC, N.; ZIVKOVIC, J.; CUJIC, N.; TERESCENKO, M.; BIGOVIC, D. Ethnobotanical study on traditional use of medicinal plants in South-Western Serbia, Zlatibor district. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 146, p. 803-810, 2013.

SBAZÓ, V.T. The history of a concept, its possibilities and limitations. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ETNOBOTÁNICA, 2, 1997, Mérida, Yucatan. **Anales...** 1997. p. 71.

SCHARDONG, R.M.F.; CERVI, A.C. Estudos etnobotânicos das plantas de uso medicinal e místico na comunidade de São Benedito, bairro São Francisco, Campo Grande, MS, Brasil. **Acta Biológica Paranaense**, v. 29, n. 1/4, p. 187-217, 2000.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM COMERCIAL - SENAC. Disponível em: <http://descubraminas.com.br/Turismo/DestinoLocalizacao.aspx?cod_destino=200>. Acesso em: 26 out. 2012.

SHELDON, J.W.; BALICK, M.J.; LAIRD, S.A. New York: Botanical Garden, 1997. p. 87-92.

SILVA, L.H. Educação do campo e pedagogia da alternância. **Revista de Ciências da Educação Sísifo**, n. 5, p. 105-112, 2008.

SILVA, F.; CASALI, V.W.D. **Plantas medicinais e aromáticas**: pós-colheita e óleos essenciais. 2.ed. Viçosa: UFV, 2000. 159 p.

SILVA, C.S.P.P.; PROENÇA, C.E.B. Uso e disponibilidade de recursos medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botânica Brasilica**, v. 22, n. 2, 2008.

SILVA, J.A.; BÜNDCHEN, M. Conhecimento etnobotânico sobre as plantas medicinais utilizadas pela comunidade do Bairro Cidade Alta, município de Videira, Santa Catarina, Brasil. **Unoesc & Ciência – ACBS**, Joaçaba, v. 2, n. 2, p. 129-140, 2011.

SILVA, S.R.; BUITRÓN, L.H.O.; MARTINS, M.V. **Plantas medicinais do Brasil**: aspectos gerais sobre legislação e comércio. Quito, Equador: TRAFFIC América do Sul-IBAMA, 2001. 44 p.

SILVA, F.S.; MACEDO, R.L.G.; VENTURIM, N.; MORAIS, V.M.; GOMEZ, J.E. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais da zona rural do município de Piumhi - Minas Gerais. **Revista Científica Eletrônica de Engenharia Florestal**, n. 6, 2005.

SILVA, M.N.D.; FERREIRA, V.F.; SOUZA, M.C.B.V.D. Um panorama atual da química e da farmacologia de naftoquinonas, com ênfase na b-lapachona e derivados. **Química Nova**, São Paulo, v. 2, n. 3, 2003.

SILVA, M.D.; DREVECK, S.; ZENI, A.L.B. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela população rural no entorno do Parque Nacional da Serra do Itajaí – Indaial. **Revista Saúde e Ambiente/Health and Environment Journal**, v. 10, n. 2, 2009.

SILVA, F.; CASALI, V.W.D.; LIMA, R.R.A. Qualidade pós-colheita de *Achillea millefolium* L., *Origanum vulgare* L. e *Petroselinum crispum* (Miller) A.W. Hill em três embalagens. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 2, n. 1, p. 37-41, 1999.

SILVA, N.L.A.; MIRANDA, F.A.A.; CONCEIÇÃO, G.M. Triagem fitoquímica de plantas de cerrado, da área de proteção ambiental municipal do Inhamum, Caxias, Maranhão. **Scientia Plena**, v. 6, n. 2, 2010.

SILVANO, D.L.; COLLI, G.R.; DIXO, M.B.O.; PIMENTA, B.V.S.; WIEDERHECKER, H.C. Anfíbios e répteis. In: RAMBALDI, D.M.; OLIVEIRA, D.A.S. (Eds.). **Fragmentação de ecossistemas**: causas, efeitos sobre a biodiversidade e recomendações de políticas públicas. Brasília: Ministério do Meio Ambiente/Secretaria de Biodiversidade e Florestas, 2003. p. 183-200.

SOARES, M.A.A.; BRAGA, J.R.P.; MOURÃO, A.E.B.; PARENTE, K.M.S.; PARENTE FILHO, E.G.G. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais utilizadas pela população do município de Gurinhém – Paraíba. **Revista Homem, Espaço e Tempo**, p. 36-47, 2009.

SOLER, O. **Biodiversidade, bioeconomia & fitoterapia**. 2000. 32 p. Tese (Doutorado em Ciências Sócio-Ambientais) - Universidade Federal do Pará, Belém, PA.

SOUSA, R.C.; OLIVEIRA NETO, A.R.; PINTO, M.A.; SILVA, I.R.; MORAES, S.C.; GOMES, M.L. Etnobotânica: o uso e manejo de *Plectranthus barbatus* no combate de problemas hepáticos. In: CONGRESSO DE ECOLOGIA DO BRASIL, 8, 2007, Caxambu, MG. **Anais...** 2007.

SOUSA, M.J.M.; MORAL, F.F.; NASCIMENTO, G.N.L.; SOARES, N.P.; AVERSI-FERREIRA, T.A. Medicinal plants used by Itamaraty community nearby Anápolis, Goiás State, Brazil. **Acta Scientiarum. Health Sciences Maringá**, v. 32, n. 2, p. 177-184, 2010.

SOUZA, A.; COSTA, M. **O circuito da Canastra**. Disponível em: <http://www.serradacanastra.com.br/circuitodacanastra/circuito_da_canastra.html>. Acesso: 06 fev. 2013.

SOUZA, M.Z.S.; ANDRADE, L.R.S.; FERNANDES, M.S.M. Levantamento sobre plantas medicinais comercializadas na feira livre da cidade de Esperança, PB. **Revista de Biologia e Farmácia – BioFar**, v. 5, n. 1, p. 111-118, 2011.

VIERTLER, R.B. Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnoecologia. In: AMOROZO, M.C.M.; MING, L.C.; SILVA, S.M.P. **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro: Unesp, 2002. p. 12-29.

VIGANÓ, J.; VIGANÓ, J.A.; CRUZ-SILVA, C.T.A. Utilização de plantas medicinais pela população da região urbana de Três Barras do Paraná. **Acta Scientiarum. Health Sciences**, Maringá, v. 29, n. 1, p. 51-58, 2007.

VILA VERDE, G.M.; PAULA, J.R.; CANEIRO, D. M. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais do cerrado utilizadas pela população de Mossâmedes (GO). **Rev. Bras. Farmacognosia**, v. 13, p. 64-66, 2003.

VIU, A.F.M.; CAMPOS, L.Z.O.; VIU, M.A.O.; SANTOS, C.S. Etnobotânica e preservação do bioma Cerrado no município de Jataí – GO. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 2, p. 1282-1286, 2007.

WARWICK, D.P.; LININGER, C.A. **The sample survey: theory and pratic**. New York: McGraw-Hill, 1975. 344 p.

WWF. **Expansão agrícola e perda da biodiversidade no cerrado**: origens históricas e o papel do comércio internacional. Brasília, 2000.

XOLOCOTZI, E.H. **Exploración etnobotánica y su metodología**. Chapingo: S.A.G., 1971. 188 p.

YAMAMOTO, P.Y. **Interação genótipo x ambiente na produção e composição de óleos essenciais de *Lippia alba* (Mill.) N. E. Br.** 2006. Dissertação (Mestrado em Agricultura Tropical e Subtropical) - Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

YUNES, R.A.; CALIXTO, J.B. **Plantas medicinais sob a ótica da Química Medicinal Moderna**. Chapecó: Argos, 2001. 500 p.

ZENI, A.L.B.; BOSIO, F. Medicinal plants used in the Nova Russia. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v. 8, p. 167-171, 2006.

ZENI, A.L.B.; BOSIO, F. O uso de plantas medicinais em uma comunidade rural de Mata Atlântica – Nova Rússia, SC. **Neotropical Biology and Conservation**, Botucatu, v. 6, n. 1, p. 55-63, 2011.

APÊNDICE A
QUESTIONÁRIO UTILIZADO NAS ENTREVISTAS COM PESSOAS
RESIDENTES NA REGIÃO DA SERRA DA CANASTRA

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

N.º

Data: / /

Local: () Bambuí () Medeiros

A) DADOS DO ENTREVISTADO

1. Nome:
2. Endereço:
3. Data de nascimento: / / anos: Sexo: M () F ()
4. Estado civil: Casado () Solteiro () Divorciado () Viúvo ()
5. Grau de instrução: Alfabetizado () Não alfabetizado ()
6. Naturalidade:
7. Área rural () Urbana ()
8. Moradia. Sempre morou aqui? Sim () Não ()
9. Se sim, tempo de residência no município: () 1-5 () 6-10 () +10 anos
10. Se não onde morou:
11. Moradia própria: Sim () Não ()
12. Saneamento básico: Sim () Não ()
13. Profissão atual:
14. Ocupação anterior:
15. Ocupação principal:
16. Ocupação secundária:
17. O(a) Sr.(a) vive de quê (renda familiar)?
 - () produtos da roça
 - () própria terra
 - () meia
 - () arrendamento
 - () aposentadoria
 - () salário
18. Renda mensal? 1 a 2 salários () 3 a 6 salários () 7 a 10 salários () + de 10 salários ()

B) QUESTÕES SOBRE A SAÚDE

1. Você se considera uma pessoa saudável? Sim () Não ()
2. Toma algum medicamento? Sim () Não () Se sim, qual medicamento: _____
3. Possui alguma patologia (doença)? Sim () Não () Se sim, qual: _____
4. O que o(a) Sr.(a) faz quando alguém adoece?
5. Possui plano de saúde: Sim () Não ()
6. Acesso a saúde SUS: Sim () Não ()
7. O agente de saúde visita sua casa? Sim () Não ()
8. Utiliza plantas medicinais no tratamento? Sim () Não () Se sim, qual: _____
9. O agente de saúde sabe que você usa plantas medicinais no tratamento? Sim () Não ()
10. O médico ou agente de saúde já recomendou alguma planta medicinal ou fitoterápico?
11. Qual a maneira que você usa as plantas medicinais na procedência de algum problema de saúde?
 - () chá
 - () inalação
 - () pomada
 - () xarope
 - () outras: _____
12. Quantas vezes na semana você utiliza a planta medicinal?
13. Qual o nome você denomina estas plantas?
 - () planta para chá
 - () planta para remédio
 - () planta medicinal
 - () outros: _____
14. O(a) Sr.(a) faz atendimento com plantas medicinais: Sim () Não ()
15. Para quem o(a) Sr.(a) receita: () Parentes () Amigos () Outros
16. O(a) Sr.(a) recebe alguma ajuda por esse trabalho? Sim () Não ()
17. Se sim, de que tipo?
18. Se não, por quê?
19. Onde o Sr.(a) atende as pessoas para receitar? () Em casa () Outros
20. Há quanto tempo o(a) Sr.(a) usa ou trabalha com plantas? () 1-5 () 5-10 () + 10 anos
21. Com quem o(a) Sr.(a) aprendeu a usar as plantas?
 - () pai
 - () avó
 - () tios
 - () mãe
 - () avô
 - () vizinhos
 - () outros

22. Como o Sr.(a) aprendeu usar as plantas?
23. O(a) Sr.(a) ensina alguém sobre as plantas? () Sim () Não Se não, por quê?
24. Onde vivem as pessoas que o(a) Sr.(a) ensinou? () Aqui () Noutras cidades
25. O(a) Sr.(a) acha que todas as doenças podem ser curadas com plantas? () Sim () Não
Por quê?
26. Existe alguma planta que não pode ser receita? () Sim () Não Qual?
27. O(a) Sr.(a) procura médico? Sim () Não ()
28. Vocês vão sempre ao médico?
29. Se sim, quando?
30. Se não, por quê?
31. Quando a pessoa deve procurar um médico?
32. O que vocês usam mais? Medicamento de farmácia () Plantas ()
33. Já aconteceu de alguém substituir o remédio de farmácia por remédio de plantas?
Sim () Não ()
34. Deu certo? Sim () Não ()
35. O(a) Sr.(a) pode me dar alguns exemplos de plantas que podem substituir remédios de farmácia?

C) DADOS DE COLETA E PREPARAÇÃO

1. O que o(a) Sr.(a) faz para que as plantas usadas no dia a dia não acabem?
2. Quantas vezes o(a) Sr.(a) colhe as plantas por ano?
3. O que o(a) Sr.(a) observa na planta na hora da colheita?
4. Depois da colheita quanto tempo pode ser utilizada a planta colhida?
5. O(a) Sr.(a) faz o plantio de plantas medicinais?

APÊNDICE B
COLETA DE DADOS MUNICÍPIO MEDEIROS, MG

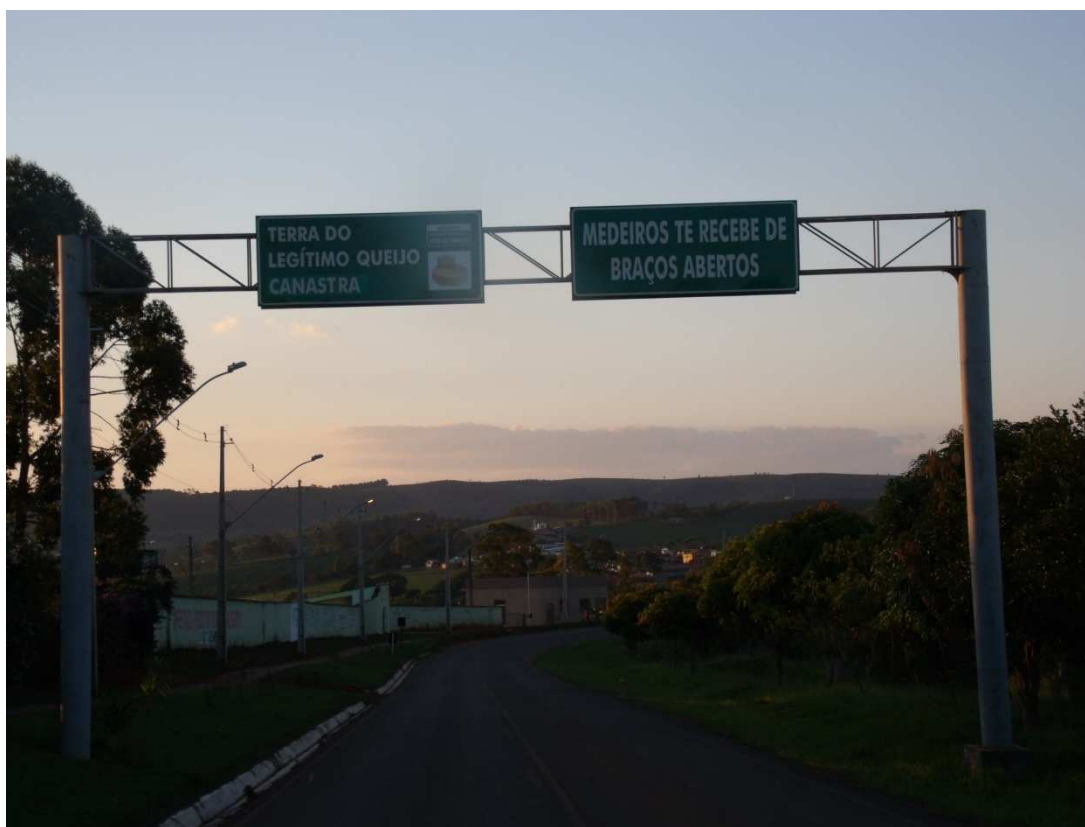


Figura 12B - Marco de entrada da cidade de Medeiros, MG.



Figura 13B - Igreja Matriz de São José da cidade de Medeiros, MG.

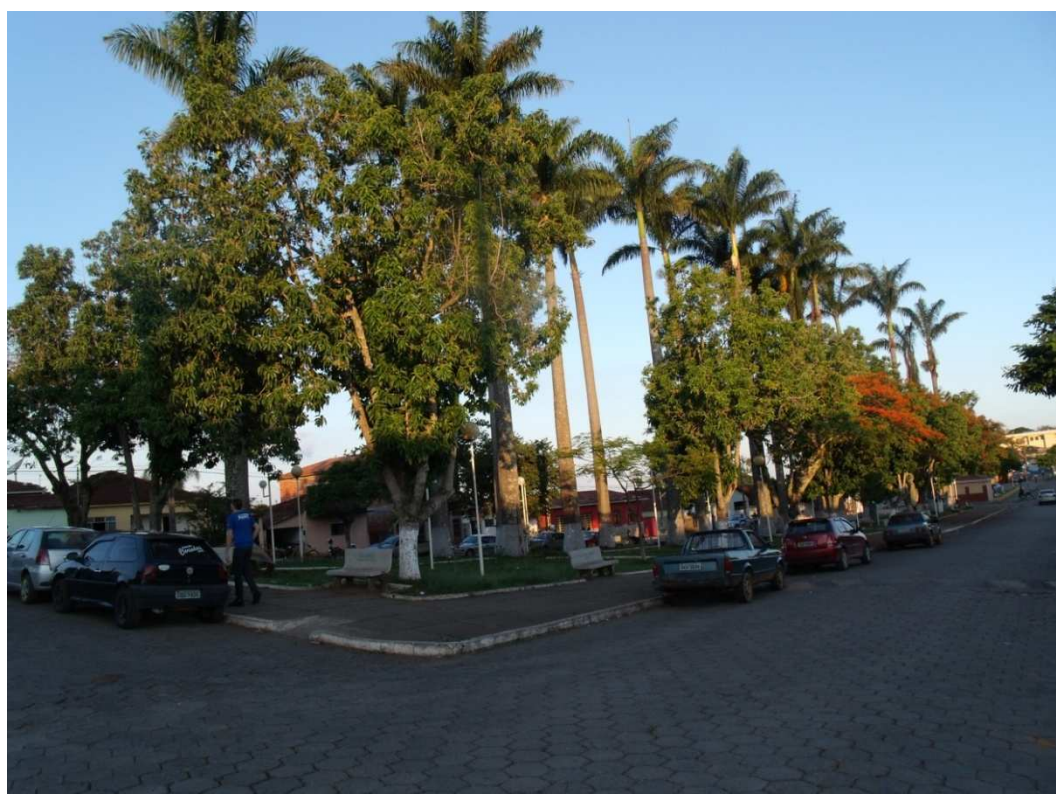


Figura 14B - Praça central da cidade de Medeiros, MG.



Figura 15B - Casa de informante de Medeiros, MG, residente em área rural na região do Cervo.



Figura 16B - Casa de informante de Medeiros, MG, residente em área rural na região do Cervo.



Figura 17B - Casa do Sr. JL e Sra. EAS: quintal com plantas medicinais, área rural de Medeiros, MG.



Figura 18B - Visita ao campo de plantas medicinais com o Sr. JL, na área rural de Medeiros, MG.



Figura 19B - Casa do Sr. BJS, área rural de Medeiros, MG.



(a)



(b)

Figura 20B - Casa do Sr. BJS - horta medicinal na área rural de Medeiros, MG: (a) cana-de-macaco e (b) pé de chuchu.



(a)



(b)

Figura 21B - Casa do Sr. JAC: (a) vista frontal e (b) detalhe da horta medicinal.



Figura 22B - Quintal da casa da Sra. VMLS (informante e referência em plantas medicinais), na zona urbana de Medeiros, MG.

APÊNDICE C
COLETA DE DADOS MUNICÍPIO BAMBUÍ, MG



Figura 23C - Praça central da cidade de Bambuí, MG.



Figura 24C - Sr. JC, coletando dados no campo de cerrado, na área de Campo Alegre, Bambuí, MG.



Figura 25C - Casa da Sra. ELLM, área urbana, bairro Lava Pés, Bambuí, MG.



Figura 26C - Casa da Sra. EBS, área urbana, bairro Lava Pés, Bambuí, MG.



Figura 27C - Casa do Sr. D, área rural, área Ponte Alta, Bambuí, MG.



Figura 28C - Casa do Sr. JVG, área urbana, bairro Cerrado, Bambuí, MG.



Figura 29C - Campo de cerrado com Sr. JVG, Campos, Bambuí, MG.



Figura 30C - Campo de cerrado com Sr. ASB, área rural, região de Pau Ferro, Bambuí, MG.

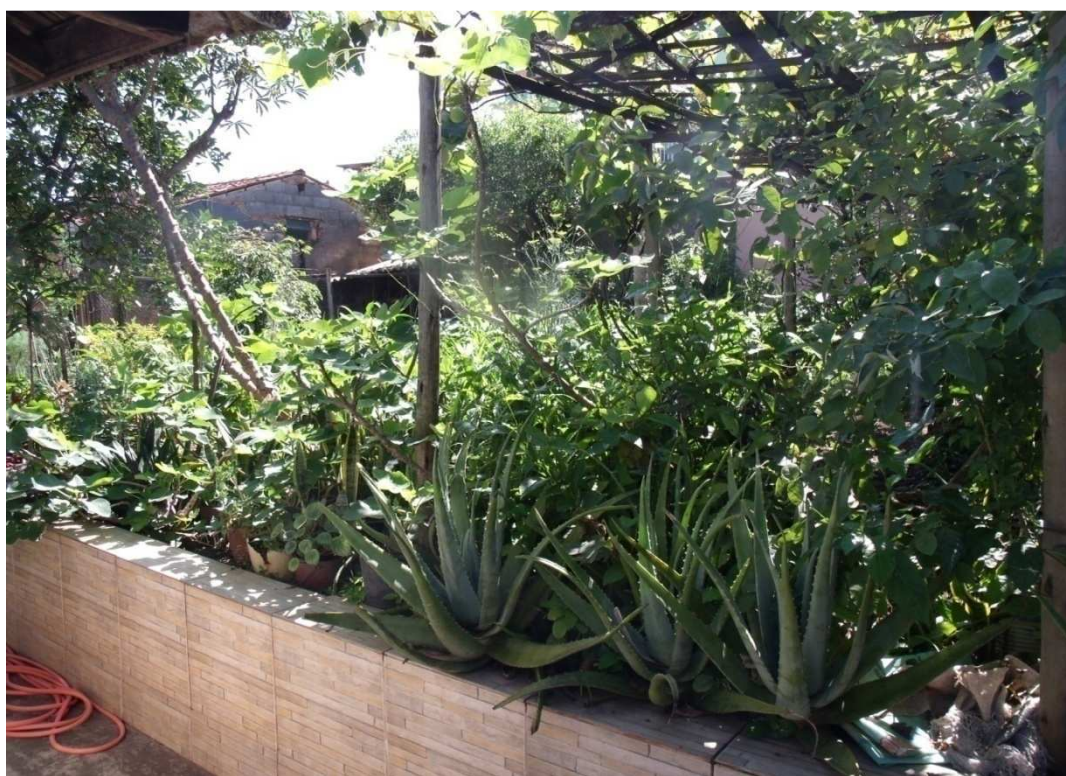


Figura 31C - Casa da Sra. MC (informante da pesquisa): quintal com plantas medicinais, área urbana, Bambuí, MG.



Figura 32C - Casa do Sr. AFS (informante da pesquisa), quintal com plantas medicinais, área urbana, Bambuí, MG.



Figura 33C - Quintal de plantas medicinais da Sra. ARED (informante), na zona rural, região de Araras, Bambuí, MG.